

SORAIA DIAS CICCONE

**CRIATIVIDADE
NA OBRA DE D. W. WINNICOTT**

**PUC - CAMPINAS
2013**

SORAIA DIAS CICCONE

**CRIATIVIDADE
NA OBRA DE D. W. WINNICOTT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Pereira Fulgencio Junior.

**PUC - CAMPINAS
2013**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas – Processos Técnicos

t153.35 C568c	<p>Ciccone, Soraia Dias. Criatividade na obra de D. W. Winnicott / Soraia Dias Ciccone. - Campinas: PUC-Campinas, 2013. 137p.</p> <p>Orientador: Leopoldo Fulgencio. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Cam- pinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Criatividade. 2. Winnicott, D. W. (Donald Woods), 1896-1971. 3. Self (Psicologia). 4. Psicanálise. 5. Brincadeiras. I. Fulgencio, Leopoldo. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>22. ed.CDD – t153.35</p>
------------------	---

SORAIA DIAS CICCONE

**CRIATIVIDADE
NA OBRA DE D. W. WINNICOTT**

BANCA EXAMINADORA

Leopoldo Fulgencio Jr.

PRESIDENTE: PROF. DR. LEOPOLDO PEREIRA FULGENCIO JUNIOR

Elisa Maria Ulhoa Cintra

PROF^a. DR^a. ELISA MARIA DE ULHOA CINTRA

Tania Avelly Vaisberg

PROF^a. DR^a. TANIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG

**PUC - CAMPINAS
2013**

**Para meus filhos,
Guilherme, Andrea e Leonardo,
por compartilharem cada passo
desta minha jornada.**

Agradecimentos

Agradecer é reconhecer a ajuda recebida, a palavra proferida em momentos significativos; é reconhecer o apoio, a troca, o incentivo, a compreensão, a acolhida, a paciência e principalmente, a amizade.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas e sua Reitoria e Pró-Reitoria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, e ao CAPES.

Ao corpo docente e aos funcionários da secretaria da Pós-Graduação, em especial a Elaine, Eliana e Maria Amélia.

Ao meu orientador Professor Doutor Leopoldo Pereira Fulgencio Junior, pelo constante apoio teórico e técnico, pelas aulas e orientações que tanto me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores doutores que participaram da banca de qualificação, Prof. Dr. João Paulo Barreta e Prof.^a Dra. Tânia Granato, ao apresentaram importantes observações contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores doutores: Prof.^a Dra. Elisa Maria de Ulhoa Cintra e Prof.^a Dra. Tania Maria José Aiello Vaisberg com sua presença na banca de defesa e aos Prof.^a Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida e Prof.^a Dra. Yvette Piha Lehman, Prf.^a Dra. Denise Sanchez Careta e Prf.^a Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza que gentilmente aceitaram o convite para participação da banca de defesa.

Aos colegas do grupo de pesquisa, Carol Cruz, Marília, Sylvia, Ricardo, Maria Salete, Bruna, João, Lauren, Chaiene e Mateus.

Aos amigos e companheiros de viagem São Paulo – Campinas: Bruna, Evandro, Eveline, Ricardo, Thiago e Walkiria, pelos alegres momentos compartilhados que muito contribuíram para descontrair e pelas longas conversas que trouxeram verdadeiros *insights*.

Ao Professor Doutor Joaquim Gonçalves Coelho Filho, por me apresentar à teoria winnicottiana, pelo incentivo, apoio e amizade.

Ao Professor Mestre Davy Bogomoletz, pela amizade construída através de longas e deliciosas discussões e supervisões.

À Maria de Fátima Dias, pelo cuidado, atenção e escuta e por me mostrar, na prática, a beleza dessa teoria.

A todos os amigos que torceram por mim, pelo apoio, incentivo e carinho e um agradecimento especial a Alessander Palma, Antônio Carlos Possa, Dulce Soares, Marcia Chicareli, Maria José, Minerva e Rosana.

Aos meus pacientes, pelo aprendizado.

Aos meus pais, por existirem.

Aos meus filhos, Guilherme, Andrea e Leonardo, pela presença em minha vida, pelo constante estímulo e incentivo e pelo amor incondicional que me fortalece a cada dia.

Resumo

CICCONE, Soraia Dias. *Criatividade na obra de D. W. Winnicott*. 2013. 137p. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2013.

A criatividade surge na obra de Winnicott como fundamento da existência saudável, diferindo das teorias psicanalíticas clássicas sobre a criatividade referidas à teoria da sublimação. Desta forma, abre caminho para uma nova perspectiva de compreensão dos fundamentos da natureza humana do ponto de vista da psicanálise. Criar e viver são temas fundamentais na teoria winnicottiana, sendo que nesta a criatividade se aproxima e se inter-relaciona com o sentimento de estar vivo e à percepção da própria existência, assim como a percepção de que é através do gesto criativo que podemos sentir e expressar nossa verdadeira identidade. Pretende-se mostrar que a criatividade está para Winnicott associada diretamente com a continuidade de ser, com a expressão do verdadeiro *self*, o gesto espontâneo e a atividade do brincar, sendo, até mesmo, em certo sentido, o fundamento destes fenômenos. Nessa direção, poderemos abordar a diferença entre os diversos tipos de criatividade, seja a que permeia a vida do homem comum, seja a do artista.

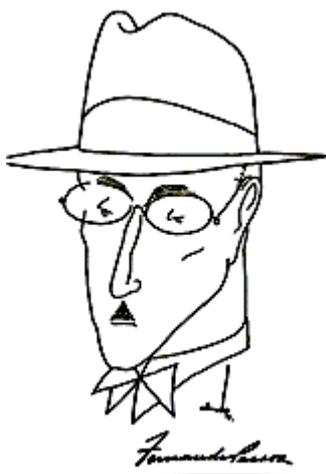
Palavras chave: Criatividade; Verdadeiro *self*, Continuidade do Ser; Brincar.

Abstract

CICCONI, Soraia Dias. Creativity in the Works of D. W. Winnicott. 2013. 137p. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2012.

Creativity appears in the works of W. D. Winnicott as the fundament of healthy existence, differing from the classic psychoanalytical theories about creativity that refer to the theory of sublimation. Thus, it paves the way to a new perspective in understanding the fundamentals of human nature from the point of view of psychoanalysis. Creation and living are fundamental themes in Winnicott's theory, in which creativity is close to and inter-related with the feeling of being alive and the perception of one's own existence, as well as the perception that it is through the creative gesture that we can feel and express our true identity. It is intended to show that creativity to Winnicott is associated with the continuity of being, the expression of true self, with the spontaneous gesture and play, and even, in a sense, the foundation of these phenomena. In this direction, we can highlight the difference between several types of creativity, being it either the type that permeates the ordinary man's life, or the artist's life.

Key words: Creativity; Continuity of being; True self; Play.



Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

*Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o
meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.*

Fernando Pessoa (1995)

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1. Aspectos gerais da questão da criatividade na psicanálise do ponto de vista de Freud.....	18
1.1. Desenvolvimento do conceito de sublimação.....	20
1.2. O uso do conceito de sublimação na obra de Winnicott.....	29
Capítulo 2. A questão do ser como fundamento da teoria do desenvolvimento emocional.....	38
2.1. A importância da noção de ser para Winnicott.....	43
2.2. A noção de continuidade de ser e de tendência inata à integração.....	49
Capítulo 3. Aspectos gerais da teoria do desenvolvimento emocional para compreensão da noção de criatividade.....	59
3.1. As fases do processo de amadurecimento e sua relação com a criatividade.....	63
3.2. O verdadeiro <i>self</i> e o gesto espontâneo como sinônimos do ser criativo.....	75
3.3. Ser e reagir.....	78
3.4. A transicionalidade e o brincar.....	82
Capítulo 4. Usos e sentidos da noção de criatividade na obra de Winnicott	89
4.1. A questão da criatividade na obra de Winnicott.....	90
4.2. A criatividade do bebê.....	101
4.3. A criatividade necessária para o brincar.....	102
4.4. A criatividade no processo psicoterapêutico.....	105
4.5. A criatividade do artista e a criatividade do homem comum.....	108
4.6. A vida sem criatividade.....	112
Considerações finais	115
Referências Bibliográficas	118

Introdução

A criatividade, assim como as artes de maneira geral, é uma forma de comunicação e de expressão utilizada pelo homem desde os primórdios de nossa existência, sempre exercendo um grande fascínio e até mesmo certa perplexidade. Tanto que o poeta afirma: “Viver não é necessário, o que é necessário é criar” (Pessoa, 1995)¹.

Criar e viver são temas fundamentais na teoria winnicottiana, sendo que nesta a criatividade se aproxima e se inter-relaciona com o sentimento de estar vivo e a percepção da própria existência, assim como a percepção de que é por meio do gesto criativo que podemos sentir a expressão de nossa verdadeira identidade. Winnicott, ao tratar do tema da criatividade, não se referiu àquela voltada para a execução de obras de artes ou à que tange a existência de algum talento especial, mas sim para o viver criativo, composto de todos os sabores e dissabores próprios da vida e dos relacionamentos e que incluem a ideia de que a vida é algo que vale a pena viver, experimentar, participar e apreciar.

As artes, como expressão criativa do homem, foram amplamente apreciadas por Winnicott, como também faziam parte de seu cotidiano. Segundo sua esposa Clare “o refinamento e a abstração do idioma musical dessas obras (Bach e os últimos quartetos de cordas de Beethoven) ajudavam-no a reunir e a dar-se conta em si mesmo da rica seara de uma vida inteira” (C. Winnicott, 1989a, p. 11)². Foi, porém, o processo criativo relacionado à elaboração de suas ideias visando à prática clínica, que tornou central em sua

¹ Para a elaboração das referências bibliográficas, este trabalho contou com a utilização do programa Endnote que segue as normas da APA - *American Psychological Association* 6ª edição, portanto, devido a esta formatação, algumas palavras nas referências finais não estarão traduzidas para o português.

² As referências bibliográficas referentes à obra de Winnicott seguirão o padrão estabelecido por Hjulmand (1999) em a “Lista Completa das publicações de D. W. Winnicott”. Essa escolha tem por base a futura publicação das obras completas de D. W. Winnicott a ser realizada por Abram, anunciada no artigo “*Education Section - Donald Woods Winnicott (1896–1971): A brief introduction*” (2008).

obra temas tais como, o brincar e a transicionalidade. Clare Winnicott, destacando a importância do brincar afirma que “a capacidade de brincar é igualada a uma *qualidade de viver*” (1989a, p. 2, grifos do autor).

Freud, ao longo de sua obra, apresentou uma extensa lista de artigos que abordaram de forma direta ou indireta “obras de arte específicas de alguns artistas, de temas retratados na literatura ou de problemas gerais da criatividade artística” (Segal, 1993, p. 85). Porém, mesmo como um grande apreciador das artes, Freud não se ocupou em conceituar ou definir a criatividade, mas dizia-se interessado ou mesmo intrigado diante das sensações e sentimentos que certas obras de arte provocavam nele. Em “Moisés de Michelangelo”, por exemplo, Freud (1914b) afirma que este fascínio o levou a permanecer por longos períodos nessa atividade contemplativa com o intuito de “apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito” (p. 217)³.

Estimulados pelo fascínio e questionamentos que a capacidade criativa exerce em todos nós, uma variedade de estudos⁴ tem procurado desvendar o processo criativo ou, ainda, verificar se esta capacidade pode ser estimulada ou adquirida. A busca pela compreensão sobre a gênese, o funcionamento e o sentido da capacidade de ser criativo permanecem tanto na vida considerada saudável como na perturbada psicologicamente e nesse sentido, encontram-se estudos que associam a criatividade à insanidade (Simonton, 2002), à esquizofrenia (Lubart, 2007), ou ainda ao transtorno de humor (Cropley, 1990). Morel (1990), em seu livro *Ter um talento ter um sintoma*, apresenta uma fórmula que associa a criatividade a um determinado *pathos* do ser humano no qual “a criação não serve só como uma sutura para um machucado psíquico do indivíduo, mas pode também se transformar num curativo, uma espécie de segunda pele, para todo um grupo familiar” (p. 21).

A psicologia, de maneira geral, apresenta uma extensa e diversa contribuição para o estudo e compreensão deste tema e pode-se notar que

³ As referências bibliográficas referentes à obra de Freud seguirão o padrão estabelecido por Strachey, conforme a Edição *Standard* das Obras Psicológicas Completas de *Sigmund Freud*, publicadas pela Ed. Imago.

⁴ É extensa a lista de autores nacionais ou internacionais que se dedicam à pesquisa sobre a criatividade nas mais variadas abordagens teóricas. Entre estes, podemos destacar estudos de alguns autores que apresentam o desenvolvimento histórico deste tema: Wechsler e Nakano (2007; 2002); Alencar (2007; 2003); Lubart (2007); May (1982 [1975]); entre outros.

cada uma das diversas linhas teóricas desenvolveram seus estudos sobre a criatividade selecionando e enumerando certos tipos de problemas dependendo da perspectiva teórica que o formula. Nesse sentido, está fora de questão para esta pesquisa procurar uma síntese ou agregar todos esses saberes. Trata-se, no entanto, de contribuir para a compreensão desse fenômeno, escolhendo uma determinada perspectiva teórica (a psicanálise e, especificamente, a psicanálise tal como a compreende Winnicott), que possa delimitar, caracterizar e fornecer algumas explicações sobre a presença e a dinâmica desse fenômeno no ser humano como também procurar analisar quais os fundamentos e condições de necessidade do gesto criativo, como característica psicológica do viver de um indivíduo.

1. Justificativa e Objetivo

O fenômeno da criatividade, como capacidade, ao menos potencial, que constitui o ser humano, corresponde a algo presente nos mais diversos meios e atividades e sua compreensão tem um valor heurístico e operativo inegável. Não se trata, no entanto, de reconhecer um valor geral presente nas mais diversas atividades humanas, mas sim de focar a questão da criatividade na obra de Winnicott, como uma maneira de esclarecer, por um lado, um aspecto importante da ontologia psicanalítica por ele reformulada, e, por outro, de mostrar como esse fenômeno, reconhecível em diversas situações da expressão humana, também está presente de forma operante no trabalho clínico psicanalítico do ponto de vista de Winnicott.

Ao propor um conceito de criatividade que não está diretamente relacionado à capacidade humana de produzir obras de artes, Winnicott afasta-se das teorias psicanalíticas clássicas que associam a criatividade à teoria da sublimação e, neste sentido, aponta para uma nova perspectiva de compreensão sobre os fundamentos da natureza humana do ponto de vista da psicanálise ao aproximar a noção de criatividade ao viver, à constituição do ser e ao sentido de existência.

O tema da criatividade encontra-se na obra de Winnicott de forma ampla e articulada a outros conceitos fundamentais desenvolvidos pelo autor. Para Abram (2000 [1996]) e Newman (2003 [1995]) a criatividade é um conceito central e fundamental na obra winnicottiana e está relacionado à vida saudável

e ao sentimento de viver a própria vida. Newman (2003 [1995]) ressalta que, diferentemente da criatividade artística, o que importa a Winnicott é o fazer que emana do ser, um fazer não reativo, uma ação que expressa o verdadeiro *self*.

Na coletânea organizada por Caldwell & Joyce (2011b), as autoras afirmam que no artigo “A criatividade e suas origens”, Winnicott faz uma contribuição à psicanálise e à vida (pp. 261-264). Para elas, Winnicott se ocupa de uma criatividade que se relaciona à capacidade de viver a vida de forma plena e satisfatória e não se preocupa com a criatividade específica do artista. O tema da origem da criatividade se volta para os momentos iniciais da vida de um bebê, momentos caracterizados pela dependência absoluta em relação ao ambiente e à mãe.

Note-se, como parte dessa justificativa, a importância que Winnicott (1971r) atribui ao conceito de criatividade e à relação deste conceito a outros temas tais como o brincar e a busca do *self*. Winnicott diz: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (p. 80).

A escolha desse autor também se deve ao fato de que a obra de Winnicott tem recebido amplo reconhecimento⁵ e tomada como uma das mais importantes contribuições pós Freud, uma contribuição que tem produzido alterações significativas na prática psicoterapêutica psicanalítica reconhecida por diversos autores atuais⁶.

Sob esta perspectiva, esse trabalho tem por objetivo explicitar como Winnicott concebe a noção de criatividade, mostrando de que maneira ela está intimamente ligada com a questão do ser e da continuidade de ser, tema pertencente à ontologia winnicottiana.

O tema da criatividade foi desenvolvido como tal pelo autor em seus últimos artigos, “A criatividade e suas origens” (1971g) e “Vivendo de modo criativo” (1986h [1970]), porém, encontram-se, ao longo de sua obra, outras

⁵ Verifica-se na página eletrônica do PEP – Psychoanalytic Eletronic Publishing, que entre os artigos mais populares deste jornal, os três primeiros são artigos de Winnicott, sendo que o artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* ocupa o primeiro lugar. (vide em <http://www.pep-web.org/statistics.php?mode=viewjournals&sort=cal.+year&PHPSESSID=fvgnk90soinllqbqejeagcn732>)

⁶ Para esse ponto, remeto o leitor ao artigo de Fulgencio (2007b) “Winnicott e Freud: redescritção dos pilares empíricos da psicanálise”, no qual são apresentados comentários diversos de autores que se propuseram a analisar o lugar e a importância de Winnicott na história da psicanálise.

referências a esse tema e assim, ao percorrer os diversos momentos em que Winnicott se refere à criatividade, procura-se analisar a maneira como ele reescreve o problema da criatividade no ser humano, como também se propõe mostrar as inter-relações existentes entre esta noção e os diversos conceitos propostos por sua teoria, a saber: o ser e a continuidade de ser, a tendência inata à integração, a expressão do verdadeiro *self*, o gesto espontâneo, as reações à falha ambiental, do brincar e dos fenômenos e objetos transicionais, entre outros.

2. Perspectiva teórica

Recorrendo a alguns autores que comentaram a obra de Winnicott – tais como Clancier & Kalmanovitch (1984), Phillips (2006 [1988]), Grolnick (1993 [1990]), Goldman (1993), Abram (2000 [1996]), Drapeau (2002), Dias (2003), Roussillon (1999), Caldwell (2011b), bem como a pesquisas atuais que mostram a presença cada vez mais marcante da teoria winnicottiana nas produções científicas⁷ da área, podemos apreender o alcance de suas propostas.

Várias conceituações, formas de atuação e teorização introduzidas por Winnicott levaram muitos comentadores de sua obra a considerarem-no como um “grande renovador da psicanálise” (Phillips, 2006 [1988]); “uma figura de primeira linha em toda a história da psicanálise” (Loparic, 1997); ou aquele que introduziu mudanças paradigmáticas na teoria psicanalítica. (Dias, 2003; Loparic, 2001). Ogden considera que a teoria winnicottiana “representa um importante avanço no desenvolvimento da concepção psicanalítica do sujeito” (Ogden, 1996); assim como é considerado uma das principais figuras da psicanálise britânica depois de Freud (Rodman, 1995 [1990]).

⁷ A Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana destaca uma pesquisa realizada em 2007 com 250 analistas em formação no IPA. Tal pesquisa foi publicada no *International Journal of Psychoanalysis* com o título “*Authors, who have an impact on candidates' training: cultural differences and theoretical languages*”. Na tabulação desta pesquisa consta a referência a 50 autores em ordem alfabética e, era solicitado aos analistas participantes da pesquisa que apontassem o grau de interesse pelos autores citados. Segundo os resultados obtidos Winnicott aparece como o autor de maior interesse na classificação por continente na Europa, América do Norte e outros e em segundo lugar, após Freud, na América Latina. O artigo acima citado é de autoria de: De Pereira, Ragau, De Weistein & Jadur (2007). As informações acima foram obtidas no site: <http://www.centrowinnicott.com.br/modules/news/index.php?storytopic=4&start=10>

Bleichmar (1992 [1989]) afirma que “Winnicott abriu novas perspectivas acerca do conflito psíquico, da importância da mãe real no desenvolvimento da criança, da influência decisiva das angústias de separação e da hierarquia dos vínculos diádicos, junto com os edípicos” (p. 249). Já para Mello Filho (2001) Winnicott apresentou vários conceitos atualmente aceitos, tais como: preocupação materna primária, objeto subjetivo e objeto objetivamente percebido, objetos e fenômenos transicionais, espaço potencial, realidade compartilhada, entre outros. Entre os vários méritos aqui enumerados o autor ressalta que Winnicott:

Foi um dos autores que mais colaboraram para afastar a psicanálise de uma posição demasiadamente instintivista, ao acentuar a possibilidade de o Ego controlar os impulsos do Id, através da ação de um ambiente que vai ao encontro das reais necessidades da criança, permitindo sua adaptação à vida familiar e societária sem prejuízo de sua individualidade. (Mello Filho, 2001, p. 28)

Caldwell e Joyce (2011b) afirmam que mesmo mantendo-se fiel às suas raízes na teoria psicanalítica freudiana, Winnicott revolucionou a moderna psicanálise. Clancier e Kalmonovitch (1984) escreveram: “Winnicott foi a seu tempo ignorado, criticado, rejeitado e admirado pelos colegas britânicos, mas no fim veio a ocupar o que consideramos seu verdadeiro lugar de um astuto e perceptivo clínico e um pesquisador original”. Para René Roussillon (2009), Winnicott efetuou um corte epistemológico que abre um imenso campo de pesquisas no desenvolvimento da teoria e da prática psicanalítica contemporânea ao introduzir na psicanálise a questão do ser e da falta de ser que acomete certas pessoas (Fulgencio, 2007a).

Sobre o trabalho clínico realizado por Winnicott entre 1931 e 1970, encontra-se um total de mais de 600 trabalhos escritos (Abram, 2000 [1996], p. 1). Durante os 40 anos dedicados ao trabalho no *Paddington Green Children's Hospital*, ele modificou a clínica de puramente médica a um trabalho voltado à psiquiatria infantil, marcado pelas suas características pessoais (Grolnick, 1993 [1990], p. 28). Sabe-se que ele realizou em torno de cinquenta programas transmitidos pelo rádio com o intuito de disseminar conceitos psicanalíticos

para o grande público, assim como realizou dezenas de palestras para não psicanalistas, como também contribuiu para jornais não psicanalíticos (Caldwell & Joyce, 2011b; Kahr, 1997 [1996]). Dias ressalta a importância de sua teoria do amadurecimento pessoal⁸, como uma ampliação ou uma nova forma de descrever a teoria da sexualidade freudiana (Dias, 2003). A autora aponta ainda, que sua formação médica pode ser considerada como um diferencial na construção de seu pensamento (Dias, 2002).

Rodman (1995 [1990]) afirma que ao publicar um livro didático de pediatria em 1931, Winnicott foi o primeiro médico a introduzir ideias analíticas na prática da pediatria. Durante o período da Segunda Grande Guerra Mundial, Winnicott tornou-se consultor psiquiátrico responsável pela evacuação de crianças e adolescentes, construindo a partir desta experiência o conceito de tendência antissocial, fenômeno que “aparece em crianças normais ou quase normais, relacionando-se a dificuldades inerentes ao desenvolvimento emocional” (D. W. Winnicott, 1958c [1956], p. 406). Foi por duas vezes eleito como presidente da BPAS (*British Psychoanalytical Society*), nos períodos entre 1956-59 e 1965-68 (Caldwell & Joyce, 2011b). É considerado um grande clínico com uma vasta experiência como pediatra e psicanalista (conta-se em torno de 60.000 casos), como também um árduo defensor da psicanálise como ciência. Winnicott introduziu modificações no pensar psicanalítico por meio de sua apurada observação clínica do desenvolvimento emocional do bebê, um “observador prático de crianças e seus pais em aflição” e, a partir da apreensão fenomênica, ele trouxe “de volta a realidade externa como influência, sem sacrificar no processo a importância da vida de fantasia da criança” (Rodman, 1995 [1990], p. 32).

Vale ressaltar que “ele tentava rematar a tornar importante a visita de uma criança a ele, dando a esta algo para levar consigo, algo que podia depois ser utilizado, destruído ou jogado fora” (C. Winnicott, 1989a, p. 10). Entre os muitos exemplos em sua clínica, Winnicott reafirma sua vasta experiência construída ao longo de quarenta e cinco anos, no qual enfatizou sua preocupação em

⁸ O termo “Teoria do Amadurecimento Pessoal” refere-se ao trabalho desenvolvido por Dias (Dias, 2003). Para este trabalho utilizaremos o formato apresentado nas traduções da obra de Winnicott, ou seja, Teoria do Desenvolvimento Emocional, tradução do livro: *Maturational Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development* (D. W. Winnicott, 1965b).

conhecer a história de vida do paciente a fim de construir uma percepção objetiva para elucidar a gênese do conflito e orientar sua prática clínica.

Tendo como propósito apresentar de forma sucinta a perspectiva teórica e clínica de Winnicott, utilizaremos nesta tarefa os trabalhos desenvolvidos por Loparic (2001) e Fulgencio (2007a). Em ambos os trabalhos, os autores se apoiam na noção de paradigma desenvolvida por Kuhn (1989) tal como apresentada no livro *A estrutura das revoluções científicas*. A utilização do conceito de paradigma é tomada aqui apenas como um instrumento que auxilia na compreensão dos problemas e das soluções que uma determinada ciência se propõe. O detalhamento das características estruturais que compõe um paradigma descreve os pontos chaves dos constructos teóricos, possibilitando uma visão panorâmica do corpo teórico representado pelas teorias. De forma sintética, podemos falar que um paradigma ou matriz disciplinar é composto por: problemas exemplares, generalizações simbólicas, modelos metafísicos e um conjunto de valores.

Fulgencio (2007a) realiza uma análise do uso dessa noção na história da psicanálise visto que a diversidade de léxicos criados pelas diferentes perspectivas teóricas que compõe o universo macro da psicanálise vem introduzindo nesta disciplina uma espécie de 'Babel', ou seja, "dissonâncias, mal-entendidos, erros de interpretação, mal-uso de termos e conceitos"; prosseguindo, o autor afirma que o uso da noção de paradigma tal como proposta por Kuhn vem "contribuir para estabelecer parâmetros para o entendimento e a comunicação entre os diversos sistemas teóricos da psicanálise" (p. 99).

Seguindo as formulações feitas por Loparic (2001), o paradigma proposto por Freud é nomeado de Edípico ou triangular, visto que tem o Complexo de Édipo como um signo que identifica esta concepção teórica e neste sentido, é considerado o problema exemplar. A teoria da sexualidade é considerada a generalização guia. O modelo ontológico "inclui certo número de suposições ou, mais precisamente, de especulações de forças e energias psíquicas e sobre a constituição inata do aparelho mental" (Loparic, 2001, p. 27). A relação transferencial diz respeito à metodologia e o valor principal refere-se à preocupação em aliviar o desprazer ou a dor causada pela repressão dos desejos.

Para Kuhn (1989) os problemas científicos se assemelham a quebra-cabeças e os cientistas formados dentro do paradigma em questão estão aptos para esta solução. Porém, se anomalias ocorrem dificultando ou impossibilitando a resolução desses problemas, podemos estar diante de uma revolução científica ou de uma mudança paradigmática, visto que as anomalias geram um colapso na comunicação, ou seja, “respostas diferentes aos mesmos estímulos significam não apenas que a nossa visão de mundo mudou, mas revelam igualmente que o próprio mundo sofreu uma transformação” (Loparic, 2001, p. 15). Fulgencio ressalta que tendo os exemplares uma importância central na resolução dos problemas, autores como Klein, Bion e Lacan compartilham com Freud do mesmo paradigma, mesmo que venhamos a encontrar entre esses autores certas divergências de léxicos, “a consideração das características gerais do paradigma freudiano, em especial o reconhecimento do complexo de Édipo como um problema *exemplar*, torna possível uma compreensão unitária dessas perspectivas, caracterizando-as como expressões de um mesmo paradigma” (Fulgencio, 2007a, p. 120).

Loparic (2006) afirma que os problemas clínicos abordados por Winnicott o levou a realizar uma “pesquisa revolucionária”, visto que na visão deste autor, as mudanças introduzidas abrangem toda a matriz disciplinar. Loparic denomina esse novo paradigma de dual, devido à importância dada à relação mãe-bebê. Seguindo cada componente que compõe um paradigma ou matriz disciplinar, temos como problema exemplar “o bebê no colo da mãe, que precisa crescer, isto é, constituir uma base para continuar existindo e integrar-se numa unidade”. A teoria do desenvolvimento emocional apresenta-se como generalização guia e de forma mais abrangente inclui a teoria da sexualidade. Como modelo ontológico, Winnicott propõe o conceito de tendência inata à integração tanto no que diz respeito aos relacionamentos com pessoas, coisas, como também para a parceria psicossomática. A relação transferencial como metodologia se mantém, porém utilizando “apenas interpretações baseadas na teoria do amadurecimento, sem recurso à metapsicologia freudiana, e incluindo também o manejo da regressão à dependência e do *acting-out* dos antissociais”. Já o valor principal preocupa-se com a “eliminação das defesas endurecidas, paralisadoras do amadurecimento, e a facilitação para que agora aconteça o que precisava ter acontecido, mas não aconteceu; bem como que

se junte o que permaneceu ou se tornou dissociado, ou mesmo cindido” (Loparic, 2006, p. 9).

Cabe aqui recorrer a uma fala de Winnicott na qual são enfatizadas as mudanças que ele inseriu na técnica e na prática clínica. Tais mudanças, ele afirma, são o resultado de sua longa experiência e que o tornou capaz de “esperar e esperar, ainda pela evolução natural da transferência que surge da confiança crescente do paciente na técnica e no cenário psicanalítico, e evitar romper esse processo natural, pela produção de interpretações” (1969i [1968], p. 121). Essa espera dá ao paciente a possibilidade de que a compreensão lhe chegue de forma criativa. Destacando o que é interpretar, Winnicott afirma que: “ao interpretar, acredito que faço principalmente no intuito de deixar o paciente conhecer os limites de minha compreensão” e ao fazê-lo, ele deixa claro que “é o paciente, e apenas ele, que tem as respostas” (1969i [1968], p. 122).

Sobre as mudanças introduzidas pela teoria winnicottiana, Fulgencio (2003) afirma que esta ao se manter próxima da experiência imediata e clínica evita o uso da metapsicologia e a passagem a seguir apresenta o desconforto de Winnicott no uso desses termos:

Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda com esses termos (metapsicológicos). Será que é porque eles podem fornecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? Ou será que é por causa de algo dentro de mim? Pode ser, é claro, que sejam as duas coisas. (D. W. Winnicott, 1987b [1954], p. 51)

Winnicott demonstra preocupação em expor com clareza os conceitos psicanalíticos seja para o meio psicanalítico, seja para não psicanalistas. Em uma carta à sua irmã no ano de 1919, ele parece antever seu próprio futuro “agora estou praticando para algum dia ser capaz de ajudar a apresentar o tema aos ingleses, de modo que a pessoa em questão possa entender” (1987b [1919], p. 2). Esta mesma preocupação, aliada ao fato de manter um grande número de palestras dirigidas a um público não psicanalítico é também expressa no trecho a seguir: “Um escritor da natureza humana precisa ser constantemente levado na direção da linguagem simples, longe do jargão

psicológico, mesmo que tal jargão possa ser valioso em contribuições para revistas científicas” (1957o, p. 121). Desta forma, parece que essa preocupação se tornou sua marca, fato que é realçado por Masud Khan na introdução do livro *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*:

Como é de praxe entre os ingleses, ele escrevia no mais simples vernáculo. Não há retórica nem figura de linguagem técnica assustadora em sua *écriture*. Escrevia como falava: simplesmente, e com intenção de relatar. Não com tentativa de convencer nem doutrinar. Seu vocabulário pessoal era tão semelhante aos dos medianamente educados e ao uso comum de palavras, que todos caíam na armadilha de imaginar que sempre compreendiam o que ele estava dizendo. Essa *méconnaissance*, e sua autoestima só eram ameaçadas por seus próprios erros e nunca pela censura alheia. (Khan, 1958a, p. 12)

Com relação ao uso de uma linguagem simples, não dogmática, Winnicott nos adverte ao longo de sua obra, que há termos específicos para cada fase do desenvolvimento e quando tais termos são utilizados fora do contexto a que pertencem, perdem seu sentido. O desenvolvimento emocional acontece em fases ou estágios, tal como uma jornada que tem início numa fase de ‘Dependência Absoluta’. Neste período a mãe e o bebê formam uma unidade indiferenciada e seu início ocorre em algum momento (não discriminado) do período gestacional. Nessa etapa, tarefas primordiais formam a base da saúde mental, são elas: integração, personalização e apresentação dos objetos ou realização. Na sequência da linha do desenvolvimento a fase que se sobrepõe é a da ‘Dependência Relativa’; as tarefas desta fase são a desilusão, o desmane, a transicionalidade, o uso do objeto, o estágio do Eu Sou e o estágio do concernimento, que oferecem a grandeza desse momento do desenvolvimento humano fornecendo a estrutura para a fase posterior denominada ‘Rumo à Independência’. Neste momento, a integração da instintualidade iniciada na etapa anterior atinge a possibilidade do estabelecimento de relações interpessoais, base para a vivência do estágio edípico. A independência relativa tal como Winnicott propõe, tem o sentido de que todas as conquistas realizadas numa etapa da vida deverão ser mantidas e

talvez reforçadas reiteradamente durante toda a vida. Para Winnicott maturidade está diretamente relacionada à idade, ou seja, ter cinco anos aos cinco anos, ou trinta aos trinta, isso é para ele saúde mental; neste sentido, as tarefas e conquistas realizadas a cada fase promovem o desenvolvimento e o amadurecimento emocional do indivíduo assim como habilitam o indivíduo para a etapa subsequente.

Todo homem possui, segundo Winnicott, uma tendência inata ao desenvolvimento que depende de um suprimento ambiental satisfatório desde seu início; este ambiente, ao longo das etapas do desenvolvimento, vai se transformando de forma adaptada e gradativa, sempre de acordo com as necessidades do bebê. Neste início, um alto grau de adaptação é requerido e para este momento, Winnicott descreve um estado especial que a mãe deve apresentar, denominado 'Preocupação Materna Primária'. Neste estado de total identificação, a mãe criará as condições para que seu bebê, através de seu gesto espontâneo, venha ao mundo com o sentimento de ter criado o mundo.

3. Metodologia

Considerando, então, o quadro teórico clínico proposto por Winnicott, este estudo se propõe a compreender o conceito de criatividade, visto que está diretamente associado ao viver, talvez à arte de viver e a capacidade de sentir-se real, bem como sua correspondência com a noção de ser e continuidade de ser. Esta pesquisa utilizará, para sua realização, o método de interpretação e leitura⁹. Entende-se que neste método a obra de um autor é tomada como objeto de estudo e realiza-se uma leitura crítica e sistemática do conjunto da obra. A leitura e a interpretação das partes (neste caso o tema da criatividade) são relacionadas com o todo da obra e vice-versa, considerando também o contexto mais amplo dos determinantes históricos e pessoais da obra e do autor para realizar a interpretação (Fulgencio, 2005).

O método de interpretação e leitura tem suas bases no método hermenêutico desenvolvido por Gadamer. O termo 'hermenêutica' provém do verbo grego "*herméneutikê* - arte de interpretar, ou *herméneutikós*, relativo à

⁹ Adotado pelo Grupo de Pesquisa "Winnicott e a psicanálise tradicional: estudos sobre o método de tratamento psicanalítico", coordenado pelo Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio na Universidade Pontifícia Católica de Campinas - PUCCAMP. Sobre o método de leitura e interpretação usado, ver Gadamer (2005 [1986]) e Lawn (2007)

interpretação, próprio para fazer compreender, ou seja, a arte de descobrir o sentido exato de um texto; interpretação, em sentido teológico; interpretação do que é simbólico” (Houaiss & Villar, 2009). Deriva de Hermes (mitologia grega), o mensageiro dos deuses, considerado o patrono da comunicação e do entendimento humano a quem os gregos atribuíam à origem da linguagem e da escrita. Tradicionalmente, a hermenêutica se refere ao estudo da interpretação de textos escritos, especialmente nas áreas de literatura, religião e direito. Entretanto, atualmente, a hermenêutica moderna engloba não somente textos escritos, mas também tudo que há no processo interpretativo, de forma a incluir formas verbais e não verbais de comunicação, assim como aspectos que afetam a comunicação.

A hermenêutica pode ser compreendida como uma “busca de sentido pela via da interpretação” (Franco, 1995) e tem por objetivo fornecer regras que facilitam a aquisição do sentido correto de um determinado texto ou fenômeno. Dessa forma, a hermenêutica visa à compreensão, enquanto busca por sentidos na realidade fenomênica, distingue-se do método das Ciências Naturais que busca a explicação, ou seja, procura por relações causais entre os fenômenos.

Na busca de cientificidade, o filósofo alemão Dilthey (1833-1911) afirmava que somente a interpretação que buscasse entender os sentidos poderia estudar as manifestações humanas. Em suas obras *Introdução às Ciências do Espírito* (1883) e *A Edificação do Mundo Histórico nas Ciências do Espírito* (1910), Dilthey buscou fornecer fundamentação metodológica para as Ciências Humanas (que ele denominava de Ciências do Espírito), defendendo que estas deveriam ter uma metodologia própria que fosse capaz de dar conta das especificidades da realidade humana (Brandão, 2008, p. 73).

Apresentando algumas divergências quanto aos propósitos da hermenêutica de Dilthey, o filósofo alemão Gadamer, considerado um expoente da hermenêutica filosófica, escreveu o livro *Verdade e Método*; tido como um marco na filosofia moderna, assumindo “a tarefa de refazer o caminho aberto por Dilthey com o intuito de explicitar um novo modo de compreender a razão e a existência humanas, tomando como ponto de partida a experiência concreta dos homens e sua finitude” (Brito, 2005). Para compreender a teoria proposta por Gadamer é necessário “escapar do círculo fechado das opiniões prévias”;

para a compreensão de um texto é necessário penetrar em seu sentido “a proposta é manter um constante interpretar até que os conceitos prévios deixem de sê-los, e ao longo da comunicação, sejam substituídos por outros conceitos novos mais adequados” (Bonfim, 2010). Gadamer afirma que para que ocorra a compreensão de um texto devemos perguntar quais são as perguntas que o texto busca responder para posteriormente levantar hipóteses, segundo o autor:

A reconstrução da pergunta à qual responde determinado texto não pode ser tomada, evidentemente, como uma mera realização de metodologia histórica. Ao contrário, o que vem primeiro é a pergunta que o texto nos coloca, sermos atingidos pela palavra da tradição, de modo que para compreender essa tradição precisamos sempre realizar a tarefa da automediação histórica do presente com a tradição. Assim, na verdade, a relação entre pergunta e resposta se inverteu. O que é transmitido e nos fala – o texto, a obra, o vestígio – impõe, ele próprio, uma pergunta, colocando nossa opinião em aberto. Para poder responder a essa pergunta que nos é colocada, nós, os interrogados, temos que começar, por nossa vez, a perguntar. Procuramos reconstruir a pergunta a que responderia aquilo que é transmitido. Todavia, não poderemos fazê-lo se não superarmos, com nossas perguntas, o horizonte histórico assim caracterizado. A reconstrução da pergunta a que o texto deve responder está ela mesma, situada dentro de uma interrogação com o qual procuramos responder à pergunta que a tradição nos coloca. (Gadamer, 2005 [1986], p. 487)

Gadamer (2005 [1986]) afirma que todo entendimento (ou compreensão) é de alguma forma histórico, já que se dá a partir do contexto sociocultural e que o entendimento (de uma obra) depende do círculo hermenêutico, que explica o constante movimento de oscilação entre uma parte de um texto e seu significado total. Neste sentido, o método de interpretação e leitura baseado na hermenêutica busca apreender a parte da obra de um autor relacionando-a com o todo dessa obra, tendo o contexto sociocultural deste autor e obra como pano de fundo. Desta forma, este método, através do uso do círculo

hermenêutico, presta-se às pesquisas que tomam por base a obra de um autor como seu objeto de estudo. Esta tarefa de interpretação deve seguir o princípio básico que recomenda que cada parte da obra seja compreendida considerando-se o todo, e que a totalidade seja iluminada por suas partes (interpretação da totalidade em sua relação com as partes e vice-versa)¹⁰.

Seguindo os princípios do método de interpretação e leitura, o todo da obra winnicottiana será compreendido a partir de suas partes (textos) assim como os principais textos (partes) serão interpretados à luz da totalidade da obra. Para auxílio desta tarefa, contaremos com o apoio da literatura secundária; entre os diversos autores que vem ao longo de seus trabalhos construindo uma visão geral e abrangente desta teoria, ressaltamos: Davis & Walbridge (1982 [1981]); Abram (2000 [1996]); Phillips (2006 [1988]) e Dias (2003).

Os textos considerados principais e que serão alvo de uma maior dedicação neste trabalho são aqueles considerados fundamentais para o entendimento da noção de criatividade em Winnicott, entre eles podemos destacar: “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1953); “O relacionamento inicial entre a mãe e o seu bebê” (1965); “O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil” (1967); “A localização da experiência cultural” (1967); “O brincar; uma exposição teórica” (1968); “O ambiente saudável na infância” (1968); “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências” (1968); “O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações” (1969); “Sobre o Uso de um Objeto” (1969); “A amamentação como forma de comunicação” (1969); “A criatividade e suas origens” (1971); “O Brincar: A atividade criativa e a busca do *self*” (1971); “O lugar em que vivemos” (1971); “O conceito de indivíduo saudável” (1971); “Vivendo de modo criativo” (1986); “O conceito de falso *self*” (1986); “As origens do indivíduo” (1987); “O Brincar e a Cultura” (1989); “Introdução primária à realidade externa: os estágios iniciais” (1996) e o livro *Natureza Humana* (1988), considerado uma síntese da obra deste autor.

Alguns outros artigos serão utilizados para verificar a questão do ser na teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott. Neste caso,

¹⁰ Para maior compreensão da técnica fundamental empregada pelo método hermenêutico, cf. também (Micheli-Rechtman, 2007)

utilizaremos principalmente: “O Desenvolvimento Emocional Primitivo” (1945); “Para um estudo objetivo da natureza humana” (1945); “O mundo em pequenas doses” (1949); “A capacidade de estar só” (1958); “Preocupação Materna Primária” (1958); “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*” (1965); “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (1965); “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” (1965).

4. Desenvolvimento

Sem considerar a discussão de que a teoria winnicottiana representa uma ruptura, avanços ou mesmo uma revolução em relação à teoria psicanalítica tradicional, entende-se que ela tenha em Freud um dos seus principais interlocutores, sendo assim, o primeiro capítulo pretende verificar os aspectos da noção de criatividade na psicanálise freudiana, mais especificamente o conceito de sublimação, apresentando algumas referências a esse tema na obra de Freud, assim como verificando as referências de Winnicott a esse conceito, com intuito de verificar as proximidades e divergências entre os autores.

O segundo capítulo procura analisar a ligação entre a noção de criatividade e a questão do ser e da continuidade do ser, fundamento da teoria do desenvolvimento emocional e, partindo da verificação que a noção de ser tem para o autor e sua obra, segue para especificar o conceito de ser, continuidade do ser e tendência inata à integração, trazendo vinhetas dos vários artigos que representam a construção desses conceitos e por fim apresentar alguns comentários que a literatura secundária tece sobre o tema, visando apreender sua abrangência.

O capítulo três realizará uma visão panorâmica sobre os aspectos gerais da teoria do desenvolvimento emocional, procurando relacionar as fases do desenvolvimento humano ao conceito de criatividade. Alguns temas importantes da construção teórica de Winnicott serão enfatizados neste capítulo, entre eles: o verdadeiro *self*, o gesto espontâneo e a importância da transicionalidade e o brincar. As falhas ambientais, que resultam em interrupções da continuidade do ser e promovem reações, serão discutidas neste capítulo, visto que ao reagir, a continuidade do ser é interrompida, fazendo com que prevaleça um sentimento de futilidade diante da vida.

No quarto capítulo serão analisados os usos e sentidos dados à noção de criatividade ao longo da obra de Winnicott, assim como será verificada a utilização deste conceito ao longo da obra e as relações com outros temas de destaque pelo autor, assim como enfatizados alguns momentos ou atitudes que envolvem diretamente a criatividade como uma característica que traz um colorido à existência; como também verificar as consequências de uma vida sem criatividade.

A título de conclusão pretende-se mostrar a relação existente entre a criatividade, tal como proposta por Winnicott, e os conceitos fundamentais da teoria do desenvolvimento ao ressaltar a importância do conceito de criatividade em sua obra e para a prática clínica.

Capítulo 1

Aspectos gerais da noção da criatividade na psicanálise do ponto de vista de Freud

A criatividade pode ser compreendida como um “patrimônio (potencialmente) universal do ser humano” (Perestrello, 1997, p. 566) e como tal, apresenta um sentido *lato* e outro *stricto* (Andrade, 1997; Perestrello, 1997). O sentido *stricto* refere-se à criação de algo novo, algo criado pelo homem ao interferir e transformar a natureza de forma consciente, mesmo quando tendências inconscientes atuam concomitantemente, ou seja, o sentido *stricto* está associado “às criações de uma nova realidade externa” (Andrade, 1997, p. 582). São os elementos inconscientes no ato de criar que levam então ao sentido *lato*, em que “a criatividade pode ser apreciada como um fenômeno genérico que transcende o ser humano, remontando à própria origem da vida... está ligada ao processo de adaptação... [e] torna possível o prosseguimento da vida [no sentido de] melhorar sua qualidade” (Andrade, 1997, p. 582).

O conceito de criatividade pode nos levar a pensar nas artes de forma geral, seja a arte como um produto, seja a própria arte de viver e de maneira geral, como os artistas, observadores do real, retratam de forma inigualável nossas dores e nossos amores, suscitam em seus espectadores admiração, surpresa ou as mais variadas emoções. A psicanálise empreende uma busca pelo sentimento não revelado, pelo território desconhecido do inconsciente, e assim não poderia se esquivar de analisar essa forma tão peculiar de comunicação humana.

Segal (1993) confirma a existência de uma proximidade entre a psicanálise e a arte no trabalho de Freud, visto que “sua pesquisa se faz no interior de toda manifestação da natureza humana, e ele [Freud] dificilmente poderia deixar de se fascinar por essa conquista exclusiva do homem” (p. 85). Para a autora, o fundador da psicanálise não abordou diretamente o problema da criatividade artística, ela sustenta que “Freud nega que tenha alguma luz a

lançar, seja sobre a natureza do dom artístico, seja sobre os méritos da obra, no entanto ele é reiteradamente atraído pelo problema” (Segal, 1993, p. 87).

Verifica-se, ao longo das Obras Completas de Freud, a extensa contribuição realizada pela teoria do psiquismo às artes¹¹ e de maneira geral, esta contribuição ultrapassou as barreiras da prática clínica, oferecendo uma “oportunidade única de lançar uma luz totalmente nova nos motivos reais das ações humanas e nas intenções obscuras que estão na origem das produções culturais” (Green, 1994 [1992], p. 11). Pode-se afirmar que obras de arte ou mesmo artistas em particular foram utilizados por Freud como “suporte ou ponte para suas próprias criações” (Kon, 1997, p. 186). Este mesmo ponto de vista também é ressaltado por Frayse-Pereira (2010 [2006]) ao se referir ao trabalho sobre Leonardo da Vinci: “as realizações de Leonardo forneceram a Freud matéria para avançar em seu próprio campo, repensando uma temática (sublimação) e introduzindo outra (narcisismo)” (p. 77).

Para Freud a mola propulsora do fazer artístico são os conflitos inconscientes, ele afirma que “a arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo dos desejos realizados na imaginação – uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor” (Freud, 1913f, p. 189). Por outro lado, ele afirma que a origem da capacidade criadora do artista não representa uma questão para a psicologia por existirem alguns problemas referentes às artes e aos artistas que a psicanálise pode esclarecer, enquanto outros não e conclui: “No exercício de uma arte vê-se mais uma vez uma atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados – em primeiro lugar, do próprio artista e subsequentemente, de sua assistência ou espectadores” (Freud, 1913f, p. 188).

A psicanálise dedicou-se a descrever o processo e a dinâmica da criatividade no que se refere principalmente à leitura dos significados reprimidos e inconscientes relacionando-os com a sublimação dos instintos transformados e assim valorizados pela cultura e pela sociedade; ou nas palavras de Freud (1913f): “A conexão entre as impressões da infância do

¹¹ Vide Volume XXIII das Obras Completas de Freud - Índice de Obras de Arte e Literatura - extensa lista de termos citados ao longo da obra freudiana que se referem às artes e aos artistas, assim como mitos, contos de fadas e lendas (p.83-91).

artista e a história de sua vida, por um lado, e suas obras como reações a essas impressões, por outro, constitui um dos temas mais atraentes de estudo analíticos” (p. 189). Desta forma, pode-se concluir que as obras de arte representam um resultado do processo sublimatório, ou seja, a transformação de desejos e fantasias inconscientes. No entanto, não é propósito deste capítulo analisar o conceito de sublimação em toda a sua abrangência, mas apenas indicar alguns dos trabalhos de Freud que tratam diretamente do tema, a fim de estabelecer proximidades entre esse conceito e o conceito de criatividade em Winnicott, objeto desta pesquisa.

1.1 Desenvolvimento do conceito de sublimação.

Na introdução dos artigos psicanalíticos sobre a metapsicologia Strachey afirma que Freud, em 1915, apresentava a intenção de escrever uma série de doze artigos que iriam “proporcionar um fundamento teórico estável à psicanálise” (Strachey, 1915, p. 111). Inicialmente apenas cinco trabalhos foram publicados e dentre os setes artigos não publicados e possivelmente destruídos pelo próprio autor, havia um que abordaria o tema da sublimação e talvez neste fosse possível encontrar “algum esclarecimento maior sobre essa noção” (Kupermann, 2003, p. 65). Devido à falta de sistematização deste conceito, alguns autores consideram-no como não completamente elaborado (Castiel, 2006; Nasio, 1997 [1988]). No entanto, Nasio (1997 [1988]) afirma que mesmo situando-se no limite da psicanálise, o conceito de sublimação é um importante instrumento teórico que serve para nortear o tratamento psicanalítico, possibilitando assim, reconhecer “variações do movimento de cura” (p. 77).

O conceito de sublimação está intimamente relacionado ao conceito de sexualidade desenvolvido por Freud, mesmo que durante sua obra este primeiro conceito tenha sofrido variações em suas características, tais como: sublimação como dessexualização pulsional, ou seja, a sublimação acontece para que o sexual não apareça; ou ainda como um dos quatro possíveis destinos da pulsão que leva a uma mudança das metas e objetivos. A sublimação é considerada na teoria psicanalítica como um mecanismo de defesa do eu, com a possibilidade de “transformar e elevar a energia sexual, convertendo-a numa força positiva e criadora” (Nasio, 1997 [1988], p. 78).

O conceito de sublimação foi delineado inicialmente na obra de Freud em 1905 e se refere a um tipo de atividade humana ligada às belas artes ou criação artística e literária, assim como à busca pelo conhecimento através da atividade intelectual sem “nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo em objetos socialmente valorizados” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 734).

Anterior a esta data, encontra-se em uma das cartas a Fliess (Rascunho L¹²), a palavra sublimação relacionada às funções defensivas relativas às fantasias das cenas primevas¹³:

O objetivo parece ser o de chegar [retroativamente] às cenas primevas. Em alguns casos, isso é conseguido diretamente, mas, em outros, somente por um caminho indireto, através das fantasias. Pois as fantasias são fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas lembranças. As fantasias servem, ao mesmo tempo, à tendência de aprimorar as lembranças, de sublimá-las. (Freud, 1950 [1892-1899], p. 297)

Birman (2007), no prefácio do livro de Castiel, afirma que no trabalho acima citado, Freud utiliza o termo sublimação sem, no entanto conceitua-lo, mas que, neste momento, ele já adianta que o futuro conceito se inscreverá no campo da sexualidade. Para Nasio (1997 [1988]), o conceito de sublimação apresenta importância tanto para a teoria quanto para a prática psicanalítica por estar associado à capacidade criativa do homem seja nas artes, ciências, esportes ou outras atividades mesmo que distantes “de qualquer referência à vida sexual, sejam produzidas, ainda assim, graças a uma força sexual nascida de uma fonte sexual” (Nasio, 1997 [1988], p. 78). Portanto a sublimação, mesmo provendo de um nascedouro sexual, tem por resultado final uma realização não sexual; enfim, o conceito de sublimação para a psicanálise tem por finalidade revelar a origem sexual do impulso criador do homem.

¹² O Rascunho L refere-se a um anexo à Carta 61 de 2 de maio de 1897

¹³ Segundo Roudinesco & Plon (1998) o termo cena primeva ou cena primária (*Urszene*) aparece nos trabalhos de Freud desde 1887 e seu significado é mantido em toda sua obra: “designa a relação sexual entre os pais, tal como pode ser vista ou fantasiada pela criança, que a interpreta como violência, ou mesmo estupro, por parte do pai contra a mãe” (p. 108).

Quanto ao tema da criatividade, encontramos na apresentação do método científico para a interpretação de sonhos, Freud afirmando que deve existir uma aproximação entre a criação poética e a atitude exigida ao paciente na associação livre e neste contexto, reproduz uma carta do poeta e filósofo Friedrich Schiller (Freud, 1900a). Nesta carta o poeta analisa passo a passo as possíveis restrições da ‘Razão’ ao exercício criativo da imaginação, dizendo que a razão, tal como um portal, parece operar como uma espécie de censura e limite à imaginação ao exercer críticas a pensamentos que a princípio não apresentam um nexu aparente. Continuando, ele afirma que no funcionamento de uma mente criativa tais censuras são relaxadas, permitindo que o fluxo de ideias resulte em algo novo e criativo. Ainda neste texto, o autor aponta para o espanto e o encanto que as mentes verdadeiramente criativas evocam em seus observadores,

Por outro lado, onde existe uma mente criativa, a Razão – ao que me parece – relaxa sua vigilância sobre portais, e as ideias entram precipitadamente, e só então ela as inspeciona e examina com um grupo. Vocês, críticos, ou como quer que os denominem, ficam envergonhados ou assustados com as mentes verdadeiramente criativas, e cuja duração maior ou menor distingue o artista pensante do sonhador. Vocês se queixam de sua improdutividade porque rejeitam cedo demais e discriminam com excessivo rigor. (Freud, 1900a, pp. 137-138)

Esse sentimento de embaraço diante de mentes criativas aproxima-se ao que Freud (1908e [1907]) expressa no artigo, “Escritores Criativos e Devaneios”. Neste trabalho, o autor expõe sua perplexidade diante das habilidades presentes nas obras do escritor criativo, capacidades que despertam emoção e fascínio. Investigando a natureza dos processos criativos, Freud reconhece na ação do escritor criativo uma similaridade com o brincar infantil, ou seja, com a capacidade de a criança criar um mundo pessoal repleto de fantasias, um mundo onde é possível criar e recriar situações, pessoas e sentimentos de tal forma que levem à satisfação, assim como facilitem uma aproximação com a realidade. Freud questiona se a gênese dessa atividade

estaria na infância, momento caracterizado pelo brincar e jogar, atividades que podem ser comparadas à atividade do escritor criativo: “Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria seu próprio mundo, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma forma que lhe agrade?” (Freud, 1908e [1907], p. 135). Com esse questionamento Freud realça a importância do brincar para a criança, atribuindo à brincadeira não a um estado sério, mas sim, o real, a realidade e explica que tanto a criança quanto o artista criam um mundo de fantasias onde investem largamente suas emoções, porém afirma que ambos concebem que há uma nítida separação entre o mundo criado e a realidade; assim, tanto a criança quanto o artista criam um mundo de fantasias impulsionadas por desejos insatisfeitos, que buscam assim, sua plena realização mesmo que de maneira disfarçada, efetuando para tanto, “uma correção da realidade insatisfatória” (Kon, 1997, p. 186).

Parece-nos que Freud, ao aproximar as mentes criativas e as brincadeiras infantis, ressalta a severidade das censuras impostas pela socialização que inibe e constrange atos e atitudes que podem de início apresentar uma qualidade excêntrica ou mesmo sem utilidade prática, mas que ao final, podem vir a se revelar como criações significativas.

Ao propor o conceito de sublimação, o autor busca explicar as realizações artísticas e científicas não atreladas diretamente à vida sexual. O conceito de sublimação está intimamente relacionado ao sublime ou ao belo, aquilo que designa a grandeza das obras de artes, porém, também é um termo emprestado da química e nesta categoria, indica a passagem de um estado sólido diretamente ao gasoso e seu uso na psicanálise tem como referência a analogia de que “a pulsão sexual passaria de sua solidez e consistência diretamente para uma produção vaporosa e espiritual, que é a maneira pela qual o abjeto se transforma no sublime” (Birman, 2008). O uso do conceito de sublimação em ambos os sentidos, deve-se ao fato de Freud observar que certos desejos que não visavam a um objetivo sexual e sim, dirigiam-se a atividades valorizadas e apreciadas pela sociedade (Laplanche & Pontalis, 1996).

Em uma referência ao trabalho “Escritores Criativos e Devaneios”, Frayse-Pereira (2010 [2006]) afirma que Freud distingue dois componentes do prazer

estético: “libidinal que provém do conteúdo da obra à medida que esta nos permite realizar nosso desejo” e outro que estaria relacionado à forma, ou seja, “que se oferece à percepção não como um objeto real, mas como uma espécie de brinquedo, de objeto intermediário”. Esta espécie de brinquedo permite ao espectador “pensamentos e condutas com as quais pode se deleitar sem autoacusações nem vergonha”. Desta forma, conclui o autor que “há na obra de arte a possibilidade de suspensão das barreiras de repressão” (Frayse-Pereira, 2010 [2006], p. 71).

Retomando a obra de Freud, encontra-se no artigo de 1905 -“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” – uma referência ao conceito de sublimação, na qual esta noção designa um desvio da sexualidade para outros fins associados à cultura, ou ainda vista como um “dispositivo que permitiria ao sujeito defender-se do sexual” (Castiel, 2007, p. 23).

Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente a expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – é desviada do uso sexual para outros fins. Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante este desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância. (Freud, 1905d, pp. 167-168)

Nesse contexto, o conceito de sublimação aparece como um objetivo defensivo e apresenta similaridades com o conceito de recalçamento das pulsões sexuais. No caso Dora, Freud (1905e), além de situar a sublimação como defesa, relaciona este conceito à transferência, entendendo-o como uma maneira que vem possibilitar o trabalho analítico por conter a exigência erótica. Para Castiel (2007) nesses momentos iniciais o conceito sublimação apresenta duas direções: “uma delas se relaciona à questão da defesa contra o sexual,

no sentido de que este não apareça e a outra aponta para o aspecto da criação presente na sublimação” (p. 25).

No texto: “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, Freud (1908d) afirma que a “nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos”, sejam estes instintos sexuais ou agressivos e que é, pela supressão destes, que o homem contribui para “o acervo cultural comum de bens materiais e ideais” (p. 173). O autor sustenta que um *quantum* da energia proveniente dos instintos sexuais é colocado à disposição da atividade civilizada, visto que estes apresentam “uma singular e marcante característica: a capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro [e] chama-se essa capacidade de *sublimação*” (Freud, 1908d, p. 174).

Para Birman, neste trabalho Freud atribui uma característica negativa ao conceito de sublimação, visto que “destaca-se o preço nefasto e mortífero que o processo civilizatório imporia aos indivíduos pelas exigências de civilidade, em decorrência do recalque excessivo da pulsão sexual e dos obstáculos à realização do prazer” (Birman, 2008). Nesse sentido, entende-se que o conceito de sublimação ora apresenta-se como tendo uma qualidade aparentemente negativa, relacionado à supressão dos instintos em oposição a outros momentos em que ocorre uma associação entre as atividades sublimatórias, a cultura e a normalidade.

Em 1909, ao expor de forma sistemática a teoria e técnica psicanalítica na *Clark University*, Freud apresenta a existência de caminhos que proporcionam uma solução satisfatória para os conflitos e entre estes, encontra-se a sublimação dos instintos, um dos possíveis resultados do trabalho psicanalítico que tem como proposta tornar consciente aquilo que está inconsciente via repressão:

Uma vez restituído à atividade mental consciente aquilo que fora reprimido – e isso pressupõe que consideráveis resistências tenham sido desfeitas – o conflito psíquico que desse modo se originara e que o doente quis evitar, alcança, orientado pelo médico, uma solução mais feliz do que a oferecida pela repressão. Há várias soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais,

em determinados casos, podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama 'sublimação' do desejo) ou finalmente, reconhece como justa a repulsa. (Freud, 1910a, p. 42)

Ainda nesse trabalho, Freud (1910a) afirma que a repressão dos impulsos resulta para o neurótico em perdas significativas de “fontes de energia mental que teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida” (p. 64). Para o autor, a sublimação é um caminho adequado “pelo qual a energia dos desejos infantis não se anula, mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual” (p. 64). Freud ressalta que a plasticidade dos instintos sexuais permite a transformação de um alvo sexual por outro considerado de maior valor social e ele considera essa operação com sendo “as maiores conquistas da civilização” (Freud, 1910a, p. 64).

Neste mesmo ano, Freud escreve o artigo sobre Leonardo Da Vinci, texto clássico que sofreu muitas críticas¹⁴, mas oferece uma extensa análise sobre a natureza e o trabalho da mente de um artista criador. Neste trabalho, Freud lança a hipótese de que o “autoerotismo se transformaria diretamente em sublimação, sem a participação do recalque, ou seja, se desdobraria a um só tempo, nas vias de erotização e da sublimação” (Birman, 2008). Ao enfatizar a plasticidade do instinto e suas possíveis transformações, Freud (1910c) afirma que “o instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados” (Freud, 1910c, p. 86). A sublimação, neste trabalho, aparece como um tipo raro e perfeito das vicissitudes sofridas pelo impulso de pesquisa; neste, “a libido escapa ao destino da repressão sendo sublimada

¹⁴ Green (1994 [1992]), na introdução do livro *Revelações do Inacabado* discorre sobre as críticas sofridas por Freud nesse artigo. Além dos comentários negativos de profissionais próximos a Freud, Green expõe as críticas feitas por historiadores da arte. Uma dessas críticas baseia-se em um erro de Freud ao traduzir a palavra *nibio* por abutre e ter feito ao longo do trabalho “especulações baseado em considerações mitológicas acerca do abutre”(Green, 1994 [1992], p. 12).

desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer”, mas, adverte Freud “a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substituto da atividade sexual” (p. 88). A atividade sublimatória, desta forma, não apresenta uma qualidade neurótica, visto que “não há ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil”, propiciando ao instinto “agir livremente a serviço do interesse intelectual” (Freud, 1910c, p. 88).

De posse dessa noção de plasticidade dos instintos e da importância do redirecionamento destes, tendo em vista uma solução satisfatória dos conflitos intrapsíquicos, Freud (1913f) demonstra a legitimidade do interesse da psicanálise pela educação ao afirmar que: “Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educa-las”. Essa preocupação se justifica pela amnésia infantil, característica do período de latência, que a psicanálise busca ao desvendar: “os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância”; neste sentido, Freud esclarece que o processo de sublimação pode favorecer se “os instintos sociais e pervertidos na criança, não forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros mais valiosos” (Freud, 1913f, pp. 190-191).

Fazendo referência ao artigo freudiano sobre o narcisismo, Birman afirma que neste “a sublimação se inscreveria no registro do narcisismo secundário, e não primário, em que o sujeito busca algo de maneira assintótica e não se idealiza no registro do eu ideal” (Birman, 2008). Para esse autor, Freud buscou delimitar e diferenciar as relações entre a formação do ideal do eu e a sublimação, visto que a “sublimação seria um processo ligado ao registro da pulsão” e a idealização “se inscreveria no registro do eu e das relações deste com seus objetos de investimento” (Birman, 2008). Seguindo as palavras de Freud:

A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual. A idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psicologicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza... Na medida, portanto que a sublimação descreve algo que

sucedo ao instinto, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente. (Freud, 1914, pp. 40-41)

Em “Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise” Freud (1916-17) afirma que os impulsos instintuais (sexuais) têm um importante papel na gênese das doenças nervosas, porém esses mesmos impulsos “também fornecem contribuições, que não podem ser subestimadas, às mais elevadas criações culturais, artísticas e sociais do espírito humano” (Freud, 1916-17, p. 32). As mesmas contribuições do processo sublimatório à constituição da cultura e da civilização são retomadas em “O Mal Estar da Civilização”, e neste, Freud (1930a) afirma que a sublimação do instinto “constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas”; e, reforçando o aspecto impositivo do processo civilizatório, afirma “que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização” (Freud, 1930a, p. 103).

Para Kupermann (2003), o conceito de sublimação é uma espécie de cura da teoria psicanalítica, que auxilia e enriquece o pensamento psicanalítico “na constituição da subjetividade, na reflexão psicanalítica sobre as produções artísticas e culturais e na teoria clínica e da cura analítica” (p. 66). Para o autor, o discurso freudiano apresenta dois caminhos no entendimento do conceito de sublimação: o primeiro seria a dessexualização das pulsões sexuais na substituição de um objetivo por outro, considerado mais elevado ou “adequado às exigências civilizatórias, representado, sobretudo pelas atividades artísticas e científicas”, ou seja, “uma forma de renúncia... submetida ao princípio de realidade e suas exigências em prol do trabalho comum” (Kupermann, 2003, pp. 67-68). Outra leitura possível para o processo sublimatório ocorre, segundo Kupermann, após a formulação da segunda tópica. Para o autor, esse momento está atrelado ao processo de simbolização:

O processo sublimatório é concebido como independente do recalque, como uma saída criativa do aparelho psíquico na qual haveria uma mudança no objeto da satisfação pulsional, constituindo a sublimação, portanto, não em uma dessexualização do objetivo das

pulsões, mas na criação de objetos para a satisfação erótica do sujeito que pudessem ser, ao mesmo tempo, partilhados culturalmente. (Kupermann, 2003, p. 68)

Por fim, entende-se que a teoria freudiana com sua ênfase na sexualidade apresenta um determinado caminho para o entendimento dos interesses do homem no mundo e foi através do conceito de sublimação que Freud teorizou sobre a capacidade do homem transformar os instintos sexuais em atributos mais espiritualizados das realizações artísticas ou científicas que contribuem para a formação e enriquecimento da cultura e da civilização, mesmo sendo essa transformação ora vista como um aspecto negativo, ora positivo.

1.2. O uso do conceito de sublimação na obra de Winnicott

O conceito de sublimação não é um conceito explorado na obra de Winnicott, no entanto encontra-se o uso deste termo em alguns artigos¹⁵, mas não o desenvolvimento estrito do conceito. Pretende-se, portanto, reproduzir os momentos em que este conceito aparece na obra winnicottiana, para posteriormente verificar as possíveis associações deste conceito com o tema deste trabalho, a criatividade.

Encontramos inicialmente em um artigo escrito para professores, datado de 1939, referências ao termo sublimação dos instintos. Os organizadores da obra assinalam que o artigo em destaque se aproxima do trabalho de Klein, enquanto que Abram (Abram, 2008) afirma que este é o primeiro artigo sobre o desenvolvimento da teoria da agressão. Para Dias (2000), neste primeiro trabalho já é possível verificar as divergências entre Winnicott e a teoria freudiana e kleiniana, visto que já se encontra expresso à importância do ambiente no desenvolvimento infantil desde os primeiros momentos. Abram informa que nesse período, além de dividir suas atividades entre sua clínica particular e no *Paddington Green*, Winnicott foi, no período entre 1939–1946, nomeado Consultor pediátrico no Esquema de Evacuação Governamental em Oxford (Abram, 2008).

¹⁵ Os artigos de Winnicott onde há referência ao conceito de sublimação estão dispostos neste item de forma cronológica.

Winnicott inicia este trabalho informando que irá discutir sobre o amor e o ódio, elementos principais na constituição dos relacionamentos humanos e a agressividade que envolve esses sentimentos¹⁶. Neste artigo, o uso do conceito de sublimação apresenta-se de forma genérica como uma modificação na orientação do impulso. No trecho abaixo, Winnicott expressa que uma das grandes dificuldades humanas está na capacidade de tolerar aquilo que existe em sua realidade interior, porém,

Quando existe esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva está ativa e o indivíduo pode usufruir do uso de impulsos instintivos, incluindo os agressivos, convertendo em bem na vida real o que era dano na fantasia. Isso constitui a base do brincar e do trabalho. Observa-se que, ao aplicar a teoria, a extensão em que podemos ajudar uma criança no sentido de sublimação é limitada pelo estado do mundo interior da criança. Se a destruição for excessiva e incontrolável, muito pouca reparação é possível e nada podemos fazer para ajudar. Tudo o que a criança pode fazer é negar a propriedade de fantasias más ou então dramatizá-las. (D. W. Winnicott, 1957d [1939], p. 99)

A agressividade é inerente à natureza humana e está associada inicialmente à motilidade e à alimentação; sua manifestação depende da atitude do ambiente perante os impulsos expressados pelo bebê. Ou seja, se a mãe considerar que o gesto do bebê é um ataque destrutivo, ele poderá inibi-lo a fim de proteger o que é amado, mas, como afirma Winnicott “a principal destruição existe sempre, necessariamente em sua fantasia” (D. W. Winnicott, 1957d [1939], p. 97).

Ainda nesse mesmo trabalho encontramos mais duas referências ao termo sublimação. Nessa próxima passagem, Winnicott adverte que “quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças do amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se” e nesse sentido, a relação entre a realidade interna e as experiências instintivas originais “só pode ser

¹⁶ Para aprofundamento do tema remeto o leitor ao artigo de Dias (2000) “Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento” e ao trabalho de Abram (2000 [1996]) *Linguagem de Winnicott. Dicionário das Palavras e expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott*.

reconstituída por tratamento psicanalítico e, como a fantasia é terrível demais para ser aceita e tolerada, não pode ser usada na sublimação” (D. W. Winnicott, 1957d [1939], p. 99).

Por último, ainda neste trabalho, Winnicott aproxima a expressão criativa e a destrutividade, dizendo que “É parcialmente falso afirmar que devemos dar oportunidade para a expressão criativa, se quisermos neutralizar os impulsos destrutivos da criança” (1957d [1939], p. 102). Observa nesse ponto que é a atitude construtiva e não o talento que deve ser reconhecido e que, na construção da personalidade se deve “tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o instintual. Isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e avidez, que então, e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimada” (p. 102).

Entende-se que, para Winnicott, o reconhecimento da própria crueldade e avidez é fundamental para a construção de uma personalidade sadia e que, só após o reconhecimento dessas qualidades a sublimação pode tomar vez.

Voltamos a encontrar uma referência ao termo sublimação no artigo “A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar” (1965k [1950]). Neste trabalho, Winnicott explora as possibilidades existentes no cuidado de crianças que foram privadas do contato com seus lares originais. Após o diagnóstico realizado para revelar as características do ambiente inicial da criança, o autor passa a enumerar formas possíveis de acolhimento destas crianças desapossadas. Ao fazer referência às instituições maiores que necessitam de uma direção através de métodos ditatoriais, Winnicott afirma que “cada criança tem que estar subordinada às limitações do que a sociedade pode prover-lhe imediatamente. Aqui está uma boa forma de sublimação para ditadores em potencial” (1965k [1950], p. 205). Nessa passagem a sublimação está atrelada a um controle dos instintos imposto por métodos autoritários que visam afastar essas crianças de maiores dificuldades sociais.

Voltamos a encontrar referência ao termo sublimação no texto “A capacidade de estar só” (1958g [1957]). Para Winnicott a capacidade de estar só está diretamente relacionada à maturidade, e baseia-se no paradoxo de estar só na presença de alguém, assim como expressa a base da confiabilidade. Este artigo foi escrito após o trabalho intitulado “Preocupação Materna Primária” (1958n [1956]) e parte da importância das etapas iniciais do

desenvolvimento infantil onde existe entre a mãe e o bebê um estado de indiferenciação, ou melhor, um 'dois-em-um'. Esse estado de fusão fornece as bases da saúde mental - o ego forte da mãe, fortalece o ego frágil do bebê – e, com a passagem do tempo e o decréscimo natural da adaptação materna, possibilita ao bebê experimentar integrações que o levam ao estágio do 'Eu sou'. A base da confiabilidade, fundamental para o desenvolvimento sadio do bebê foi criada pela adaptação materna suficientemente boa e neste sentido, esta relação que tem por base a confiança, permite a vivência do paradoxo “ficar só quando mais alguém está presente” (1958g [1957], p. 32). Explicando a expressão '*ligada ao ego*' Winnicott afirma que:

Ligado ao ego se refere à relação entre duas pessoas, uma das quais está de qualquer modo só; talvez ambas estejam sós, ainda assim a presença de uma é importante para a outra. Considero que se se compara o sentido da palavra querer com o da palavra amar pode-se verificar que querer é um sentimento característico do ego, enquanto amar é um sentimento do id de forma crua ou sublimada¹⁷. (D. W. Winnicott, 1958g [1957], p. 33)

A diferença proposta entre o sentido das palavras '*like*' e '*love*' (traduzidas acima como querer e amor) é explicada mais adiante neste texto. Para Winnicott, a capacidade do ego de se relacionar ('*ego-relatedness*') é a fundamento da amizade e “pode ser que venha a ser também a *matriz da transferência*¹⁸” e como um segundo argumento, ele apresenta: “Acredito que seja geralmente aceito que o impulso do id só é significativo se contido na vivência do ego. O impulso do id perturba um ego fraco ou então fortifica um ego forte” (1958g [1957], p. 35). Por fim, Winnicott conclui que a importância da capacidade de estar só (na presença de alguém) resulta na possibilidade de a

¹⁷ No original: “*Ego-relatedness refers to the relationship between two people, one of whom at any rate is alone; perhaps both are alone, yet the presence of each is important to the other. I consider that if one compares the meaning of the words 'like' with that of the word 'love', one can see that liking is a matter of ego-relatedness, whereas loving is more a matter of id-relationships, either crude or in sublimated form*”. No texto em português '*like*' é traduzido por querer, porém analisando as possíveis traduções para a palavra, encontramos: gostar, desejar, apreciar, querer, amar e adorar.

¹⁸ Grifo do autor

criança “descobrir sua própria vida pessoal” e “ter uma experiência que é sentida como real” (1958g [1957], pp. 35, 36).

Ainda neste artigo, Winnicott novamente faz uso do termo sublimação ao questionar se na observação de uma criança brincando “é o brinquedo todo uma sublimação do impulso do ego, ou do id?” (1958g [1957], p. 36). O autor prossegue perguntando: -“Poderia haver alguma utilidade em pensar que há uma diferença de *qualidade* bem como de *quantidade de id*¹⁹ quando se compara o brinquedo que é satisfatório com o instinto cruamente subjacente a este?” (1958g [1957], p. 36). Neste ponto, Winnicott explora a aceitação universal do conceito de sublimação e aponta uma diferença fundamental entre a brincadeira natural e feliz da criança e a brincadeira que envolve uma excitação física e que se aproxima de uma experiência instintiva. Este tipo de brincadeira, alerta Winnicott “não são agradáveis quando complicados com excitações corporais com seu clímax físico” (1958g [1957], pp. 36-37). Ponderando ainda sobre as possíveis diferenças entre o brincar e o brinquedo excitante, o autor conclui:

A criança considerada normal é capaz de brincar, ficar excitada quando brinca, e se sentir satisfeita com o brinquedo, sem se sentir ameaçada pelo orgasmo físico de excitação local. Em contraste, uma criança impedida de fazer alguma coisa, com tendência antissocial, ou qualquer criança com marcada inquietação maníaco-defensiva é incapaz de apreciar o brinquedo porque o corpo se torna fisicamente incluído. Há necessidade de um clímax físico, e a maioria dos pais sabe o momento em que nada traz um fim a um brinquedo excitante a não ser um tabefe que fornece um falso clímax, mas que é muito útil. Em minha opinião, se compararmos o brinquedo feliz de uma criança ou a experiência de um adulto em um concerto com a experiência sexual, a diferença é tão grande que não faria mal usar um termo diferente para a descrição das duas experiências. Qualquer que seja o simbolismo inconsciente, a quantidade de excitação física real é mínima em um tipo de experiência e máxima na outra. Podemos pagar tributo à importância da relação com o ego

¹⁹ Grifo do autor

de per si sem desistir de ideias que jazem sob o conceito de sublimação. (D. W. Winnicott, 1958g [1957], p. 37)

Reencontramos o termo sublimação na passagem abaixo pertencente ao artigo “Os Elementos Masculinos e Femininos Ex-cindidos Encontrados em Homens e Mulheres”. Este trabalho foi lido inicialmente em 1966 em um Encontro da Sociedade Psicanalítica Britânica (SPB) e posteriormente, incluindo no artigo²⁰ “A criatividade e suas origens”. A mãe, adaptada de forma suficientemente boa às necessidades do bebê, permite a este experimentar o sentimento de ter criado aquilo que encontrou e nesse sentido, o seio é o bebê, ou seja, a mãe e o bebê formam uma unidade. Aqui, explica Winnicott que o seio é um símbolo não de fazer, mas de ser e prossegue:

Ser um fornecedor suficientemente bom de elemento feminino deve ser uma questão de detalhes muito sutis de manejo, e, ao considerar estes assuntos, podemos valer-nos dos textos de Margareth Mead e Erik Ericson, que conseguem descrever as maneiras pelas quais o cuidado materno, em vários tipos de cultura, determina em idade muito especial os padrões de defesas do indivíduo e também os diagramas para a sublimação posterior. São questões muito sutis as que estudamos com respeito a *esta* mãe e a *esta* criança²¹. (D. W. Winnicott, 1971va [1966], p. 141)

Outra referência do autor ao conceito de sublimação encontra-se em uma passagem do artigo “O Brincar: Uma Exposição Teórica”:

É verdade que quando nos defrontamos com a masturbação sempre pensamos: qual é a fantasia? E é também verdade que, observando o brincar, tendemos a ficar imaginando qual é a excitação física que está vinculada ao tipo de brincadeira a que assistimos. Mas o brincar precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito da sublimação do instinto. (D. W. Winnicott, 1968i [1967], p. 60)

²⁰ Capítulo 5 do livro: *O Brincar e a Realidade* (D. W. Winnicott, 1971a)

²¹ Grifos do autor

Para o autor, o brincar está inerentemente ligado ao viver e essa experiência viva acontece no espaço criado entre o bebê e a figura materna. Tanto o brincar, o brinquedo, como também os objetos e fenômenos transicionais se encontram e transformam esse espaço potencial, base de toda a experiência cultural. O brincar para Winnicott tem sua importância na própria ação e não tanto nos conteúdos da brincadeira e desta forma, diverge da proposta kleiniana que se ocupa mais “com a utilização do conteúdo da brincadeira do que em olhar a criança que brinca e escrever sobre o brincar como uma coisa em si” (D. W. Winnicott, 1968i [1967], p. 61).

Em um tributo a James Strachey, por ocasião do banquete organizado pela Sociedade Britânica de Psicanálise para assinalar a conclusão da publicação da *Standard Edition* das Obras de Freud, Winnicott apresenta uma nova possibilidade de compreender a entrada do homem na cultura que difere da teoria da sublimação:

Freud, em sua topografia da mente, não encontrou lugar para a experiência das coisas culturais. Deu um novo valor à realidade psíquica interna, e disso proveio um novo valor para as coisas que são reais e verdadeiramente externas. Freud utilizou a palavra ‘sublimação’, apontando o caminho para um lugar onde a experiência cultural é significativa, mas talvez não tenha chegado ao ponto de nos dizer em que lugar, na mente, se localiza a experiência cultural. (D. W. Winnicott, 1967b, p. 133)

No desenvolvimento do artigo “A Localização da experiência cultural”, Winnicott (1967b) apresenta sua concepção de que o lugar da experiência cultural “está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto). O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência cultural começa com o viver criativo, manifestado primeiramente no brincar” (1967b, p. 139). Este espaço, tal como postulado, existe entre a realidade interna e a realidade externa. Winnicott propõe, dessa forma, uma abordagem que não mais enfatiza ou a realidade interna ou a realidade externa, mas pressupõe a existência de um “espaço transicional, caracterizado pela

presença de objetos transicionais, [que] é a matriz da experiência cultural, seja científica ou filosófica, estética ou religiosa” (Birman, 2008).

No artigo “O brincar e a cultura” Winnicott (1989vh [1968]) afirma que existe uma proximidade entre a formulação de Freud sobre a sublimação e o conceito que ele desenvolveu durante sua obra, relacionado ao brincar, seu lugar e importância, porém realça que “nenhum lugar para a experiência cultural foi concedido pelos psicanalistas no enunciado a existência humana” (p. 160). Para Winnicott, o brincar, como uma ação, deve ser analisado e compreendido em si mesmo; refere-se à psicanálise desenvolvida até aquele momento, ressaltando que muito tem sido escrito sobre a realidade psíquica, sobre os relacionamentos objetivos e mesmo sobre o relacionamento do indivíduo com o meio ambiente ou com a realidade externa, mas salienta que é através do brincar infantil, desde seus primórdios, que se criam as condições que, quando favoráveis, resultam na capacidade humana para a experiência cultural.

No artigo de 1968, intitulado “O aprendizado infantil”, o conceito sublimação encontra-se atrelado à destrutividade do amor primitivo, ou seja, “quando tudo vai bem, a destrutividade fica sublimada em coisas como comer, chutar, brincar, competir e assim por diante” (1968b, p. 143). Porém, quando uma criança não é favorecida com os cuidados necessários durante as etapas iniciais de seu desenvolvimento e não pode contar com a confiabilidade de um ambiente protetor e facilitador, esta criança torna-se uma criança carente. E nesta condição, a criança necessitará de um novo contexto ambiental para restabelecer a confiança nas relações humanas. Para Winnicott, a destruição ou agressividade tem um valor positivo. Quando o ambiente sobrevive aos ataques do amor primitivo, a criança pode entrar numa etapa muito importante do seu desenvolvimento que foi descrita como o ‘círculo benigno’²².

Em análise comparativa entre o conceito de sublimação de Freud e o conceito de criatividade em Winnicott, Birman (2008) afirma que apesar destes conceitos possuírem pressupostos e desenvolvimentos diversos, ambos procuram responder a uma mesma problemática, ou seja, “a relação do sujeito

²² O conceito de círculo benigno é desenvolvido por Winnicott em seu livro *Natureza Humana* (1988, vide cap. 1 Parte III).

com a cultura”, visto que para esses autores “a cultura é crucial para a constituição da subjetividade” (Birman, 2008).

A perspectiva que Winnicott propõe para a criatividade transfere o foco do processo criativo, personalidade ou produto artístico para o viver, ou melhor, para o fundamento da existência e, nesse sentido, ele realiza uma aproximação dessa noção com questões fundamentais na estruturação de sua teoria: a questão do ser e da continuidade de ser, a tendência inata à integração, a expressão do verdadeiro *self*, o gesto espontâneo, o brincar e os fenômenos transicionais. Entende-se que Winnicott propõe uma teoria da criatividade que se afasta do conceito de sublimação tal como teorizado pela psicanálise clássica, e abre caminho para uma nova perspectiva de compreensão dos fundamentos da natureza humana do ponto de vista da psicanálise.

Ao desenvolver o conceito de criatividade primária, Winnicott nos remete a um universo não verbal, um universo em formação que se associa ao que ele denominou primeira mamada teórica. Neste momento inicial formado por todos os inícios, o bebê sustentado por um ambiente adaptado cria aquilo que encontra e, neste criar e recriar, ele, o bebê, cria a externalidade, seu encontro com o real e vem a se constituir no ser que estabelece o contato com a externalidade. Segundo Birman (2008) “tal experiência é a condição de possibilidade para que a potência de ser se constitua de forma progressiva no bebê”. É nessa perspectiva que este trabalho se desenvolve, buscando a compreensão do tema criatividade para Winnicott que se inscreve no alvorecer da natureza humana e está intimamente relacionada a questões primordiais desenvolvidas pelo autor, como a do ser e da continuidade do ser, do verdadeiro *self* e do gesto espontâneo.

Capítulo 2

A questão do ser como fundamento da teoria do desenvolvimento emocional

Winnicott iniciou sua carreira como pediatra em uma época em que os avanços da medicina permitiram um novo olhar para o desenvolvimento infantil, propiciando um enfoque e um crescente interesse na observação das condições necessárias para um desenvolvimento saudável. Aliando esse interesse com sua formação em psicanálise, ele pôde desenvolver um novo significado para sua prática ao se tornar capaz de “ver o bebê como um ser humano” (1989f [1967], p. 437). Essa capacidade adquirida e sua vasta experiência com mães e seus bebês vieram a facilitar a apreensão do universo de singularidades pertinentes a essa relação e permitiram formular a afirmação de que as bases da saúde mental são lançadas pela mãe em seus cuidados desde o início da vida de seu bebê. Em entrevista a Clancier e Kalmonovitch (1984), André Green faz uma interessante observação sobre esse tema:

Se Winnicott viu as crianças da forma que viu, se ele as escutou da forma que escutou, se ele foi tão intuitivamente penetrante e profundo com elas, não é simplesmente porque ele era pediatra, mas porque ele tinha tido uma experiência psicanalítica como adulto; foi exatamente sua travessia na psicanálise e que foi prolongada e repetida muitas vezes que permitiu ver a criança com olhos de um adulto analisado, que reencontrou a criança em si mesmo, com toda sua vulnerabilidade e criatividade. (Green, 1984)

A partir de sua habilidade em ver, compreender e apreciar o contato com crianças, Winnicott, através de seus conhecimentos teóricos e práticos, pôde tanto distinguir como aproximar os pontos de vista físico e psicológico, o que lhe permitiu verificar que “não é necessariamente verdade que a diminuição física da saúde devida à pressão e à tensão emocionais indique

anormalidade... às vezes pode ser mais normal para uma criança estar doente do que estar bem” (1931p, p. 58). Desta forma, o autor enfatiza que é de importância fundamental observar e compreender as particularidades e complexidades do processo de desenvolvimento emocional infantil, tendo ao longo de seu trabalho priorizado o exercício atento de ouvir a história da criança e do ambiente inicial criado pela mãe e sua família. Sua prática lhe direcionou para uma linha de trabalho e pesquisa de uma nova concepção quanto à etiologia do adoecimento, do tratamento e da cura, que permitiu à psicanálise uma mudança do “campo das ciências naturais (que objetificam o ser humano) para o das ciências propriamente humanas, constituindo uma ciência objetiva da natureza humana” e desta forma, fundando “uma clínica do cuidado com a pessoa e não mais do tratamento de uma doença” (Fulgencio, 2006).

No início de sua carreira, Winnicott (1989f [1967]) defrontou-se com questões que motivaram a afirmação: “vou demonstrar que bebês ficam enfermos muito cedo e, se a teoria não se ajustar a isso, ela terá de ajustar a si própria. E foi assim” (p. 438). Ele passou então a conduzir sua prática, pesquisa e estudo sobre a importância do ambiente adaptado às necessidades do lactente em desenvolvimento, que vieram somar com as importantes conquistas realizadas pela psicanálise através do estudo dos fatores internos.

O estudo do desenvolvimento emocional em suas primeiríssimas fases demonstrou que o bebê tem sua existência inicial pautada na total dependência naquele que o gerou e acolheu, assim como verificou a existência de uma tendência inata que possibilita o desenvolvimento em direção a um vir a ser independente. A fim de criar bases para que esse desenvolvimento ocorra, torna-se necessário que condições ótimas e naturais sejam a tônica de suas experiências, para que, dessa forma, o bebê possa tornar atuante aquilo que trouxe em potência.

Considerando o crescimento e desenvolvimento de um bebê mesmo antes do nascimento, pode-se atestar que, em algum momento durante a gestação, algo acontece, talvez algo que possa ser chamado de um despertar e que permite verificar e provar a existência de um ser humano ainda em gestação, mas pronto para viver, de tal forma que cabe afirmar que “a vida

psicológica do indivíduo não tem início exatamente no momento em que ele nasce” (1987c [1996], p. 46).

Os momentos iniciais da vida do bebê, dentro e fora do útero materno, fornecem a estrutura na qual o lactente desenvolverá sua existência. Com o desenvolvimento de uma total identificação que fornece a sintonia para a adaptação materna às necessidades do bebê, a mãe pode facilitar a este o sentimento de ser e de continuidade do ser, fundamental para uma existência criativa. Portanto, podemos assistir com certa regularidade, entre o final da gravidez e durante algumas semanas e meses depois, a mãe apresentar-se em um estado que poderia, ao olhar externo, parecer uma doença, mas é justamente pelo fato de abrigar um novo ser que ela modifica sua vida e até mesmo, durante certo período, o centro de si mesma, estado do qual ela aos poucos se recupera para retomar sua rotina e afazeres, agora totalmente modificada pela presença deste novo ser, que nesta etapa com ela se confunde de tal forma que Winnicott (1987e [1966]) nomeou esse estado especial de ‘Preocupação Materna Primária’, na qual a experiência vivida pode ser expressa pelas palavras “ela é o bebê e o bebê é ela” (p. 4). É neste estado de total identificação com o novo ser que a mãe pode prover ao seu bebê suas necessidades, de forma perfeitamente adaptada, criando assim um ambiente suficientemente bom que é ao mesmo tempo humano e pessoal.

Seu interesse pelas etapas iniciais do desenvolvimento está na “vinculação clínica entre o desenvolvimento da criança e os fenômenos psiquiátricos, assim como entre os cuidados ministrados na infância e o cuidado adequado aos doentes mentais” (1948b, p. 234). Winnicott introduz na teoria psicanalítica a questão de ser como fundamento ontológico. Para ele, na primeiríssima infância, os cuidados naturais da mãe, preocupada em cuidar de seu filho, oferecem as bases da saúde mental e favorecem, ao ser recém-chegado, uma continuidade em sua linha de vida. Ocorre que, “quando o ambiente não consegue ocultar ou resolver as distorções do desenvolvimento emocional, leva a criança a organizar-se em torno de uma linha de defesa que se torna reconhecível como uma entidade patológica” (1953a [1952], p. 305).

No desenvolvimento de sua teoria, Winnicott diferencia as necessidades básicas dos bebês no processo de amadurecimento das pressões instintuais, ou dos desejos advindos da satisfação dessas tensões. O autor traz como um

aspecto da natureza humana, não considerada pela psicanálise tradicional, a necessidade de ser e de continuidade do ser como fundamento e motor da existência humana. Desta forma, Fulgencio afirma que Winnicott, em sua teoria do desenvolvimento emocional, não reduz a natureza humana aos seus impulsos instintuais, na verdade,

Winnicott aponta para a existência de outros aspectos determinantes no processo de amadurecimento afetivo do ser humano, que não os ligados às excitações corporais e ao princípio do prazer. Ele faz mesmo uma crítica à hegemonia do princípio do prazer (e seu correlato princípio da realidade) como os determinantes da vida psíquica, afirmando que a hipótese freudiana de que o ser humano é movido, desde o início, exclusivamente pelas excitações erógenas que procuram descarga, nada mais é do que um mito. (Fulgencio, 2010)

Enfatizando ainda a novidade e abrangência destacada pela concepção de ser e continuidade do ser introduzida por Winnicott na psicanálise, Fulgencio, em seu estudo “A necessidade de ser como fundamento da teoria psicanalítica do desenvolvimento para D. W. Winnicott” reitera que esta concepção difere dos posicionamentos de autores como Freud, Klein, Bion e Lacan e acrescenta: “Não se trata apenas de uma concepção abstrata que nos levaria para o campo da filosofia, mas sim de uma concepção que se refere a efetivos problemas existenciais que encontramos nos tratamentos psíquicos realizados pela psicanálise do ponto de vista de Winnicott” (Fulgencio, 2011a).

Para Roussillon (1999), Winnicott trouxe para a psicanálise muito mais que um simples refinamento em nossa compreensão do psiquismo, “ele a revoluciona” e esta revolução se dá não apenas através das várias inovações conceituais introduzidas pelo pensamento deste autor, mas também de seu estilo, sua forma de apresentar, compreender e teorizar o ser e o sofrimento humano, assim como de sua maneira peculiar de pensar e atuar na clínica. Mesmo assim, a compreensão dos artigos de Winnicott não se apresenta como uma tarefa fácil, e isso se deve, segundo o comentador, porque ele inscreve

sua originalidade “no fio da tradição da psicanálise freudiana”, no sentido de que “o novo aporta e adiciona ao que já está estabelecido”(Roussillon, 1999).

Roussillon aponta para um “recorte epistemológico invisível”, realizado por Winnicott ao adentrar a questão do ser na psicanálise, na questão da “subjetividade humana, que está no centro de todo sofrimento narcísico, que está no coração da falta de ser que caracteriza os estados-limites da subjetividade” (Roussillon, 1999). Quanto ao recorte epistemológico introduzido por Winnicott, Roussillon afirma que existem dois pontos essenciais ligados à teoria da transicionalidade: o primeiro relaciona-se ao pensamento de Winnicott que “implica um afastamento entre a experiência vivida e a simbolização representativa”; ou seja, nos momentos iniciais pode-se pensar em um processo de simbolização primário da experiência, onde não existem forças atuantes ou sequer um eu que represente as experiências; as falhas ocorridas nas etapas iniciais do desenvolvimento resultam em patologias do narcisismo relacionadas à falta a ser. O segundo ponto refere-se “às características principais desse modo de simbolizar” (Roussillon, 1999) e está associado ao brincar que acontece na área intermediária da experiência e relaciona-se ao criar interior e ao encontrar no exterior. Esse momento contém uma fragilidade que pode advir tanto do sujeito quanto do objeto, porém “ela é condicionada e condicionante essencialmente às particularidades do objeto”. Desta forma, afirma o autor “a atividade de representação e de simbolização ‘primária’ é uma atividade intersubjetiva que está subordinada a certas condições de funcionamento da intersubjetividade” (Roussillon, 1999).

Fulgencio (2011b), numa conferência apresentada no vigésimo Encontro Latino-americano sobre o pensamento de Winnicott, esboçou um questionamento pertinente à questão do ser introduzida pelo pensamento winnicottiano:

A referência à questão do ser me parece colocar um problema que diz respeito a uma mudança na ontologia do próprio pensamento freudiano, uma vez que o ser não é redutível a nenhum fazer, muito menos o fazer relacionado à sexualidade, tanto infantil quanto adulta. Nessa direção seríamos levados, pois, a considerar que estaríamos,

com Winnicott, num outro quadro epistemológico, numa outra metapsicologia. (Fulgencio, 2011b)

Este capítulo pretende, portanto, discutir a questão do ser e da continuidade de ser, fundamento para a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, visto que são essas condições criadas e mantidas pela mãe devotada comum que instauram o sentimento de ser e estar num mundo que recebe e sensivelmente se adapta às crescentes necessidades do bebê ao longo das várias etapas de seu desenvolvimento.

2.1 A importância da noção de ser para Winnicott

A importância da noção de ser para Winnicott é demonstrada desde o início da vida: “no início... existe um simples estado de ser, e uma consciência (*awareness*) incipiente de continuidade de ser e da continuidade de existir no tempo” (1988, p. 157). Nesse início o bebê ainda não é uma unidade, na verdade Winnicott afirma que “não existe tal coisa chamada bebê”, e com esta expressão o autor enfatiza que um bebê necessariamente será visto acompanhado por alguém, sendo cuidado por esse alguém, visto que devido às necessidades e imaturidades desse pequeno ser ele “não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação” (1947b, p. 99). Objetivando esclarecer essa afirmação, Winnicott a retoma em 1952, com intuito de abordar a localização inicial do núcleo do ser: “A unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global” (1958d [1952], p. 166). Ou seja, mesmo que um observador externo presencie uma dupla lactante-lactente, uma unidade formada pela mãe e seu bebê, é fundamental ter a compreensão de que nesses momentos iniciais o lactente ainda não é uma unidade; ele necessita da adaptação quase total da mãe para que essa unidade mãe-bebê possa acontecer. O indivíduo em seu início parte de um estado de não integração e o que podemos chamar de centro ou núcleo do ser não se encontra no próprio indivíduo, mas nessa unidade formada pelo contexto ambiente-indivíduo. Para que ocorra de forma satisfatória a transladação da casca para o cerne, será necessário o uso de técnicas de cuidado como o *holding*, o e a apresentação de objetos, oferecidos pela mãe

suficientemente boa. Seguindo a afirmação de Winnicott, pode-se verificar a importância dos cuidados iniciais oferecidos pela mãe ao seu bebê:

Sem as técnicas que permitem cuidar do bebê de um modo suficientemente bom o novo ser humano não teria chance alguma. Através dessas técnicas, o centro de gravidade do ser no interior do contexto ambiente-indivíduo pode dar-se ao luxo de estabelecer-se no centro, no cerne em vez de na casca. O ser humano que agora passa a desenvolver uma entidade a partir do centro pode localizar-se no corpo do bebê, começando assim a criar um mundo externo ao mesmo tempo em que adquire uma membrana limitadora e um interior. De acordo com essa teoria, não havia no início o mundo externo, ainda que nós, enquanto observadores, pudéssemos ver um bebê dentro de um ambiente. (D. W. Winnicott, 1958d [1952], p. 166)

O bebê tem sua existência pautada no acolhimento recebido da mãe adaptada e motivada em provê-lo com os cuidados necessários. “A mãe faz com que o que de fato é um diálogo entre ela e seu bebê apareça para ele (o bebê) como um monólogo nascido de seu desejo” afirma Phillips (2006 [1988], p. 149). Nessa etapa de vida não se pode atribuir desejos ao bebê; desta forma, o diálogo entre a mãe e seu bebê se dá pelo tom das necessidades do novo ser, pela sua própria necessidade de ser e continuar sendo. A comunicação sutil e silenciosa é demonstrada através do conjunto de cuidados dispensados pela mãe ao bebê ao longo desse início de vida e que pode ser condensado pela palavra *holding* que representa a expressão do amor da mãe pelo seu bebê; segundo Winnicott, é “o cuidado físico o único tipo de expressão de amor que o bebê pode reconhecer no princípio” (1988, p. 122).

No artigo “A Mãe Dedicada Comum”, Winnicott expõe de forma enfática a importância da noção de ser, afirmando que esta “condição de ser é o início de tudo, sem a qual o fazer e o deixar que lhe façam não tem significado” (1987e [1966], p. 9). Dessa forma, apreende-se que a condição de ser só se dará se e apenas se houver nas fases iniciais uma total adaptação materna às necessidades do bebê, algo que pode ser chamado de identificação, e que gradualmente vai diminuindo, porém mesmo as falhas naturais que venham promover a desadaptação natural devem ocorrer de forma gradativa e

compatível às aquisições da criança dependendo da fase de vida, e considerando as situações vividas e o ambiente.

Ao artigo “A Criatividade e Suas Origens”, Winnicott acrescenta um trabalho apresentado originalmente em 1966: “Os Elementos Masculinos e Femininos Ex-cindidos [*split-off*] Encontrados em Homens e Mulheres” (1971va [1966]). Neste trabalho o elemento feminino relaciona-se à fase inicial na qual só se pode conceber uma relação de objetos se falarmos em termos de objeto subjetivo “o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito” (1971g, p. 113). Com o termo objeto subjetivo Winnicott está apresentado um modo de ser e estar no mundo que, neste caso, não contempla uma separação entre eu e não eu, e em que o bebê e o objeto (seio) formam uma unidade:

Por complexa que se torne a psicologia do sentimento do eu (*self*) e do estabelecimento de uma identidade, à medida que o bebê cresce, nenhum sentimento do eu (*self*) surge, exceto na base desse relacionamento no sentido de SER. Este último é algo que precede a ideia de ser-um-com, porque ainda não houve nada mais, exceto identidade. Duas pessoas separadas podem sentir-se em união, mas aqui, nessa área que examino, o bebê e o objeto são um. O termo identificação primária talvez tenha sido usado para designar exatamente isso que descrevo, e estou tentando demonstrar quão vitalmente importante é essa primeira experiência para o início de todas as experiências subsequentes de identificação. (D. W. Winnicott, 1971g, p. 114)

Do estado fusional formado pela unidade mãe-bebê, surge um ser que tem seu núcleo alojado no centro dessa unidade dual de tal forma que permite ao bebê ser aquilo que ele cria (o seio) e que na verdade, foi encontrado ao ser oferecido pela mãe suficientemente sensível, adaptada e em profunda comunicação com seu bebê. É a partir dessa comunicação sutil que se estabelece o sentimento de ser e de existir e pressupõe algo que será denominado identidade. Apenas tendo vivenciado essa experiência é que outras que envolvem os instintos podem passar a ter sentido, porém, como

afirma Winnicott: “após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo” (1971g, p. 120).

A importância da noção de ser também foi expressa quando ocorrem falhas em sua aquisição. No artigo “A Mente e sua Relação com o Psicossoma”, o autor afirma que as intrusões ambientais provocam reações que perturbam o desenvolvimento da continuidade de ser necessária ao psicossoma em desenvolvimento (com relacionamentos internos e externos), ou seja, essas intrusões são compreendidas como “falhas do ambiente em relação à adaptação ativa” (1954a [1949], p. 337). Encontra-se também uma referência ao tema no artigo desse mesmo ano, “Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade”:

...a partir da concepção o corpo e a psique desenvolvem-se juntos, a princípio fundidos, e gradualmente tornando-se distinguíveis um do outro. Seria certamente possível dizer da psique que (independentemente do soma) que antes do nascimento existe um estar-aí pessoal, uma continuidade da capacidade de ter experiências. Essa continuidade, que poderia ser vista como o início do eu, é periodicamente interrompida por fases de reação a intrusões. (D. W. Winnicott, 1958f [1949], p. 274)

A experiência de pequenas e dosadas falhas da adaptação que não introduzam o sentimento de interrupção do ser e que mantenham a base de confiabilidade, capacitam a formação e o estabelecimento da organização egóica inicial que deriva “das experiências de ameaças de aniquilação que não chegam a se cumprir, e das quais, repetidamente, o bebê se recupera” (1958n [1956], p. 404). Novas possibilidades de ser e estar no mundo são conquistadas a partir de “um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações” (1958n [1956], p. 405).

As intrusões ambientais ocorrem quando se estabelece uma falta na adaptação e um padrão de falhas de forma reiterada. As reações a intrusões interrompem a continuidade do ser, devido ao fato de que elas extrapolam a

capacidade do bebê em assimilar a situação vivida e nessa interrupção, ocorre um congelamento da continuidade do ser. Porém, de acordo com Winnicott, o congelamento, dessas situações em que falhas ambientais significativas aconteceram, deve ser compreendido também como uma capacidade do eu de se defender contra tais falhas. O congelamento pressupõe uma ideia, mesmo que inconsciente a princípio, de que haverá em algum momento futuro a possibilidade de uma nova experiência que facilite o descongelamento e o reviver da situação, sendo que nesse novo momento há um “indivíduo num estado de regressão dentro de um ambiente capaz de prover a adaptação adequada” (1955d [1954], p. 378).

Nesse sentido, a clínica de Winnicott destacou um interesse prioritário em estudar, analisar e observar as etapas mais primitivas do desenvolvimento emocional, o que o levou a estudar a questão da psicose na análise ao compreender que a regressão do indivíduo, às situações anteriores às falhas ambientais, faz parte de um movimento de cura; portanto, ele viu nessas etapas iniciais do desenvolvimento humano, as chaves para o entendimento da psicopatologia da psicose.

Loparic ressalta que para Winnicott os distúrbios se apresentam “como modificações da elaboração imaginativa criativa do vir ao mundo e do ser no mundo; em outras palavras, como perturbações do início do relacionamento do indivíduo humano com o mundo externo ou dos relacionamentos já estabelecidos” (Loparic, 2010). Ao lidar com os pacientes que não alcançaram uma integração e que não conquistaram no momento adequado as tarefas das etapas iniciais (como integração, personalização e realização ou apresentação dos objetos), Winnicott introduz na psicanálise a questão do ser deparando-se com as interrupções na linha da vida e das reações à intrusão como uma forma de defesa contra os traumas de aniquilamento.

Dias (2003), ressalta em seu livro *A Teoria do Amadurecimento Humano de D. W. Winnicott*, que para este autor “são as psicoses e não as neuroses, o paradigma do adoecer humano”, e adverte que esta teoria, ao aprofundar o estudo, observação e tratamento das psicoses tem como perspectiva “vislumbrar aspectos essenciais da existência humana”. A autora enfatiza que para Winnicott “a questão é o sofrimento ou o aprisionamento das pessoas pela sua incapacidade de viver” (p. 75), visto que “nas psicoses, as defesas são de

tal natureza que paralisam a tendência inata ao desenvolvimento, impedindo a constituição do si mesmo” (p. 86). Ou ainda, “o estudo de bebês e de psicóticos revela, com toda a clareza, o fato de o ser humano estar, desde sempre, comprometido com o ser e o não ser”, ou seja, “todo poder ser parte do não ser e o ser nunca é completamente dado ao ser humano” (Dias, 2003, p. 150).

Santos (1999), em seu artigo “A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses”, afirma que a concepção da etiologia das psicoses em Winnicott “é uma visão completamente nova e revolucionária, e não uma mera rearticulação de conceitos já conhecidos”. O autor afirma que a teoria winnicottiana enfatiza “o ajustamento defeituoso do ambiente, e só secundariamente [a] reação da criança”. Sem desenvolver especificamente a questão do ser, Santos, ao lidar com os desafios das psicoses e das patologias atuais, ressalta que a clínica winnicottiana tem por objetivo “levar o indivíduo à simbolização, que irá permitir que o psiquismo supere suas fraturas e entre em conexão com o corpo e suas moções pulsionais”, e desta forma, “à medida que estimulamos o mundo interno, facultamos ao paciente a possibilidade de desenhar os contornos de sua subjetividade através de um processo de amadurecimento progressivo”. O autor finaliza seu artigo considerando que “o pensamento winnicottiano traz um alento para aqueles que trabalham com situações limítrofes, com os chamados casos *borderlines*, os transtornos de caráter e as psicoses em suas diferentes configurações” (Santos, 1999).

Drapeau (2002), em seu artigo intitulado: “De Freud a Winnicott: um encontro entre crianças míticas” reconhece que existem diferenças, assim como continuidades e complementariedades entre desses dois autores, e ao mesmo tempo afirma que “ao desenvolver novos conceitos baseados em seu trabalho clínico, Winnicott colocou as bases da teoria psicanalítica à prova”²³ (p. 17). O autor retoma a questão winnicottiana ‘sobre o que versa a vida’, afirmando que para Winnicott os pacientes psicóticos nos forçam a ver o problema essencial do ser humano que oscila entre sentimento de ser e não ser, entre a capacidade de sentir-se vivendo uma vida que vale a pena ou não. Drapeau aponta paralelos entre essas teorias e afirma que a criança freudiana

²³ Tradução pessoal

é descrita sob o ponto de vista dos impulsos, enquanto que a criança winnicottiana é descrita com base no senso de ser e da experiência de sentir-se real (Drapeau, 2002, p. 19). Para Drapeau, a criança winnicottiana oscila entre objetos subjetivos criados-encontrados e objetos objetivamente percebidos-destruídos, e entre estes encontra-se o objeto transicional, que pertence ao mesmo tempo à realidade e à fantasia e que habita num espaço intermediário onde “a questão de ser real ou ser uma fantasia (uma criação) é irrelevante” (Drapeau, 2002, p. 20).

2.2 A noção de continuidade de ser e de tendência inata à integração.

Phillips (2006 [1988]), em seu livro *Winnicott*, realiza um dos primeiros estudos sistemáticos da obra deste autor, e afirma que na obra winnicottiana encontram-se questões que raramente foram tratadas pela teoria psicanalítica; são elas: “Do que dependemos para que nos sintamos vivos ou existentes? De onde vem nossa percepção (quando a temos) de que nossa vida vale a pena?” (p. 27). O autor procura, ao longo do texto, mostrar que foi através de uma cuidadosa observação do relacionamento entre as mães e seus bebês que Winnicott encontrou muitas de suas respostas, como também compreendeu que não existem garantias para a experiência de estar vivo e que o *self* do bebê, como um potencial, necessita do reconhecimento materno que possibilitará a expressão do verdadeiro *self*, do sentimento de ser e de apreciar-se como real.

Ao dar início à longa jornada no desenvolvimento emocional, o indivíduo necessita que certas condições aconteçam ao longo de toda sua trajetória, ou seja, para que o bebê possa experimentar a sensação de ser e da continuidade do ser, um ambiente acolhedor deve fornecer uma adaptação ativa, sensível e sintonizada às suas necessidades, como também experimentar certas transformações nesta mesma adaptação, que devem ocorrer sempre sintonizadas às várias etapas e momentos de vida do bebê. Ao mesmo tempo, deve-se compreender que essas condições ótimas oferecidas pelo ambiente inicial não determinam o potencial do lactente, que é herdado, porém fornecem a estrutura, a base na qual a tendência inata ao crescimento e ao desenvolvimento pode vir a tornar-se um lactente. Segundo o autor:

Com 'o cuidado que ele recebe de sua mãe' cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de *continuidade* do ser. Na base dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente no indivíduo lactente. Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (D. W. Winnicott, 1960c, p. 53)

Desta forma, o autor confere importância em sua teoria ao sentimento de ser e da continuidade do ser, que precisa ser um fato tanto durante o período gestacional quanto durante toda a jornada de vida. É esse sentimento de ser e continuar sendo que está associado àquilo que se entende por saúde. Através de uma representação esquemática, Winnicott (1988) demonstra como a influência ambiental pode determinar as respostas do indivíduo, ou seja, o bebê pode se dirigir ao mundo confirmando seu valor e o próprio valor da vida, assim como poderá se retrair, se afastar, submetendo-se ou fugindo do mundo:

Se tomarmos por analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos "sendo". Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela no seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir do impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então um retorno ao ser. (D. W. Winnicott, 1988, p. 148)

Partindo da noção de um estado de identificação da mãe que pode – ou não – ocorrer no final da gravidez e persistir durante algumas semanas e meses, Winnicott trouxe um caráter vivo para a relação mãe-bebê durante essa etapa. Este caráter vivo ocorre porque a mãe é única e diferente para cada

criança, isto é, são suas capacidades, experiências e o momento de vida que tornará sua adaptação às necessidades do bebê mais ou menos perfeita, mais ou menos sintonizada. Este ambiente inicial formado pela mãe ou pelo substituto materno fornecerá então os matizes ou as cores que o bebê poderá utilizar e posteriormente transformar. A relação inicial mãe-bebê comporta-se tal como uma relação “dois-em-um”, indiferenciada. Esse momento é denominado por Winnicott de dupla dependência, porque o bebê sequer tem noção do outro (mãe) de quem ele depende para sua sobrevivência física, mental e emocional.

No estado especial denominado ‘Preocupação Materna Primária’, a mãe experimenta um estado que facilitará o desenrolar das tendências hereditárias. Neste estado especial a mãe pode se perceber de forma empática no lugar do bebê, e assim estabelecer uma sutil sintonia às mais incipientes necessidades que surgem. A princípio, essas necessidades são “necessidades corporais, que gradualmente transformam-se em necessidades do ego à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia” (1958n [1956], p. 403). Desta forma, esse estado especial da mãe vem facilitar o continuar da linha de vida do bebê que sendo pouco perturbada por intrusões, garante a continuidade de um ser que iniciou sua jornada de vida.

À importância do ambiente e sua capacidade de adaptação condicionada às necessidades do bebê, Winnicott acrescenta a concepção do desenvolvimento formada pelas tendências inatas à integração, que são as características herdadas, e que possibilitam através de uma atuação conjunta e harmônica que o desenvolvimento emocional do bebê aconteça tal como uma jornada que tem início numa etapa de dependência absoluta, rumando para a independência e passando por um período de dependência relativa.

Este ambiente criado pela mãe apresenta-se como um dos primeiros paradoxos, porque “o meio ambiente faz parte do bebê e, ao mesmo tempo não faz” (1989f [1967], p. 441). Desta forma, a mãe, ao oferecer uma sensível adaptação às necessidades do bebê, possibilitará que ele vivencie uma continuidade em seu ser; seu gesto em direção a algo, que pode ser o seio, é prontamente recebido, permitindo a sensação de criar aquilo que foi, na realidade, encontrado, mas este é outro paradoxo, para o qual se pede apenas a aceitação e nunca a resolução.

Em outras palavras, pode-se falar que o bebê parte de uma não integração primária e, ao surgirem tensões instintivas, tais como fome, frio, calor, que nesse momento inicial não têm uma localização, são vividas como um acontecimento e geram uma expectativa; portanto, o bebê que, em um dado momento experimentava um estado tranquilo, passa a viver uma alteração ou um princípio de excitação que vai prepará-lo para encontrar algo. A mãe, através de sua sensível adaptação às necessidades de seu bebê, no momento exato oferece o seio (ou aquilo que for necessário). Essa primeira mamada oferece um modelo de contato, um colorido, e foi denominada a 'primeira mamada teórica', ou seja, um padrão que vai se estabelecendo ao longo de várias mamadas que acontecem nesse início e fornecem o primeiro modelo de relacionamento. O padrão formado pelos encontros entre a mãe e o bebê a cada mamada, serão um a um estocados na memória do bebê para assim formar um padrão de experiências.

Esse momento inicial de contato é descrito por Winnicott de forma a apresentar tanto sua delicadeza, como também sua abrangência e importância:

Imaginemos um bebê que nunca tenha sido amamentado. A fome surge e o bebê está pronto para imaginar algo; a partir da necessidade, o bebê está pronto para criar uma fonte de satisfação, mas não existe uma experiência prévia para mostrar ao bebê o que ele tem que esperar. Se, nesse momento, a mãe coloca o seio onde o bebê está pronto para esperar algo, e se for concedido tempo o bastante para que o bebê se sacie à vontade, com a boca e as mãos e, talvez, com um sentido de olfato, o bebê "cria" justamente o que existe para encontrar. (D. W. Winnicott, 1947b, p. 101)

A mãe, ao prover ao bebê exatamente aquilo que estava sendo buscado, permite que ele tenha a ilusão de ter criado aquilo que encontrou e essa criação é repleta de cheiros, calor, sensações táteis, etc. Com o passar do tempo o bebê vai acumulando essas experiências repetidas e registrando-as, até formar ou criar algo que se assemelha ao seio que a mãe vem oferecendo a cada mamada. Essa experiência desenvolvida ao longo dos dias,

semanas e meses entre a mãe e seu bebê fornece a este último um sentimento de fundamental importância:

Um milhar de vezes, antes de desmamar, pode ser justamente propiciado ao bebê essa apresentação da realidade externa por uma única mulher, a mãe. Um milhar de vezes houve a sensação de que o que era querido era criado e constatado que existia. Daí se desenvolve uma convicção de que o mundo pode conter o que é querido e preciso, resultando na esperança do bebê em que existe uma relação viva entre a realidade interna e a realidade exterior, entre a capacidade criadora, inata e primária, e o mundo em geral, que é compartilhado por todos. (D. W. Winnicott, 1947b, p. 101)

Nesse trecho, o autor expressa a simplicidade e a complexidade dos momentos iniciais de contato entre a mãe e seu bebê; simplicidade devido ao fato de ser algo natural, algo que uma mãe que atende seu bebê realiza mesmo sem saber sobre as complexas sutilezas em desenvolvimento. Um indivíduo está se formando, se alimentando não apenas de leite, mas principalmente do cuidado que lhe é oferecido. A primeira mamada teórica traz para o bebê a possibilidade de que um impulso criativo aconteça e, para que isso se dê, a mãe deve tornar possível para o bebê “ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foi criado pelo impulso originado na necessidade” (1988, p. 121). Através dessa mesma sutil adaptação, a mãe favorece o retorno do estado excitado ao estado tranquilo, e nesse retorno o bebê carrega uma nova e boa experiência, a ilusão de ter criado o mundo. O somatório destas experiências, que favorecem as integrações iniciais, capacitará o bebê, posteriormente, a manter contato com o mundo real e a aceitar a desilusão que deverá acontecer naturalmente no gradual declínio da adaptação. Portanto, nesse início precoce, são as necessidades do bebê que o impulsionam a criar algo que para ele é totalmente novo (não há ainda material retido na memória), e que foi oferecido pela mãe suficientemente boa através de sua capacidade de identificação e cuidados com seu bebê. Neste momento inicial, “as palavras chaves são ilusão e desilusão”; ou seja, somente a partir de uma ‘boa quantidade’ de ilusão fornecida pela adaptação sensível da mãe, permitindo ao

bebê o sentimento de onipotência, é que ele poderá passar a “aceitar e até mesmo utilizar a desilusão” (1988, p. 121).

A repetição ou o padrão estabelecido nas mamadas quando suficientemente boas e adaptadas às necessidades do bebê, resultam em sentimentos de fundamental importância, visto que são as bases da saúde mental, ou seja, o sentimento de ser e de continuidade do ser e a confiabilidade fornecida pela sintonia materna, que permite ao bebê confiar que ele criará (e encontrará) aquilo de que necessita. Segundo Winnicott: “Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como fato através da sensível adaptação da mãe” (1988, p. 124).

Ao permitir ao bebê o sentimento de onipotência traduzido pela sensação de ter criado o mundo, a mãe e o ambiente formado em torno dele fazem prevalecer um sentimento que dá sentido à existência. Neste ponto torna-se importante ressaltar que “a identificação é aquilo com que a criança começa” (1965vf [1960], p. 25), ou seja, para que essa etapa forneça as bases do sentimento de ser e continuar sendo, não é o bebê quem deve se identificar com a mãe, visto que nada existe para o bebê que seja externo ao seu *self* que nessa fase inicial ainda sequer existe. Nesta fase inicial há uma fusão mãe-bebê, e a criança é algo que existe em potência. Este período de dependência absoluta é caracterizado pelo fato de que “o lactente não separou o *self* do cuidado materno” (1960c, p. 48). Pode-se afirmar que nessa etapa é o ego materno, através da identificação e adaptação, que organiza e facilita o desenvolvimento do ego do bebê e assim, a mãe fornece elementos para que nos momentos calmos o bebê se identifique com ela, porém este fato “é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita”, estado que pode ser denominado de *identificação primária*, e “isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como ser” (1987e [1966], p. 9).

É, portanto, no reconhecimento intuitivo e natural da fragilidade e importância dessa etapa inicial, que a mãe suficientemente boa não permite que a linha da vida de seu bebê seja perturbada, visto que ao se permitir entrar nesse estado especial de identificação com seu bebê ela passa a fornecer um “contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que

as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida” (1958n [1956], p. 403).

As bases da saúde mental são, portanto, lançadas nessa etapa inicial onde a dependência é absoluta e sequer há, por parte do bebê, o conhecimento desta dependência, e para que o desenvolvimento ocorra, a mãe providencia de forma natural e silenciosamente, as boas qualidades desse ambiente, porque neste momento ela ‘sabe’ que somente os genes não são suficientes. O potencial para o desenvolvimento humano que habita no bebê pode ser compreendido como seguindo por duas linhas: uma tendência voltada para o crescimento físico, e outra voltada para o desenvolvimento psíquico, que podem resultar, depois, na integração psicossomática. Entende-se dessa forma, que as tendências hereditárias caminham tanto no campo físico como no campo psicológico. Qualquer interrupção na linha do desenvolvimento significa uma descontinuidade na própria vida e neste sentido, é a continuidade da existência que fundamenta o desenvolvimento da personalidade humana. Porém nesta continuidade “está implícita a ideia de que nada daquilo que fez parte da experiência de um indivíduo se perde ou pode jamais vir a perder-se para este indivíduo, mesmo que, por força de causa complexas e variadas, viesse a tornar-se (como de fato se torna) inalcançável à consciência” (1968d, pp. 79-80).

O tema adaptação torna-se de fundamental importância, porque é neste estado que a mãe e o ambiente ao redor do bebê permitem “ao indivíduo SER sem ter que tomar conhecimento do ambiente” (1988, p. 151). O bebê, como uma organização em marcha, contém em si uma tendência inata à integração, e esta promove e permite a conquista de importantes tarefas básicas do desenvolvimento que “implica um continuar a ser”, e para que ocorra “o desenvolvimento saudável do psicossoma inicial é necessário um ambiente perfeito”, dando ênfase aos momentos iniciais em que essa necessidade é absoluta (1954a [1949], p. 334).

A força de vida do bebê, apoiada pelo ego materno na forma de cuidados sensíveis sintonizados às necessidades cambiáveis de cada momento capacitam o lactente a lidar com pequenas interrupções – desde que estas não

sejam intensas ou prolongadas. Winnicott dá uma ênfase especial ao aspecto humano e pessoal dos cuidados maternos, que difere profundamente de cuidados mecânicos. Nesse sentido, ele afirma que “o bebê não quer tanto que lhe deem a alimentação correta na hora exata como, sobretudo, ser alimentado por alguém que ama alimentar seu próprio bebê” (1949b, p. 28). É essa capacidade da mãe de amar e prover o bebê que o torna capaz de aceitar e lidar paulatinamente com mudanças de pressão, temperatura e condições ambientais sem que ocorra uma interrupção traumática da continuidade do ser.

A mãe que ativamente se adapta, de um modo fértil, dá ao seu bebê uma base para estabelecer contato com o mundo e, mais do que isso, propicia ao bebê uma riqueza em suas relações com o mundo que pode desenvolver-se e atingir plena fruição, com o decorrer do tempo, quando a maturidade chegar. Uma parte importante dessa relação inicial do bebê com a mãe é a inclusão na mesma de poderosos impulsos instintivos; a sobrevivência do bebê e da mãe ensina ao bebê, através da experiência, que são permissíveis as experiências instintivas e as ideias excitadas, e que elas não destroem, necessariamente, o tranquilo tipo de relação, de amizade e de participação. (D. W. Winnicott, 1949n, p. 119)

Ao criar uma base que contempla uma diversidade de experiências, a mãe propicia ao seu bebê formar um interior rico e criativo de ideias, pensamentos e sentimentos; uma criança que ao brincar experimenta os sabores e texturas da vida, e um ser humano com capacidade de viver imaginativamente, contribuindo construtivamente para o mundo ao seu redor.

As falhas no cuidado inicial ao lactente interrompem a continuidade de sua existência e, devido à extrema imaturidade do ego, que ainda sequer começou a se formar, promove, nestas circunstâncias, uma sensação de aniquilamento que se assemelha a uma ansiedade inimaginável. Essa sensação acarreta uma interferência ou interrupção no processo ainda inicial de aglutinação do todo em uma unidade, que pode ser descritos através das tarefas básicas desse período: processo de integração que leva ao estabelecimento de uma unidade, da coesão psicossomática e da capacidade de relacionamento com objetos.

Nesses estágios iniciais, de dependência absoluta, o bebê deve viver e experimentar momentos e sensações de onipotência facilitadas e permitidas pela mãe, devotada a cuidar e a prover as necessidades de seu bebê. Quando essas experiências são impossibilitadas pelas falhas no cuidado ao lactente, este “não é capaz de começar a maturação do ego, ou então, ao fazê-lo o desenvolvimento do ego ocorre necessariamente distorcido em certos aspectos vitalmente importantes” (1965n [1962], p. 56). Existe, portanto, uma interdependência entre a provisão ambiental e a tendência inata ao desenvolvimento e crescimento, sendo que esta última somente resultará em saúde desde que certas condições sejam atendidas de acordo com a etapa de desenvolvimento da criança, ou melhor, nas palavras de Winnicott: “o potencial herdado de um lactente não pode se tornar um lactente a menos que ligado ao cuidado materno” (1960c, p. 43).

O ego, que também pode ser entendido como a tendência inata ao desenvolvimento e à integração, será forte ou fraco de acordo com a provisão ambiental recebida. Na etapa inicial, o termo fusão pode ser utilizado visto que não há separação entre o eu e o não eu. As experiências vivenciadas neste clima dão “sentido aos acontecimentos corporais e existenciais, catalogando, separando e relacionando esses acontecimentos, de maneira tal que a contínua complexidade crescente dessa elaboração imaginativa caracterizará o desejo, a fantasia e o sonho, como modos de ser e estar no mundo mais maduro” (Fulgencio, 2011a).

Desse estado de indiferenciação, gradualmente vai surgindo algo que pode ser chamado de uma membrana limitadora, criando assim um interior e um exterior, um eu e um não eu. Nessa nova etapa muitas conquistas se realizam e surge uma mente como uma conquista de uma integração da psique e do soma. Essa conquista vem coroar uma fase em que a desadaptação gradual da mãe pode se dar, assim como o incremento da capacidade de relacionamento objetal, ou seja, há uma passagem do relacionamento com objetos subjetivamente concebidos para um relacionamento com objetos objetivamente percebidos. “Essa mudança está intimamente ligada com a mudança do lactente de ser fundido com a mãe para ser separado dela, se relacionando a ela como separado e como não eu” (1960c, p. 45).

Para Winnicott (1988), “o ser humano é uma amostra no tempo da natureza humana” (p. 29); com isso ele afirma que a cada etapa do desenvolvimento emocional o bebê gradualmente se transforma em uma criança e a criança em um adulto, entendendo que maturidade relaciona-se diretamente à idade. A cada etapa, tarefas necessitam ser conquistadas para que o estatuto de unidade possa ser uma realidade e para que a expressão Eu sou possa vir a ter significado.

Capítulo 3

Aspectos gerais da teoria do desenvolvimento emocional para compreensão da noção de criatividade

Ao iniciar o livro *Natureza Humana*, Winnicott (1988) declara seu objetivo principal: “Minha tarefa é o estudo da natureza humana”, e afirma que mesmo conhecendo a abrangência e complexidade da tarefa a que se propõe, afinal “a natureza humana é quase tudo que possuímos” (p. 21), opta por expor sua contribuição pessoal a um tema tão relevante, utilizando uma abordagem que estuda o desenvolvimento emocional do ser humano segundo dois processos básicos: a tendência inata ao desenvolvimento ou, pode-se dizer, tendência inata à integração em um todo unitário, e a existência (ou não), durante todo esse processo, de um ambiente facilitador adaptado às necessidades específicas do bebê a cada etapa de sua vida. Ele também considera a existência de três processos fundamentais que têm início muito precocemente, são eles: “1- integração; 2- personalização; 3- em seguida a estes, a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização” (1945d, pp. 222-223).

A teoria do desenvolvimento emocional desenvolvida por Winnicott (1965r [1963]) pode ser descrita como uma jornada que inicia em uma fase de dependência absoluta, progride para uma fase onde a dependência torna-se relativa e segue rumo à independência que, segundo o autor, permanece durante a vida como uma independência relativa. Segundo Dias (2003), “a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal é a explicitação temporal, na forma de estágios ou etapas, das várias tarefas que a tendência inata ao amadurecimento impõe ao indivíduo ao longo da vida” (pp. 93-94). Winnicott (1988), no entanto, nos adverte que “a dissecação das etapas do desenvolvimento é um procedimento extremamente artificial... a criança está o tempo todo em todos os estágios, apesar de que um determinado estágio pode ser considerado dominante” (p. 52). Porém, apesar da artificialidade da divisão

em estágios do desenvolvimento, tal artifício vem nos auxiliar na apreensão dos mais sutis aspectos que envolvem cada uma das etapas de vida.

A formação inicial de Winnicott como pediatra lhe trouxe uma possibilidade ímpar de observar um expressivo número de bebês e suas mães e essa experiência lhe permitiu afirmar que muitos dos sintomas que afligiam crianças ou mesmo bebês, assim como o relacionamento destes com suas mães, não provinham apenas de uma base biológica ou fisiológica ou ainda, que estes fatores, em muitos casos, apresentavam-se como secundários. Desta forma, seu interesse pela psicologia e sua formação em psicanálise realçaram seu interesse em compreender as dificuldades emocionais que datavam de etapas muito iniciais e no desenvolvimento de suas atividades como pediatra e psicanalista, ele expõe suas ideias de que “é possível estabelecer uma vinculação clínica entre o desenvolvimento da criança e os fenômenos psiquiátricos, assim como entre os cuidados ministrados na infância e o cuidado adequado aos doentes mentais” (1948b, p. 234). Nesse sentido, Winnicott expressa na passagem a seguir sua preocupação em estabelecer uma teoria do desenvolvimento emocional:

Precisamos chegar a uma teoria do desenvolvimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades, uma vez que já não nos damos mais por satisfeitos a menos que possamos preveni-las e curá-las. Não aceitamos a esquizofrenia infantil mais do que aceitamos a poliomielite ou a condição da criança espástica. Tentamos prevenir, e esperamos ser capazes de conduzir à cura onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém. (D. W. Winnicott, 1965vc [1962], p. 65)

Winnicott (1953a [1952]) aproxima temas como a criação de filhos da psiquiatria geral de adultos, a fim de alertar para a importância dos cuidados iniciais oferecidos pela mãe ao seu bebê. Esta importância é de tal forma significativa que ele afirma: “a base para a saúde mental é instaurada pela mãe desde a concepção e ao longo de cuidados comuns por ela dispensados ao seu bebê, em razão de sua motivação especial nesse sentido” (1965vc [1962],

p. 315). Preocupado com a profilaxia das doenças mentais e não com a nomeação de culpados, Winnicott afirma que as falhas ambientais, tais como adiamentos, distorções, confusões, etc. – ocorridas nas etapas iniciais do desenvolvimento do bebê dificultam o estabelecimento da saúde mental. Nessa etapa inicial, as falhas ambientais criam condições não-adaptativas e “a doença mental emerge, sem ser percebida, das dificuldades normais inerentes à natureza humana, e que dão o colorido próprio à tarefa de ajudar as crianças a crescer seja pelos pais, por enfermeiras e por professores” (1953a [1952], p. 315).

Fulgencio afirma que a teoria winnicottiana fornece uma visão geral do processo do amadurecimento quando as condições ambientais são dadas como certas. Ou seja, para que ocorra um desenvolvimento emocional saudável, o bebê deve percorrer um longo caminho que se inicia antes mesmo do seu nascimento, e prossegue por toda a vida ou ainda, partindo de um estado de não-integração chega a um momento de integração no qual é possível verificar uma distinção entre um eu e um não-eu. Prosseguindo em condições suficientemente boas, o indivíduo chega a um estado no qual ele se sente como uma pessoa inteira e pode se relacionar com outras pessoas inteiras. As relações vividas inicialmente como subjetivas passam para um relacionamento entre duas pessoas e chegam ao estado de maturidade emocional e a um relacionamento interpessoal com três pessoas e com mais de três.

No artigo “Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D. W. Winnicott”²⁴, Fulgencio destaca que a teoria desenvolvida por Winnicott, tem como característica peculiar a não utilização de conceitos metapsicológicos no seu modo de apresentação e teorização e o autor a denomina de “factual”²⁵ por oposição à teorização especulativa que caracteriza

²⁴ Texto inédito cedido pelo autor

²⁵ Loparic aborda o conceito tal como desenvolvido por Kuhn: “uma ciência factual é o quadro no qual se desenvolve uma atividade de resolução de problemas semelhantes a quebra-cabeças. A estrutura interna desse quadro é caracterizada por uma maneira de ver o mundo e de falar sobre ele, compartilhada por um grupo institucionalizado e estruturada como um paradigma ou uma matriz disciplinar”. Mesmo que a psicanálise não possa ser considerada uma ciência madura, o uso do conceito de paradigma permite apreender a composição e a estrutura da ciência referida, assim como observar mudanças ou mesmo rupturas paradigmáticas. (Loparic, 2006)

a metapsicologia freudiana”. Fulgencio reforça que Winnicott reconhece as grandes descobertas de Freud, tais como o complexo de Édipo, a sexualidade infantil, o inconsciente reprimido, porém acredita que estes conceitos não podem ser utilizados nas fases iniciais do desenvolvimento, visto que nestas etapas estão ocorrendo fenômenos diferentes em relação às características essenciais destes próprios conceitos. Para Fulgencio, “Winnicott refez a teoria psicanalítica, seja introduzindo novos fatos e fatores a serem considerados no processo de amadurecimento, seja redescrevendo, a partir dessas descobertas, o que a psicanálise tradicional formulara dentro do paradigma proposto por Freud” (Fulgencio, 2006). Loparic expõe que, ao se deparar com casos de tendência antissocial e psicose, Winnicott rejeita a ideia de que estes distúrbios provinham de conflitos pulsionais intrapsíquicos “deixando de ver que, pelo menos nesses casos, a patologia ou a anormalidade estava primariamente no ambiente e só secundariamente na criança. Em outras palavras, Winnicott entendeu que era necessário mudar a etiologia dos distúrbios em questão” (Loparic, 2006).

Em um artigo de 1967, Winnicott reconhece Freud como o criador de um método de investigação e tratamento do sofrimento psíquico e afirma: “Se houver algo que eu faça que não seja freudiano, gostaria de sabê-lo”, porém, ao prosseguir sua exposição afirma “não me importo que não seja” (1989f [1967], p. 437). O autor (1945h) coloca em evidência uma das principais características da ciência que é seu contínuo desenvolvimento na seguinte afirmação: “os trabalhos de Freud... revelam-nos como suas ideias se desenvolveram. Ele não só iniciou uma nova ciência como também a levou muito longe; e atualmente ela está sendo levada ainda mais longe por aqueles que continuaram a usar seus métodos, e a desenvolvê-los à sua própria maneira” (p. 34). Ainda neste artigo o autor enfatiza a importância dada a um estudo científico da natureza humana, visto que, “a abordagem científica aos fenômenos da natureza humana nos permite ser ignorantes sem medo, e, portanto, sem ter que inventar todo o tipo de teorias fantásticas para explicar as lacunas do conhecimento” (1945h, p. 33).

Procurando compreender o que levava ao adoecimento emocional dos bebês nas primeiras etapas de vida, assim como as dificuldades que permeavam as precoces relações mãe-bebê, Winnicott desenvolveu sua teoria

do desenvolvimento emocional observando e trabalhando com certos temas: o conceito de *self* ou a ideia de um *self* verdadeiro e um *self* falso; a ideia da delinquência ou psicopatia como resultante de privação emocional real ou fantasiada e a ideia de que a psicose derivada de uma privação emocional nos estágios pré-primitivos do desenvolvimento, ou seja, aqueles em que sequer há a percepção da dependência. Segundo Winnicott (1953a [1952]), “há uma continuidade no desenvolvimento do indivíduo que, iniciando-se na concepção, prossegue através da fase de latência e primeira infância, e alcança o estado adulto, sendo a criança o pai do homem” (p. 306).

3.1 As fases do processo de amadurecimento e sua relação com a criatividade

Winnicott (1988) adverte que “quanto mais caminhamos para trás em nosso estudo do desenvolvimento do ser humano, ficamos cada vez mais óbvia e profundamente envolvidos no estudo do ambiente” (p. 119). Nos momentos em que o bebê ainda está sendo gestado, vemos somente a mãe e os cuidados que ela tem consigo mesma, que se confundem com as experiências intrauterinas, assim como com as expectativas, medos e ansiedades da mãe em torno da experiência do nascimento. Não é possível afirmar com segurança em que momento se dá o primeiro despertar, mas em termos de criatividade, pode-se pensar que ela tem sua origem no momento em que o bebê procura alcançar algo e esse gesto está relacionado à motilidade e é próprio do estar vivo. O nascimento pode, portanto, ser pensado como um destes primeiros momentos.

Nas fases mais primitivas a importância do ambiente é quase total, e nesse sentido, é necessário reconhecer e avaliar como o ambiente se conforma às necessidades tão especiais do bebê tanto na fase intrauterina, quanto no nascimento e logo após. A capacidade da mãe de dedicar-se ao recém-nascido, como também do casal que assume conjuntamente a responsabilidade pela criança recém-chegada, apoiados pelo grupo social mais próximo e pela própria sociedade, no sentido da criação de um ambiente suficientemente bom, fornecem o suporte necessário à mãe para que ela possa se dedicar, nos períodos iniciais, exclusivamente ao seu bebê.

As experiências anteriores ao nascimento têm sua importância tanto que Winnicott (1988) afirma que “no momento do nascimento a termo já existe um ser humano no útero, capaz de ter experiências e acumular memórias corporais e até mesmo organizar defesas contra possíveis traumas” (p. 165). Torna-se necessário, portanto, diferenciar o sentido dado à experiência do nascimento e ao trauma de nascimento; no caso deste último a continuidade do ser foi interrompida devido à necessidade de reagir às prolongadas intrusões. Quando o desenvolvimento ocorre de forma natural e as condições necessárias para o nascimento têm seu lugar, o bebê vive as intrusões ambientais do parto sem necessariamente reagir a elas, ou seja, “o bebê está preparado antes do parto para certa intrusão ambiental, e já teve a experiência de um retorno natural da reação a um estado em que não é preciso reagir, sendo este último o único estado em que o eu pode começar a ser (1958f [1949], p. 264). Este estado de coisas está relacionado à saúde e proporciona ao bebê experienciar que foi seu próprio impulso e sua vitalidade que provocaram as mudanças que resultaram no seu nascimento.

Se, durante a gestação, o bebê sentia-se completamente seguro e envolvido pelo útero materno, com o nascimento “o bebê muda da condição de ser amado por todos os lados para a condição de ser amado somente de baixo para cima” (1988, p. 151). Essa condição de sentir a mudança no tipo de suporte dado pelo entorno é favorecida pelo estado especial denominado Preocupação Materna Primária, o qual permite à mãe segurar seu bebê e ampará-lo de maneira que facilite a transição e as mudanças ocorridas devido ao nascimento (gravidade, respiração...). As dificuldades nesse estágio podem ser expressas através do “sonho de cair para sempre ou de estar sendo carregado para alturas infinitas” (1988, p. 152). Os resultados dos cuidados neste período de transição promoverão posteriormente ou sentimento de ser cuidado com zelo e amor, ou então a sensação da falta de cuidados ou de um cuidado realizado com desleixo. Para Winnicott a mãe sensivelmente sintonizada e preocupada em atender as necessidades de seu bebê prontamente fornece a este uma situação em que as tendências inatas ao desenvolvimento possam se manifestar e, desta forma, o bebê pode “experimentar movimentos espontâneos e se tornar dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida” (1958n [1956], p. 403). Nos

processos naturais, o bebê recém-chegado ao mundo é simplesmente um emergente. Em outras palavras, o ser humano parte de um estado de não-integração e neste estado, há uma dependência absoluta dos cuidados ambientais, assim como serão estes mesmos cuidados os promotores da integração psicossomática em concordância com as tendências herdadas ao desenvolvimento.

As experiências que constituem as etapas iniciais do desenvolvimento emocional do ser humano são de uma qualidade muito sutil e, por isso, é fundamental que a mãe perceba tais sutilezas e possibilite ao seu bebê sentir que seus primeiros gestos são uma expressão de seu potencial criativo. Winnicott, no artigo “Necessidades ambientais; os estágios iniciais; dependência total e independência essencial” (1996k [1948]), expõe a delicadeza desse contato inicial e ressalta a existência de uma diversidade de experiências vividas pelo bebê nos primeiros contatos com a mãe. Ele afirma que ao sentir fome, por exemplo, o bebê se volta para as coisas externas e se encontra em prontidão para aceitar o que vem de fora, mesmo sem ter sequer uma frágil ideia do que possa ser e de que esse ‘fora’ existe. O bebê neste momento está sendo cuidado, amparado e sustentado por uma mãe que ama fazer isso; uma mãe que aprecia o momento de ataque ao seio porque ela sabe que tem algo importante a oferecer ao seu bebê. O bebê, por outro lado sente, percebe e vê esses movimentos, e tudo isso o estimula e esse estímulo favorece a fisiologia da mãe. O seio, a mãe e o bebê encontram-se prontos. Algo muito complexo, importante e delicado está acontecendo: o bebê está pronto para alucinar algo, e a prontidão da mãe com sua capacidade de estar no lugar certo e dar ao bebê o tempo necessário para que ele a encontre, permite ao bebê ter a ilusão “de que aquilo que ele consegue e toma e encontra é aquilo que ele criou a partir de seus próprios sentimentos, de seu poder de alucinar. Isso, é claro, é uma questão de experiência viva” (1996k [1948], p. 52). A partir do somatório de várias mamadas bem sucedidas, o bebê começa a acumular material que provém da experiência real, uma experiência carregada de sons, sabores, tons, cheiros e gradualmente, ele consegue começar a imaginar aquilo que vai acontecer. Estas coisas simples e bem feitas por uma mãe cuidadosa dão ao bebê as bases para a saúde mental.

A fome é uma das expressões de uma tensão instintiva que leva o bebê a executar um gesto, a busca de algo que ele ainda não sabe o que é porque não existem memórias anteriores. Esse impulso o coloca em prontidão para criar uma fonte de satisfação e quando a mãe atenta aos movimentos do bebê e sintonizada às suas necessidades, se oferece e se coloca exatamente no lugar onde ele está pronto para criar, acontece algo que se assemelha a um momento mágico. Neste momento o bebê sente-se o criador daquilo que ele, na verdade, encontrou. Um encontro carregado pela ilusão de que a sua necessidade é capaz de criar exatamente aquilo que ele quer encontrar. Pela continuidade dessa atuação suficientemente boa, a mãe estabelece com seu bebê uma comunicação que pode ser expressa pelas palavras: “Venha para o mundo de uma forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você” (1968d, p. 90) Com isso, a mãe realiza de forma contínua e adaptada uma apresentação da realidade, que produzirá no bebê uma sensação de que ele encontrará no mundo externo coisas e situações que estarão em sintonia com seu mundo interno e, desta forma, criar-se-á o sentimento de que o mundo e a vida são algo precioso e que têm um valor.

Com o conceito de criatividade Winnicott propõe, que ao encontrar no mundo objetos e ideias e sentir que estes foram criados pela sua necessidade, cria-se no bebê um sentimento de segurança e confiança de estar e viver no mundo. Portanto é através do fornecimento da ilusão que fecundará um sentimento de onipotência, ou seja, “encontrar realmente aquilo que ele cria, e a criar e vincular isso com o que é real” (1986h [1970], p. 34) o bebê então desenvolverá condições para vir a aceitar a gradual e necessária desadaptação, que deve ocorrer para permitir a continuidade de seu desenvolvimento.

A criatividade, para Winnicott, está associada ao viver, e cada bebê deve experimentar a onipotência de ter criado o mundo para que posteriormente, ele possa vir a fazer parte de um mundo que a princípio não foi desejado. Lembremo-nos que Winnicott afirma de forma veemente: “O princípio de realidade é uma afronta” (1986h [1970], p. 24), portanto, muitas coisas devem acontecer para que o bebê possa vir a lidar com essa afronta. É necessário que o bebê, apoiado pelo ambiente, sentindo a existência de uma profunda comunicação entre ele e sua mãe, possa dar sentido às mínimas experiências

vividas, que incluem os cuidados corporais e ambientais, aqueles simples momentos de um contato humano verdadeiro e preenchido por algo que é o amor da mãe pelo seu bebê. Nestes momentos não há pressa, há um respeito pelo ritmo e pelas descobertas de cada um, seja da criança descobrindo o seio e o que ele tem a oferecer, seja do calor do contato com o corpo da mãe e todas as possíveis trocas que ocorrem nesses momentos de intimidade. Desta forma, cada experiência, repetida muitas vezes, será preenchida por um colorido e qualidades e assim, fará parte da fantasia, do mundo imaginativo e será denominada por Winnicott de elaboração imaginativa das funções corporais. Como exemplo, pode-se apontar a experiência da amamentação, em que o bebê precisa de algo que vai além do leite que a mãe lhe oferece; ele necessita viver as experiências calmas do contato, dos cheiros, de ser envolvido por alguém que o ama, assim como experimentar a excitação da própria mamada, e sentir todos esses contatos como recheados de uma presença viva, que fornece material para a fantasia e enriquece o mundo interno.

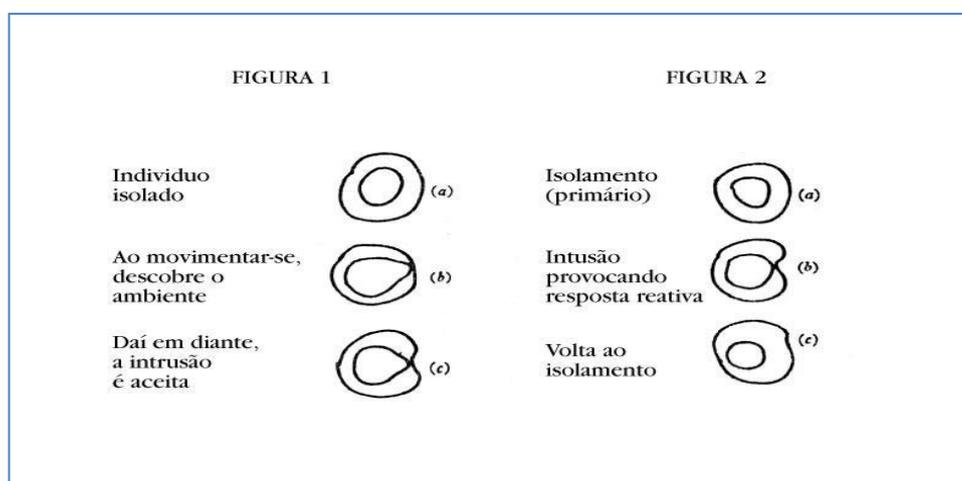
Este contato entre o mamilo e a boca faz (o bebê) pensar: 'Talvez exista alguma coisa lá fora da boca que valha a pena procurar'... Gradualmente, a mãe capacita o bebê a compor na imaginação aquilo que ela realmente tem para oferecer... A mãe compreende o que o bebê sente porque é viva e tem imaginação... A operação repete-se diversas vezes e o bebê mama não de uma coisa que contém leite, mas de uma propriedade pessoal cedida por momentos a uma pessoa que sabe o que ela tem que fazer. (D. W. Winnicott, 1949b, p. 28)

No desenvolvimento saudável, que implica num continuar a ser não excessivamente perturbado por reações a intrusões, o bebê, que partiu de um estado de não integração primária vai alcançando suas primeiras integrações, através da alternância de estados tranquilos e excitados sustentados pelo ambiente, ou ainda, nas palavras de Winnicott (1988): "Fatores internos podem contribuir para promover a integração; como exemplo temos a exigência

instintiva ou a expressão agressiva, cada uma delas sendo precedida de uma convergência aglutinadora do self como um todo” (p. 137).

No estágio de dependência absoluta o bebê, que ainda não é uma unidade, e que forma uma unidade a partir do conjunto mãe-bebê, está sendo gradativamente apresentado à realidade externa. O mundo vai sendo apresentado em pequenas doses e a mãe vai aproximando seu filhinho daquilo que é real e do que não é real, ou seja, “o bebê começa nada sabendo acerca do mundo, e na época em que as mães terminaram sua tarefa, o bebê já se converteu em alguém que conhece o mundo, que pode descobrir um caminho para viver nele até para tomar parte na maneira como ele se conduz” (1949m, p. 76).

No artigo “Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade” (1958f [1949]), Winnicott expõe a fala de uma paciente que é posteriormente apresentada de forma esquemática, no artigo “Psicoses e Cuidados Maternos” (1953a [1952]). Reproduzimos aqui o esquema feito por Winnicott que tem por intuito enfatizar a importância da adaptação materna na apresentação do mundo externo ao bebê.

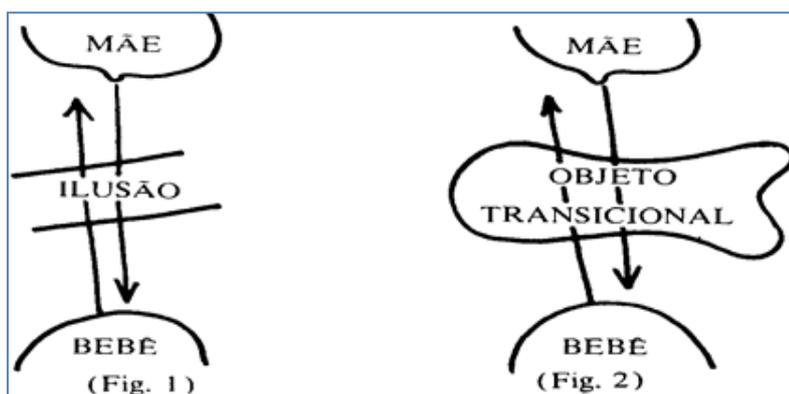


As figuras 1 e 2 acima foram extraídas do livro *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (D. W. Winnicott, 1953a [1952], p. 309)

A figura 1 demonstra um ambiente que acolhe e espera pelo gesto do bebê; nesta situação o bebê sente que foi ele quem criou aquilo que na realidade foi encontrado e, “nesse estado ele faz um gesto espontâneo e o ambiente é descoberto sem perda da sensação de ser” (p. 310). Já a figura 2

demonstra um ambiente que não aguarda pelo movimento da criança e avança, impondo-lhe algo que não foi nem desejado, nem buscado. Ocorreu uma falha na adaptação e a sensação é de intrusão que provoca uma resposta em forma de reação. A falha ambiental resulta na perda da sensação de ser que poderá ser reestabelecida pela volta ao isolamento, porém Winnicott afirma que “o estar isolado torna-se cada vez menos puro à medida que a criança afasta-se do início, pois envolve cada vez mais uma organização defensiva para repudiar a intrusão ambiental” (1953a [1952], p. 310).

A capacidade de criar aquilo que na realidade foi encontrado ocorre numa área formada pelo gesto do bebê e pela adaptação da mãe no atendimento desse gesto. Inicialmente, nas condições suficientemente boas, o bebê cria um seio que é parte dele, de forma que esse primeiro relacionamento se dá com um objeto que na verdade é subjetivo. Os esquemas abaixo foram apresentados nos artigos “Psicoses e Cuidados Maternos” (1953a [1952]) e “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1953c [1951]-b). A figura 1 refere-se a uma representação gráfica da primeira mamada teórica, ou seja, aquele padrão que se estabelece quando a mãe ativamente adaptada às necessidades do bebê fornece através de uma sutil sintonia, no momento exato aquilo que ele está pronto para criar e desta forma favorece a criação de uma área de ilusão. Essa área de ilusão ocorre na intersecção entre aquilo que a mãe oferece e gesto criativo do bebê. Winnicott afirma que nesse momento o bebê não tem a noção da mãe como algo externo a ele, portanto “o bebê recebe de um seio que faz parte dele e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma” (1953c [1951]-b, p. 27).



Figuras extraídas do livro: *O Brincar e a Realidade* (D. W. Winnicott, 1953c [1951]-b, p. 27)

A figura 2 refere-se à forma e ao nome dado à área de ilusão ou ainda, uma área neutra da experiência de objeto e fenômenos transicionais. Neste ponto apresenta-se um importante paradoxo para o qual se pede a concordância e nunca a resolução, ou seja, nunca será formulada ao bebê a pergunta se o objeto foi por ele criado ou foi encontrado na realidade compartilhada (1953c [1951]-b, p. 28).

A partir das figuras apresentadas percebe-se que há no bebê um potencial de criação aliado à tendência inata ao desenvolvimento e um ambiente com uma adaptação suficientemente boa. Esse conjunto de potencialidades fornece a possibilidade de uma progressão natural em termos de saúde mental, da aquisição de uma riqueza interior e a capacidade de lidar com a desadaptação gradual necessária às etapas seguintes.

São várias as conquistas que ocorrem no período inicial denominado de dependência absoluta que, ao alcançar a integração psique soma, abrem possibilidades para uma nova aquisição, a mente, que facilitará ao bebê compreender as falhas maternas resultantes da gradual desadaptação do estágio seguinte, que pressupõe uma dependência relativa. Winnicott (1954a [1949]) explica que a mente é uma “especialização da parte psíquica do psicossoma” e, no desenvolvimento saudável, “a mente tem uma raiz, talvez sua raiz mais importante, na necessidade que o indivíduo tem, no cerne de seu eu, de um ambiente perfeito” (p. 335). Quando houve um início suficientemente bom, com as necessidades do bebê sendo atendidas prontamente, provendo a continuidade do ser, as pequenas falhas, naturais e compatíveis com as capacidades crescentes do bebê, serão como que assimiladas pela capacidade mental inicial e é esta nova capacidade que irá pouco a pouco liberar “a mãe da necessidade de ser quase perfeita” (1954a [1949], p. 335).

O bebê passa a compreender e assimilar certas características do ambiente ao seu redor, pequenos adiamentos serão agora suportados; certos barulhos, cheiros, vozes lhe reafirmam que as necessidades serão atendidas. A confiabilidade do ambiente e a ‘crença em’ farão parte da constituição desse novo ser se houver um tempo de espera compatível com a capacidade do bebê. Nessa etapa estamos lidando com a primeira posse não-eu e uma das características deste objeto é que ele “constitui um símbolo de união do bebê e da mãe” (1967b, p. 135). O bebê está agora vivendo um momento de transição,

vivenciando uma passagem em que a experiência era de ser fundido com a mãe sendo ela, portanto um objeto subjetivo; para outro momento em que ela passa a ser percebida de forma objetiva, externa.

Retomando a questão tempo e a crescente habilidade do bebê em compreender as falhas maternas, vemos que estas somente podem ser assimiladas se, e somente se, o tempo de espera ou retorno do objeto for compatível ao tempo de permanência da capacidade do bebê em reter a imago do objeto. Nesta fase em que o contato com a realidade externa está sendo construído e em que muitas aquisições caminham lado a lado, a adaptação materna deve ser mantida e as falhas devem ser instauradas de forma gradativa para permitir que os ganhos obtidos permaneçam fornecendo o sentimento de ser e continuidade do ser. Winnicott, no artigo “Primeiras Experiências de Independência” (1957h [1955]) expõe as consequências de falhas que excedem a capacidade de compreensão da criança: a criança construiu uma versão interna da mãe, e essa imago permanece viva na criança durante um período de tempo, porém se esse tempo é excedido essa versão interna se desvanece e os fenômenos transitórios tornam-se sem significados, vazios de sentido, impossibilitando seu uso pela criança. O resultado desta situação pode ser acompanhado pela exposição abaixo:

O que vemos agora é uma criança que tem de ser cuidada e alimentada e que foi deixada sozinha, propender para as atividades excitantes, com gratificação sensual. O que se perdeu foi toda a área intermediária de contato afetivo. Com o regresso da mãe, se o intervalo não foi demasiado longo, elabora-se primeiro uma nova versão interna dela, e isso leva tempo. O êxito deste restabelecimento de confiança na mãe revela-se pelo retorno ao emprego das atividades intermediárias. O que vemos nas crianças torna-se obviamente mais grave quando, numa fase posterior, a criança sente-se abandonada e se torna incapaz de brincar, de ser afetada ou de aceitar afeição. A par de tudo isso pode haver atividades eróticas compulsivas e os roubos como fazendo parte da busca pelo objeto transitório que se perdera através da morte ou desaparecimento da versão interna da mãe. (D. W. Winnicott, 1957h [1955], pp. 192-193)

Quando, ao contrário, o ambiente não desaponta o bebê e não chega a criar um abismo que interrompe sua continuidade de ser, este mesmo ambiente torna-se mais e mais seguro e confiável, incrementando a capacidade de crer em ou, dizendo de outra maneira, a capacidade de ter fé. Para Fulgencio esta capacidade expressa a possibilidade de SER e viver em um mundo que não desaponta visto que “é um mundo que repetidamente mostrou-se capaz de corresponder (razoavelmente) às necessidades do bebê, sem que fosse necessário ao bebê ir *em busca de* ou *se adaptar para*” (Fulgencio, 2006).

Dessa forma o bebê vai criando capacidades internas para viver uma nova etapa, relacionada ao estágio de dependência relativa e associada ao desmame. Nessa etapa de desilusão ou decréscimo do sentimento de onipotência o relacionamento caracterizado na etapa anterior como subjetivo vai, aos poucos, cedendo lugar para o que é objetivamente percebido e será através da transicionalidade que essa passagem dar-se-á, tal como uma ponte que ao mesmo tempo une e separa as realidades interna e externa. Para a concretização dessa passagem pode aparecer um objeto denominado por Winnicott de ‘objeto transicional’, que é criado de forma subjetiva, porém é encontrado na realidade compartilhada.

Do ponto de vista da criança, esse primeiro objeto foi de fato criado pela sua imaginação. Foi o início da criação infantil do mundo e parece termos de admitir que, no caso de cada criança, o mundo tem de ser criado todo de novo. O mundo, tal como se apresenta, é despido de qualquer significado para o ser humano em recente evolução, a menos que seja tanto criado quanto descoberto. (D. W. Winnicott, 1957h [1955], p. 191)

Nessa fase o bebê vive o paradoxo de criar subjetivamente e encontrar na realidade compartilhada aquilo que foi criado. Este objeto passa a ser investido de qualidades como também de vitalidade. Não é um objeto qualquer, é um ursinho (por exemplo) que para a criança tem vida e expressa essa vida. Os pais sabem da importância desse objeto e o levam nos passeios da família, ele se senta à mesa nas horas da refeição, se alimenta ou é castigado por fazer algo errado e principalmente acompanha a criança na hora de ir para a cama

nos momentos do sono, assim como nos momentos mais depressivos e ansiosos. Uma das qualidades do objeto transicional é a de auxiliar a criança nesses momentos de transição ou no relacionamento entre a realidade subjetiva e a realidade compartilhada. Este objeto criado pela criança e encontrado no mundo de objetos da realidade externa possibilita à criança vivenciar o encontro com a realidade compartilhada de modo paralelo à adaptação ativa fornecida pela mãe nas etapas iniciais do desenvolvimento, porém para que a criança possa criar esse objeto e mantê-lo vivo, ela necessita que a mãe exista e que sua presença seja sentida pela criança. Somente a existência da mãe permite à criança representá-la ou simbolizá-la através do objeto transicional e desta forma, “os objetos e fenômenos transicionais tornam a criança capaz de suportar frustrações e privações, e a apresentação de situações novas” (1965k [1950], p. 212).

Chegamos agora a uma importante etapa do desenvolvimento emocional, qual seja o momento da passagem do relacionamento com o objeto ao uso do objeto e isso somente se dará diante de importantes aquisições que levam o indivíduo a um contato maior com o chamado princípio de realidade. Winnicott afirma que a capacidade de usar objetos deve ser desenvolvida e que este desenvolvimento faz parte do processo de amadurecimento da criança e depende das condições ambientais em que essa criança está inserida (1969i [1968]).

O objeto criado e encontrado pela criança é carregado de afeto, identificações e projeções, mas ao mesmo tempo, ele foi encontrado na realidade compartilhada, é real e tem características peculiares. Com o processo de amadurecimento em franco desenvolvimento, a criança pode dispor do objeto fora de sua área de onipotência, seus interesses cresceram, ela usa sua capacidade intelectual e o objeto pode então ser percebido como sendo um fenômeno externo. Nesse momento, afirma Winnicott “o sujeito destrói o objeto” (1969i [1968], p. 125) e com isso, ele nos mostra que há uma sequência que deve ser percorrida para que o objeto possa deixar de ser um fenômeno subjetivo. Em um primeiro momento o sujeito relaciona-se com o objeto, em seguida esse mesmo sujeito destrói o objeto, para que ao final ocorra a sobrevivência do objeto à destruição pelo sujeito. Esse terceiro ponto é fundamental para a concretização dessa nova capacidade, visto que é a

sobrevivência (a não retaliação) do objeto que permitirá à criança tornar-se capaz de realizar novas tarefas, como a capacidade de se importar (*concern*) com o objeto e a conquista do Eu Sou.

Aqui começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito pode agora *usar* o objeto que sobreviveu. É importante notar que não se trata apenas da destruição do objeto pelo sujeito, pelo fato de estar o objeto fora da área de controle onipotente do sujeito. É igualmente importante o enunciado ao inverso, ou seja, que é a destruição do objeto que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito. Desta forma, o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida e (se sobrevive) contribui para o sujeito de acordo com suas próprias características. (D. W. Winnicott, 1969i [1968], p. 126)

Nesse ponto, Winnicott faz uma contribuição pessoal ao revisar a teoria das raízes da agressividade. Ele afirma que: “Na teoria ortodoxa, continua a suposição de que a agressividade é reativa ao encontro com o princípio da realidade, ao passo que aqui, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade” (1969i [1968], p. 130). Atribuindo um valor positivo à destrutividade, visto que é somente a partir da destruição e da conseqüente sobrevivência do objeto que não retalia ao receber os impulsos agressivos do bebê, que o objeto é colocado para fora da área do controle onipotente e dessa maneira “cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito” (1969i [1968], p. 131).

A fase do concernimento é a próxima aquisição no processo do desenvolvimento emocional, e nesta a criança integrará os instintos que nas etapas anteriores eram sentidos como externos ao eu e não como pertencentes ao eu. Assim, a ambivalência de sentimentos passa a ser vivida, como também a responsabilidade pelos danos causados, visto que ocorre a percepção de que a mãe amada é a mesma que sofre os ataques provocados pelos impulsos de fome que podem danificá-la.

As conquistas realizadas nesta fase conduzem a criança à capacidade de integrar-se como uma pessoa inteira podendo relacionar-se com pessoas

inteiras e desta forma, ela passa a viver agora as agruras do Complexo de Édipo, e posteriormente experimentar o período de latência e, ao final deste, o florescimento da sexualidade próprio da adolescência com a capacidade para experimentar os novos desenvolvimentos, assim como as próprias dificuldades do viver. Sobre este momento importante que representa um ganho em saúde – o Complexo de Édipo – Winnicott afirma que alcançar este estágio do desenvolvimento torna a criança “capaz de tolerar os sentimentos humanos mais intensos sem construir defesas excessivas contra a ansiedade” (1988, p. 68).

3.2 O verdadeiro *self* e o gesto espontâneo como sinônimos de ser criativo.

Para que o eu possa começar a ser, certas condições devem ser favorecidas sem as quais não podemos pensar na constituição de um si mesmo. Winnicott utiliza as palavras de uma paciente que expressa de forma muito clara quais são as condições necessárias para que o si mesmo venha a se constituir e encontrar condições para seu desenvolvimento. A paciente faz analogia com uma bolha, ou seja, o eu do bebê é representado por uma bolha. Esta ‘bolha’ necessita para se manter intacta de condições adequadas “a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê”. Porém se essa adaptação não ocorrer, “se a pressão do ambiente for maior ou menor que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente, a bolha adapta-se à pressão externa” (1958f [1949], p. 246).

Com essa passagem pode-se apreender que, nas etapas iniciais o conjunto indiferenciado formado pelo par mãe-bebê, sendo a mãe nesse estágio a representação do próprio ambiente, tem uma importância fundamental que é fornecer as bases para a saúde mental do bebê. A mãe, nesse momento, conta com a possibilidade de experimentar um estado especial de total sintonia e empatia, proporcionando ao bebê a ilusão de que através de seu gesto na busca de algo ele venha a criar a fonte que irá suprir suas necessidades, ou ainda em outras palavras, a pressão externa adaptou-se às pressões internas e permitiu o continuar a ser do bebê, e assim possibilitou ao pequeno ser começar a criar o mundo. Essa adaptação materna

gradativamente introduz a realidade quase que de forma homeopática, permitindo que a sensação onipotente de criar o mundo forme bases sólidas e assim possibilitará a entrada na etapa de desenvolvimento subsequente, que é da desilusão.

Quando tal adaptação não ocorre e o ambiente se precipita invadindo o bebê, ou ainda, quando o bebê é deixado sozinho por um tempo que excede suas capacidades, ocorre uma interrupção na continuidade do ser e um congelamento do ser nesse momento caso essas situações tornem um padrão no relacionamento do mundo com o bebê. Com isso, a criatividade natural definha, e pode vir a morrer.

A riqueza e importância dos estágios iniciais do desenvolvimento foram ressaltadas por Winnicott em toda a sua obra e atentar para esse período é pesquisar as condições que favorecem, ou não, a saúde mental do indivíduo, da família, da comunidade e da sociedade. Ao associar a criatividade ao viver, Winnicott propõe que a apreensão do belo não está distante ou que pertença a indivíduos eleitos, mas está no indivíduo que suficientemente bem amparado nas fases de dependência, pode se sentir sendo e vivendo num mundo de realidade compartilhada que por ele inicialmente criado.

No artigo “Distorções do Ego em Termos de Verdadeiro e Falso *Self*”, Winnicott (1965m [1960]) inicialmente diferencia as necessidades do ser das satisfações instintuais. Ele ressalta que nas etapas iniciais do desenvolvimento “os instintos podem ser tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada” (p. 129). O bebê ainda não tem a concepção de ser um todo unitário, as tarefas de integração e personalização estão em seus momentos iniciais e será, a força do ego materno em sua adaptação e dedicação às necessidades do bebê, que proporcionará gradualmente ao bebê o fortalecimento de seu ego e assim passar a perceber “um estado em que as exigências do id serão sentidas como parte do *self*, não como ambientais” (1965m [1960], p. 129). Essas novas experiências, quando suficientemente adaptadas às crescentes capacidades do lactente, fortalecem o ego, fortalecem o verdadeiro *self*.

Se a dor da fome é sentida inicialmente pelo bebê como algo vindo do exterior, além de ser um incômodo quase insuportável, o manejo suficientemente bom da mãe produzirá pequenos e sucessivos ajustes para que o bebê venha a buscar (e criar) a fonte que permitirá a satisfação de suas

necessidades. Essa fonte será percebida como fazendo parte do bebê, tanto que Winnicott (1989xf [1962]) afirma que este momento é vivido como sendo uma total indiferenciação: “o bebê cria o seio, a mãe e o mundo” (p. 347). A ação de criar, sustentada, protegida e possibilitada pelo ambiente capacita o bebê a iniciar seu processo de desenvolvimento amparado pelas tendências inatas e, desta forma, tem início um lento e gradual processo de diferenciação no qual a unidade inicialmente formada pela dupla mãe-bebê e que contém em seu núcleo o centro de gravidade do ser, passa a possibilitar a transferência desse núcleo da unidade dual para a conquista da constituição de um si mesmo. Neste sentido, entende-se que esta ação, ou melhor, o gesto espontâneo nasce do verdadeiro *self* e é a expressão deste no mundo. Segundo Winnicott (1965m [1960]), “somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real” (p. 135).

Essa capacidade de se sentir real provém da ação criativa do verdadeiro *self*, e resultará no sentimento de que a vida é algo que vale a pena; não há uma submissão diante da realidade, há uma criação que formada por uma base de sustentação e adaptação suficientemente boa, habilita e dispõe o ser a se relacionar com a realidade não como uma afronta, mas como algo que pode ser compartilhado porque foi criado. O sentir-se real provém da capacidade de sintonia materna ao aproximar o seio no momento em que o bebê cria uma fonte para sua satisfação. É essa aproximação ou semelhança entre o que foi criado e aquilo que foi encontrado que fortalecerá o sentimento de onipotência, e este favorecerá a necessidade que o bebê tem de um ambiente perfeito, mesmo com suas eventuais imperfeições.

Ao sentir-se um existente, alguém que é, o fazer originado da ação é percebido como pessoal, ou ainda, conforme as palavras de Winnicott (1986h [1970]): “a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é *está vivo*” (p. 23). Vivacidade que provém da conquista das tarefas primordiais de integração, personalização e realização. Vivacidade dos tecidos corporais, vivacidade nos modos de ser e estar no mundo, sentindo-se ao mesmo tempo parte e ator de um mundo que não afronta, mas sim convida o indivíduo a participar afinal, para Winnicott (1986h [1970]), “a criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo” (p. 24). E, ao sentir-se capaz de criar o

mundo, o sentimento de viver uma vida significativa faz-se presente e fornece subsídios para o enfrentamento das dificuldades próprias do viver.

3.3 Ser e reagir

O contrário de ser é reagir. Sem uma adaptação suficientemente boa, o bebê responde ao mundo de forma reativa. O mundo o invadiu. Algo que excedia as suas possibilidades de apreensão invadiu seu ser e para sua proteção, uma reação torna-se sua defesa. E o reagir aniquila e impede a continuidade do ser. O bebê tem capacidade para tolerar algum grau de perturbações ambientais desde que estas não ultrapassem certo grau que apresenta variações individuais dependentes do estágio vivido e tais perturbações podem, quando ocorrem dentro dessa faixa de tolerância, servir de estímulos valiosos na constituição do ser.

Se a criatividade provém da ação do verdadeiro *self*, a falta de adaptação do ambiente cria um padrão de falhas no atendimento ao gesto espontâneo do bebê, que resulta em um estado de submissão, submissão que impede a criatividade. A realidade se impôs e ao bebê é impossibilitada a continuidade do ser. Retomando a fala da paciente de Winnicott a bolha teve de se conformar à ação do ambiente. Perdeu sua forma, se deformou. Para que a retomada do ser seja possível, tem de haver um retorno a um estado de isolamento, quietude e repouso, mas, se se formar um padrão deste tipo na atuação do ambiente, ou seja, falhas que produzem distorções psicóticas no conjunto ambiente-indivíduo, este retorno deixa de existir e um sentimento de aniquilamento toma o seu lugar.

Nas etapas iniciais do desenvolvimento não há registro daquilo que é bom e adaptativo, devido ao fato de que essas coisas são sentidas como criações do lactente, pertencentes à sua área de onipotência; porém as falhas são sentidas como intrusões do ambiente e são registradas como falhas na confiabilidade, portanto “reagir à não-confiabilidade no processo de cuidado do lactente se constitui num trauma, cada reação sendo uma interrupção no “vir-a-ser” do lactente e uma ruptura no *self* do lactente” (1963d, p. 91).



Figura acima foi extraída do livro *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas* (D. W. Winnicott, 1953a [1952], p. 310)

A figura acima é surge no texto “Psicose e Cuidados Maternos” e representa a ruptura no conjunto ambiente-indivíduo ocasionado pelas sucessivas intrusões do ambiente em suas falhas de adaptação e atendimento às necessidades do bebê e a conseqüente reação do indivíduo. Winnicott afirma que tais fracassos levam a uma cisão e, “nos casos extremos de cisão, a vida interior secreta terá muito pouco do que pertence a realidade externa” (1953a [1952], p. 311). Como conseqüência, uma vida falsa ocupa o lugar do *self* verdadeiro. O *self* verdadeiro isolado e incomunicável passa a ser defendido por um falso *self* aquiescente e este, que foi “desenvolvido com base da submissão, não pode candidatar-se à independência da maturidade, salvo quem sabe, a uma pseudomaturidade num ambiente psicótico” (p. 312).

Durante as etapas iniciais e por todo o seu desenvolvimento, o bebê não necessita de uma adaptação perfeita, mecânica. O essencial para o lactente é que ele sinta que há alguém que o ama e que expressa esse amor através dos cuidados suficientemente bons, mesmo que esse alguém não seja sentido como externo nesses primeiros momentos. Franco expressa sob quais condições o ser humano vem ao mundo:

A condição em que nasce o ser humano é uma condição de crise porque lhe faltam recursos diante das ameaças da vida. Mediante um trabalho criativo, sustentado pela mãe, o bebê cria recursos de sobrevivência e é por eles criado. A superação desta crise primeira torna-se base e modelo para a superação criativa de tantas outras crises da existência. (Franco, 2003)

Então quais são as alternativas que o indivíduo tem para conduzir de forma satisfatória as crises existências? Segundo Winnicott, são os processos intelectuais que, quando desenvolvidos de forma consistente, enquanto especialização da parte psíquica do psicossoma e, ainda, dentro de um ambiente constante e confiável, que favorecem e transformam as adaptações do ambiente em adaptações perfeitas e, dessa forma, a continuidade de ser se viabiliza. Para Winnicott, os processos intelectuais colaboram com a mãe no gradual processo de desilusão. São esses processos que vão auxiliar o bebê no desenvolvimento de uma tolerância diante das falhas, pois, como vimos, ele começa a perceber e compreender os sinais emitidos pelo ambiente de que suas necessidades serão em algum momento satisfeitas. São enfim, esses mesmos processos intelectuais que permitirão ao bebê manter intacta sua imagem de um ambiente perfeito, seguro e confiável, liberando a mãe da necessidade de ser quase perfeita (1954a [1949]).

O ambiente perfeito é aquele que se oferece para que o bebê o crie, como uma tela em branco aguardando as pinceladas do novo pintor. Esse ambiente perfeito fornece aquilo que o bebê cria, e se oferece para ser a tela na qual o bebê expressará sua vitalidade. O ambiente perfeito não se impõe, espera; não falha, mantém-se presente; não se mostra imprevisível e não se comporta de forma caótica, não retalia, expressa confiabilidade e continuidade. Esse ambiente fornece as bases para que o continuar a ser não seja interrompido.

O inverso disso aniquila o ser, interrompe (ou sequer permite que se estabeleça) o frágil sentimento de continuidade. A perda da continuidade de ser instaura um sentimento de extrema insegurança, um sentimento de “desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal. Faz parte desse sentimento de desesperança a intolerável experiência de sofrer o efeito de algo sem ter a mínima ideia de quando isso irá terminar” (1958f [1949], p. 265).

Intrusões prolongadas que excedem a capacidade do bebê provocam reações, e estas fazem com que haja uma perda temporária da identidade. A questão do tempo é exposta por Winnicott para significar os efeitos nefastos ocasionados pela vivência de traumas, ou seja, reações que resultam na ruptura da continuidade do ser. Quando a mãe se afasta do bebê por um

período de tempo maior que sua capacidade de manter a imago materna viva em seu interior, o bebê fica aflito, mas essa aflição pode ser corrigida com o retorno imediato da mãe. Porém quando esse momento se perpetua, o bebê é traumatizado, e o retorno da mãe não mais corrige a falha experimentada.

O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que as defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da 'ansiedade impensável' ou contra o retorno do agudo estado confusional da desintegração da estrutura nascente do ego. (D. W. Winnicott, 1967b, p. 135)

A vivência desse trauma é experimentada pelo bebê como uma loucura, uma loucura que expressa a perda da continuidade do ser visto que uma ruptura ocorre na raiz da sua existência pessoal, fazendo com que o bebê precise começar de novo, apartado nesse momento da “raiz que poderia proporcionar *continuidade com o início pessoal*”²⁶ (1967b, p. 136).

Paradoxalmente o início da vida de um bebê abarca simplicidade e complexidade. Simplicidade nos cuidados e complexidade nas aquisições e no resultado das falhas nessa etapa. Winnicott (1965n [1962]) afirma que a mãe, ao se dispor temporariamente a uma tarefa de cuidar de seu bebê e agir de modo natural ou suficientemente bom, instaura as bases da saúde mental em seu bebê, ou seja, “possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial” (p. 59). São esses simples cuidados que impedem que ansiedades inimagináveis interrompam a continuidade do ser. Nas palavras de Winnicott (1965n [1962]): “Esta ansiedade inimaginável é evitada por esta função vitalmente importante da mãe nesse estágio, sua capacidade de se pôr no lugar do bebê e saber o que ele necessita no cuidado geral de seu corpo, e, por consequência, de sua pessoa” (p. 56).

Por outro lado, quando a continuidade de ser é interrompida pelas falhas de adaptação, o bebê reage defensivamente contra as ansiedades inimagináveis, e essas reações impedem a continuidade existencial; se essas reações, pela sua recorrência, tornam-se um padrão, é instaurado o que

²⁶ Grifo do autor

Winnicott chama de “um padrão de fragmentação do ser”; neste caso “a criança cujo padrão é de fragmentação da continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia” (1965n [1962], p. 59).

3.4 A transicionalidade e o brincar

Quando a existência, permanência e continuidade da mãe e das técnicas de cuidados suficientemente bons são asseguradas, o bebê pode realizar a jornada de seu desenvolvimento e assim transformar a relação inicial com objetos subjetivos em um relacionamento com objetos objetivamente percebidos ou, dito de outra forma, passar de uma fase onde a dependência do ambiente é absoluta para uma fase de dependência relativa. Essa passagem não é direta e para Winnicott há uma área intermediária que une esses dois fenômenos separados pelo tempo.

O tema da transicionalidade é considerado, por muitos autores, uma das principais e mais originais contribuições de Winnicott. Para Abram os fenômenos transicionais representam um conceito intimamente relacionado ao brincar, à criatividade e ao paradoxo e “diz respeito a uma dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa” e que este fenômeno “descreve as dinâmicas interp-síquicas e intrapsíquicas da jornada do sujeito em direção à capacidade de simbolizar, ou seja, distinguir o eu do não-eu”²⁷ (Abram, 2008).

Outeiral concorda com Abram em relação à originalidade do conceito de objetos e fenômenos transicionais, afirmando que esta é também sua contribuição mais difundida. Para esse autor as contribuições de Winnicott “ao tema da transicionalidade permitem entender não só o desenvolvimento humano como nos remetem às raízes da criatividade e da cultura e abre caminhos originais à compreensão clínica” (Outeiral, 2010). Davis e Wallbridge (1982 [1981]) também se referem ao conceito de objetos e fenômenos transicionais como sendo uma das contribuições mais originais de Winnicott para o estudo da natureza humana e afirmam que a partir das observações de

²⁷ No original: “*Transitional phenomena is a concept that accounts for the interpsychic / intrapsychic dynamics of the subject's journey towards the capacity to symbolize, i.e. to distinguish Me from Not-me*”. (Abram, 2008)

bebês com sua primeira posse não-eu, Winnicott descreveu a origem de formas “muito primitivas de se relacionar e de brincar” (p. 72).

No artigo “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1953c [1951]-b), escrito em 1951 e reformulado em 1953, Winnicott propõe como hipótese inicial que deve existir uma conexão entre os fenômenos que ocorrem logo após o nascimento: o uso do polegar, do punho ou dos dedos em momentos tranquilos ou excitados e o objeto que o bebê adota depois de algumas semanas ou meses, que pode ser tanto um paninho, a ponta de um cobertor ou ainda uma boneca ou um ursinho. Esse objeto é levado pela criança para todos os lugares, é fundamental para aqueles momentos em que a criança experimenta algum tipo de ansiedade, como por exemplo, nos períodos de afastamento temporário da mãe, e também na hora de dormir.

Winnicott afirma que existe algo que une esses dois fenômenos que ocorrem em etapas distintas do desenvolvimento infantil e atribui importância ao estudo da primeira posse não-eu e da área intermediária, denominando esse objeto e fenômeno como transicional:

Introduzi as expressões ‘objeto transicional’ e ‘fenômeno transicional’ para designar a área intermediária da experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação objetal, entre a atividade da criatividade primária e a projeção do que já teria sido introjetado, entre a não consciência primária da dívida e o reconhecimento da dívida (- Diz: ‘Bigado’). (D. W. Winnicott, 1953c [1951]-b, p. 14)

Entre o mundo interno e o mundo externo, Winnicott reivindica a existência de uma área intermediária, uma área de experimentação e de repouso para o indivíduo, assim como está relacionada com a eterna luta do ser humano para manter uma ligação, assim como a separação entre as realidades interna e externa. Uma área conhecida e reconhecida pelas artes, pela filosofia e pelas religiões, mas até então, não reconhecida pelas ciências que se ocupam em conceituar, observar e avaliar a crescente capacidade humana de reconhecer e aceitar a realidade. Segundo Clancier e Kalmonovitch (1984), Winnicott foi o primeiro clínico e teórico a compreender e elucidar a

importância dos fenômenos transicionais devido a sua vasta experiência e observação de crianças.

Uma área intermediária começa então a se formar entre a dupla se esta houver inicialmente vivido e experimentado a sensação de fusão, de tal forma que para o bebê exista apenas aquilo que ele criou. Nessas condições suficientemente boas, que forneceram as bases para a ilusão de onipotência, o crescimento das capacidades do bebê permite à mãe falhar e as falhas progressivas e adaptadas introduzem homeopaticamente a apresentação da realidade. Nessa progressiva e paulatina separação entre o bebê e a mãe, também denominada fase de desilusão, uma área tem início entre o bebê e a mãe, uma área intermediária que é ocupada pelos objetos e fenômenos transicionais.

Winnicott dá um nome ou uma forma à área de ilusão estabelecida entre o bebê e a mãe, chamando-a de objetos e fenômenos transicionais e este objeto comporta em si o paradoxo que deve ser aceito e não resolvido. Sem uma base suficientemente sólida criada nos estágios iniciais no fornecimento da ilusão e na aceitação da criatividade primária, o bebê não alcança as aquisições necessárias para iniciar o processo de desilusão. Nesse processo o bebê passa de um relacionamento com objetos subjetivamente concebidos para relacionar-se com objetos objetivamente percebidos, mesmo que esta tarefa de aceitação da realidade não seja nunca completada. No entanto Winnicott (1953c [1951]-b) afirma: “Não é o objeto que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado” (p. 30).

Retomando a figura apresentada por Winnicott em “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (e reproduzida na p.69) vemos a área de ilusão, ou terceira área, formada entre a mãe e o bebê. O bebê tem um impulso que nasce de uma tensão instintiva esse impulso o move a realizar um gesto podemos dizer que ele busca algo que nem mesmo sabe o que é. A mãe, de forma empática, percebe o gesto e oferece ao bebê aquilo que ele está buscando. Nesse momento mãe e bebê formam uma unidade e Winnicott (1953c [1951]-b) diz “psicologicamente, o bebê recebe de um seio que faz parte dele mesmo e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma”. Nas

inúmeras de vezes em que o bebê é amamentado, ele vai armazenando na memória a experiência de ter criado aquilo que foi encontrado e essa sensação lhe fornece a “ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (p. 27).

Favorecida pelos cuidados suficientemente bons, a próxima tarefa da mãe é a desilusão. O bebê foi nutrido em sua ilusão de onipotência. A confiabilidade no ambiente e o sentimento de segurança que provêm dos cuidados maternos, aliado ao sentimento de que suas necessidades são aceitas, compreendidas e satisfeitas, dão ao bebê uma boa base para aceitar e principalmente se enriquecer com o processo gradativo de desilusão. Aqui podemos contar com o surgimento da mente, que vem favorecer a mãe nesse processo. O bebê agora é capaz de esperar e aceitar que o mundo existia antes dele, ao mesmo tempo em que ele “sabe” que este mundo é um bom lugar para estar e viver. Segundo Dias a desadaptação materna deve ocorrer de forma gradual, porém é “imprescindível para o início do rompimento da unidade indiferenciada mãe-bebê”, e desta maneira, continua a autora, ocorre a continuidade de um “longo e vagaroso processo de separação que levará o pequeno indivíduo à integração em um eu unitário e separado, capaz de estabelecer relações com o não-eu e com o mundo externo” (Dias, 2003, p. 228).

Um objeto pode entrar em cena, um objeto que representa a transição do bebê em estar fundido com a mãe para ser separado dela, porém esse objeto representa na realidade a união do bebê com sua mãe. Esse objeto torna-se importante para criança, ele não pertence nem à realidade interna, nem à realidade externa, ele foi criado pelo bebê assim tanto quanto foi encontrado; ele tem vida e serve como defesa contra momentos de ansiedade; ele representa a primeira posse não-eu ou seja, é o primeiro reconhecimento do bebê de algo que existe e que não é ele, porém ainda não pertence à realidade externa, habita na área intermediária, no espaço potencial. Observe-se, no entanto, que na introdução do livro: *O Brincar e a Realidade*, Winnicott ressalta que a ênfase da sua teoria sobre a transicionalidade não recai tanto sobre o objeto quanto sobre o uso que é feito pelo bebê do objeto.

O desenvolvimento do bebê está em franco processo, ao criar a primeira posse não-eu vê-se o simbolismo sendo empregado e para que este fenômeno tome vez “o bebê já está claramente distinguindo entre fato e fantasia, entre

objetos internos e objetos externos, entre criatividade primária e percepção... [e isto] abre campo ao processo de tornar-se capaz de aceitar diferença e similaridade” (1953c [1951]-b, p. 19). Porém, mesmo que o objeto transicional seja um símbolo que representa a mãe (ou o seio), sua importância reside na sua realidade, no fato de que ele não é uma alucinação:

Cada estágio tem de criar e proporcionar um ambiente o mais adequado possível... Este bebê passou por todas as fases normais: chupou o punho, chupou o dedo, coçou a barriga, manipulou seu umbigo e seu pênis, desfiou a borda do cobertor. Tem oito meses de idade e ainda não ingressou na costumeira fase de brincadeiras com ursinho e bonequinhas. Mas encontrou um objeto macio e o adotou. Com o tempo, este objeto terá um nome. Permanecerá por alguns anos como uma coisa muito necessária para a criança, e ao final simplesmente desaparecerá, como o velho soldado. Este objeto é um meio-termo entre todas as coisas. Nós sabemos que foi presente de uma tia. Mas, do ponto de vista da criança, ele é o ajuste perfeito. Não faz parte nem do *self* nem do mundo. Mas, ainda assim são ambos. Foi concebido pela criança; ela não o podia ter produzido, mas ele simplesmente apareceu. Seu aparecimento deu à criança a ideia do que conceber. Trata-se de algo ao mesmo tempo subjetivo e objetivo. Está na fronteira entre o dentro e o fora, é simultaneamente sonho e realidade. (D. W. Winnicott, 1965t [1950], p. 41)

Essa fase faz parte do processo do amadurecimento, que teve seu início nas primeiras relações entre a mãe e seu bebê. Pode-se dizer que a primeira brincadeira ocorre quando a mãe permite ao bebê vivenciar a amamentação em sua plenitude, sem pressa, saboreando o momento, a proximidade e o calor do encontro. Esse é um momento de verdadeira comunicação e sem essa possibilidade, o bebê e sua mãe são estranhos um ao outro. Nesse encontro, a comunicação é preciosa e acontece no espaço potencial onde se localiza o brincar, e “este espaço potencial só vem a ter importância em resultado da experiência viva do bebê. Ele não é herdado; o que é herdado pode ou não resultar na conquista de um lugar para a experiência do brincar no caso de qualquer bebê vivo” (1965t [1950], p. 162).

Winnicott afirma que o brincar acontece nessa área intermediária e permite o início do relacionamento com a realidade externa; o brincar relaciona-se à saúde e propicia o desenvolvimento; através do brincar a criança inicia relacionamentos com o outro e com um grupo e nesse sentido, é uma forma de comunicação. No brincar, as crianças podem expressar uma diversidade de sentimentos. Elas brincam pelo prazer do brincar, pela possibilidade de inventar e criar um mundo de fantasia que permite a expressão de uma gama enorme de sentimentos, e essa expressão facilita que tais sentimentos não sejam represados. Ao brincar, a criança adquire experiências para o enriquecimento de sua personalidade. Através do brincar individual, com outras crianças ou com adultos a criança se prepara para os relacionamentos emocionais e os contatos sociais. A confiabilidade e a segurança real oferecidas e mantidas pela família “libera a criança para brincar e desfrutar de outras habilidades para enriquecer o mundo saído de sua própria cabeça”, ou seja, é a manutenção e continuidade dos cuidados suficientemente bons que tornam a criança “livre para fazer de conta que ele [o mundo] é o que ela quiser, para encaixar nas suas brincadeiras. E brincar não é só prazer; é essencial para o bem-estar” (1957j [1945], p. 55).

Por outro lado, a capacidade para brincar pode desaparecer quando a continuidade dos cuidados é interrompida, demonstrando haver uma diferença entre o objeto transicional e o objeto interno, como também uma interdependência entre eles. Para que o objeto transicional exista e tenha uma função para a criança é imprescindível que o objeto interno esteja vivo e que seja real. Por outro lado, o objeto interno deve ter uma íntima conexão com o objeto externo, ou seja, o objeto interno depende das “qualidades, da existência, vitalidade e comportamento do objeto externo” (1953c [1951]-b, p. 24). As inter-relações e conexões entre o objeto transicional e o objeto interno permitem compreender os efeitos que podem ser ocasionados à área intermediária da experiência quando a ocorre a falta de presença da mãe real por um período de tempo maior que a capacidade do bebê em manter a imago interna. “Se este [objeto externo] falhar em alguma função essencial, levará indiretamente a um sentimento de morte ou ao caráter persecutório do objeto interno. Uma falha prolongada do objeto externo faz com que o objeto interno

perca o sentido para a criança e então, e somente então, o objeto transicional também perde o sentido” (1953c [1951]-b, p. 24).

A importância do brincar e dos fenômenos e objetos transicionais estão intimamente relacionadas à saúde mental. Para Winnicott o impedimento de vivenciar essa etapa em sua plenitude pode levar a criança a uma cisão da personalidade. Seguindo as palavras do autor:

Se privamos uma criança de objetos transicionais e perturbamos os fenômenos transicionais estabelecidos, então a criança só tem uma saída, que é uma cisão da personalidade, com uma metade relacionada com o mundo subjetivo e a outra metade reagindo, com complacência, ao mundo objetivo com que entrou em contato. Quando se forma essa cisão e as pontes entre o subjetivo e o objetivo são destruídas, ou nunca chegaram a ser bem construídas, a criança é incapaz de funcionar como um ser humano total. (D. W. Winnicott, 1965k [1950], pp. 212-213)

Capítulo 4

Usos e sentidos da noção de criatividade na obra de Winnicott

A criatividade e a arte exercem fascínio não só naquele que contempla a obra como também naquele que a executa. Gombrich (1993), em seu livro *A História da Arte*, afirma que o artista busca um equilíbrio em sua obra entre os diversos elementos que a compõe a fim de alcançar uma combinação 'certa'. Para isso, os pintores realizam, a cada quadro, uma nova viagem de descoberta e para empreendê-la, o artista deve rejeitar noções pré-concebidas, assim como seus próprios preconceitos, no intuito de alcançar seu objetivo final que é ver o mundo como algo novo. Mesmo não sendo uma tarefa fácil, o autor afirma que “aqueles artistas que melhor conseguem fazê-lo produzem geralmente as obras mais excitantes”, e são estes artistas com sua disposição em ver o mundo como algo novo que “nos ensinam a ver na natureza novas belezas cuja existência não tínhamos suspeitado”(Gombrich, 1993, p. 11).

Winnicott nos convida, no artigo “Vivendo de modo criativo”, a experimentar uma nova forma de apreensão do mundo e da realidade à nossa volta; ele nos convida a ver tudo como se fosse a primeira vez. Desta forma, ele reforça a ideia de que, tal como o artista citado por Gombrich, ao ver o que já existe como algo inédito, criamos o novo, concebendo e assimilando aquilo que é encontrado: “o fato é que aquilo que criamos já está lá, mas a criatividade reside no modo como conseguimos a percepção, através da concepção e da apercepção²⁸” (1986h [1970], p. 37).

²⁸ O termo apercepção, segundo Houaiss, refere-se a (1) Ação pela qual a mente amplia, intensifica ou plenifica a consciência de seus próprios estados internos e representações; (2) Para a Gestalt, percepção bruta e imediata de um todo, que antecede a percepção minuciosa e analítica que revela seus componentes e conexões internas; (3) Apreensão direta, imediata, não reflexiva, de um objeto físico ou mental; intuição; (4) Faculdade de perceber algum objeto de forma clara e distinta (Houaiss & Villar, 2009). Segundo Bogomoletz (tradutor dos livros *A Natureza Humana* e *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas*), em comunicação pessoal, o termo apercepção corresponde a um modo de percepção especialmente claro e consciente do fato de que está havendo uma percepção, e na qual o percebido adiciona algo de seu ao sentido do que está sendo percebido.

Esta é a criatividade que interessa a Winnicott (1986h [1970]), sendo que sua origem está relacionada à tendência inata ao crescimento e às tarefas próprias de cada fase do desenvolvimento: integração, personalização e apresentação dos objetos, sendo que esta última nos leva ao contato com o mundo externo e permite ao ser viver a experiência de fazer e de se relacionar com outros seres. Através do contato criativo com o mundo as bases para a constituição do verdadeiro *self* são estabelecidas, e a saúde mental torna-se uma importante aquisição favorecida pelo ambiente cuidador. Para Winnicott, o gesto espontâneo realizado pelo bebê durante as primeiras mamadas é o protótipo do impulso que leva ao contato com a realidade, contato este que, quando recebe o apoio satisfatório, favorece as tendências inatas ao desenvolvimento e é a própria manifestação do verdadeiro *self*. A partir do estabelecimento das bases para o verdadeiro *self*, o brincar, que acontece na área intermediária ou transicional, torna-se uma conquista que está diretamente associada à criatividade e à saúde mental. O autor propõe que viver de modo criativo se opõe ao viver de forma reativa, visto que tais reações ocorrem como defesas provocadas pelas intrusões ambientais que interrompem continuidade do ser.

Winnicott (1986h [1970]) afasta a noção de criatividade da obra de arte ou do artista ao afirmar: “para uma existência criativa não precisamos de nenhum talento especial. Trata-se de uma necessidade universal, de uma experiência universal” (p. 28), e a aproxima da noção de ser: “para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar” (p. 23). Ao aproximar o tema da criatividade ao viver, Winnicott mostra que é somente a partir da capacidade de criar o mundo que o indivíduo pode criar a si mesmo nesse mundo.

4.1 A questão da criatividade na obra de Winnicott

O tema criatividade é reconhecido como uma ideia central na teoria proposta por Winnicott (Modell, 1995 [1990]; Newman, 2003 [1995]), ou ainda como uma das suas contribuições fundamentais (Abram, 2000 [1996]). Para Winnicott (1988) a criatividade é algo que dá colorido à vida, promovendo uma “uma sensação individual de realidade da experiência e do objeto” (p. 130) e,

nesse sentido, está diretamente relacionada ao contato ou tipo de abordagem que o indivíduo estabelece com a realidade externa; contato esse que necessita de condições ambientais facilitadoras e suportadoras que possibilitam a experiência de uma “apercepção criativa” e, a partir desta “o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida” (1971g, p. 95).

A fim de apresentar o desenvolvimento cronológico do tema da criatividade na obra de Winnicott, utilizaremos como guia, a divisão proposta por Abram (2008), na qual a obra de Winnicott é dividida em quatro fases: a primeira é uma fase denominada de “Fundações” e pertence ao período de 1919 a 1934. Neste período Winnicott conclui sua formação médica e realiza sua aproximação com a psicanálise. Ainda nesta fase, ele realiza sua análise com James Strachey, casa-se com Alice Buxton e torna-se consultor pediátrico nos hospitais *Queen* e *Paddington Green*, como também monta e passa a atuar em seu consultório particular. Após essa etapa inicial, a autora destaca três fases nas quais os principais desenvolvimentos teóricos aconteceram. São elas: Fase um: O conjunto ambiente-indivíduo, que corresponde ao período entre 1935 e 1944; fase dois, denominada de Fenômenos Transicionais, compreende o período entre 1945 a 1959 e finalmente a fase três: O uso do objeto (1960–1971) que recebeu essa denominação por ser esse momento considerado por esta autora como o “maior feito teórico do final desta fase e levou Winnicott ao auge de suas descobertas clínicas” (Abram, 2008).

No período intitulado “Fundações” não há nenhuma alusão ao termo criatividade, porém já se encontra delineada a importância do ambiente e da apresentação do mundo pela mãe de forma lenta e gradual. Neste sentido, podemos destacar o artigo “O filho único”, no qual Winnicott aborda o tema da criação de filhos sem sentimentalismos, afirmando inclusive que “os filhos são um fardo” (1957p [1945/1928], p. 149) e que é preciso que eles tenham sido (ou tenham se tornado) desejados pelos pais para que possam vir a se transformar em bebês. Nesse sentido vale ressaltar o significado da palavra criar: “fazer existir, dar a origem, a partir do nada, gerar, formar” (Houaiss & Villar, 2009, p. 571). Entende-se que para conceber (fisicamente) um bebê, inicialmente o casal precisa concebê-lo (mentalmente - ser fecundado pela ideia, criar) e desta forma, cria-se um espaço (tanto físico quanto mental e emocional) para que essa nova existência comece a ter um sentido e um

significado. Desta forma o bebê pode começar a existir, crescendo em complexidade de acordo com seu próprio potencial, apoiado e sustentado por um ambiente que oferece confiabilidade e estabilidade.

Outro artigo deste período que merece destaque é “Notas sobre normalidade e ansiedade”. Neste trabalho Winnicott apresenta sua concepção de que as crianças podem adoecer em etapas muito iniciais do desenvolvimento, momento em que são lançadas as bases da saúde mental, mas também realça que tensões emocionais podem adoecer a criança sem que isso seja necessariamente uma anormalidade. A criança pode atravessar graves crises com a gravidez e nascimento de um irmão e isso pode favorecer seu próprio desenvolvimento emocional; aqui ele faz um alerta: “o objetivo mais importante da educação deveria ser o de tornar a criança capaz de enfrentar a vida sem ajuda” (1931p, p. 58). O ato criativo, para ocorrer, necessita do impulso do instinto, mas quando há um incremento na ansiedade o gesto espontâneo não pode se manifestar, portanto não são as dificuldades do viver que impedem a criatividade, mas a falência dos cuidados dispensados à criança. É possível mesmo dizer que a criatividade contribui para suportar melhor momentos de deficiência nos cuidados, se tais momentos não se prolongarem excessivamente.

Para Abram (2008) a primeira fase teórica: *O conjunto ambiente-indivíduo* compreende o período entre 1935 e 1944. Neste período, a percepção de Winnicott sobre a possibilidade de adoecimento emocional dos bebês no início da vida é reforçada. Sua análise pessoal lhe permitiu não só descobrir o bebê como um ser humano, mas o levou a afirmar que a teoria psicanalítica necessitaria ser alterada em algumas de suas concepções. Neste período também ocorre sua aproximação com Melanie Klein e seu trabalho com crianças.

Não se encontra, neste período, o tema criatividade propriamente dito, porém vale ressaltar um artigo datado de 1935, no qual Winnicott discute o sentido da ideia de inspiração divina por deuses ou musas e adverte quanto à necessidade de estudos sobre os objetos bons internalizados.

Podemos vir a nos deparar com percepções incrivelmente profundas de certos aspectos da realidade interna em pessoas que, no entanto,

não reconhecem as pessoas que habitam o seu interior como fazendo parte delas mesmas. Um artista pode sentir que certo quadro foi pintado por alguém que atua desde o seu interior, ou um pregador poderia sentir como se Deus falasse através dele. Muitos dos que vivem uma vida normal e valiosa, não se sentem responsáveis pelo que há de melhor neles mesmos. São pessoas que se orgulham ou se sentem felizes por serem os agentes de alguém admirado ou amado, ou de Deus, e negam a paternidade do objeto internalizado. Sou de opinião de que muito mais foi escrito sobre objetos internalizados maus, igualmente não assumidos, do que sobre a negação (da paternidade) de forças ou objetos internos bons. (D. W. Winnicott, 1958k [1935], p. 204)

Neste mesmo trabalho “A Defesa Maníaca”, escrito para sua admissão como membro da SPB (quatro de dezembro de 1935), Winnicott já apresentava pontos característicos do seu pensamento ao discutir e diferenciar temas como: realidade interna, realidade externa e fantasia. Abram (2008) afirma que este trabalho apresenta alguma sintonia com os trabalhos de Klein, como também aponta que certas divergências entre os dois já podem ser observadas.

Outro artigo deste período que chama atenção apresenta uma crítica aos tratamentos cirúrgicos como a Leucotomia. Neste trabalho Winnicott demonstra concordar com a ideia largamente aceita que associa a criatividade à loucura, como se uma tênue linha separasse o ato de criação da insanidade, porém de forma instigante fala de uma insânia comum.

Sustento a teoria de que a insânia comum é uma condição estreitamente aliada ao gênio, ao talento especial e à personalidade de excepcional valor, e, naturalmente fico perturbado quando ouço falar em tratamentos que obstem completamente a recuperação completa, mesmo que se possa mostrar que esses tratamentos provocam uma mudança no sentido da sanidade, em certa proporção dos casos. (D. W. Winnicott, 1943c, p. 412)

Seria esta insânia comum um atributo que está associado aos objetos bons, porém negados? Estaria aqui o germe do desenvolvimento posterior que

associa a criatividade à capacidade de criar o mundo? Entende-se que esta capacidade pode ser descrita como um momento de insanidade e onipotência permitido ao bebê nas etapas iniciais de seu desenvolvimento, momento em que o bebê cria o mundo e desta forma, realiza uma contribuição pessoal na construção deste novo mundo, agora acrescido de algo essencialmente pessoal e por isso sentido como um lugar que tem o seu valor.

A utilização do tema da criatividade pode ser encontrada pela primeira vez no trabalho de 1939 escrito para professores: “Agressão” (1957d [1939]). Ali Winnicott discute que “o amor e o ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas” e que tanto os sentimentos de bem e mal são “encontrados no âmago do ser humano”; o autor ainda ressalta que “no bebê existe amor e ódio com plena intensidade humana” (1957d [1939], p. 93). Winnicott afirma que a expressão criativa não deve ser utilizada para neutralizar impulsos destrutivos, mas que devemos apreciar as realizações da criança não pela expressão talentosa, mas principalmente pela “luta que há por trás de qualquer realização, por menor que seja” (p. 102). Afinal, afirma Winnicott, “por trás de todo jogo, trabalho e arte está o remorso inconsciente pelo dano causado na fantasia inconsciente, e um desejo inconsciente de começar a corrigir as coisas” (1957d [1939], p. 101).

No trabalho “Porque as crianças brincam” de 1942, Winnicott associa a capacidade criadora e o brincar infantil. O brincar e a brincadeira são compreendidos como aqueles momentos em que a criança experimenta e se enriquece com os mais variados aspectos de sua própria vida. Winnicott ressalta a importância do brincar ao favorecer a integração da personalidade, como também coloca a brincadeira em um lugar, um elo “entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior e por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada” (1942b, p. 164).

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante de sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio

de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente da capacidade criadora que quer dizer vivência”. (D. W. Winnicott, 1942b, p. 162)

A segunda fase teórica, segundo Abram (2008), compreende o período entre 1945 e 1959 e é denominada de “Fenômeno Transicional”. Para a autora, o conceito de fenômenos transicionais “descreve as dinâmicas interp-síquicas e intrap-síquicas da jornada do sujeito através da capacidade para simbolização, ou seja, para distinguir o eu do não-eu” (Abram, 2008). Nesta etapa pelo menos 15 artigos de referência para compreensão da teoria de Winnicott são elencados. Encontra-se, dentre estes trabalhos, referência direta ou indireta ao tema da criatividade. No artigo “Desenvolvimento Emocional Primitivo”, Winnicott sustenta a existência de um fenômeno de alta complexidade e significância durante o processo de desenvolvimento emocional do indivíduo: o relacionamento primário com a realidade externa (1945d, p. 227), favorecido pelos cuidados suficientemente bons de uma pessoa (a mãe) interessada em fazê-lo. Nesse ponto Winnicott reforça que o bebê precisa da rotina criada pela mãe: “Somente com base na monotonia pode a mãe adicionar riqueza de modo produtivo” (p. 228). Esse conjunto de coisas cria as condições necessárias para que a adaptação à realidade possa ocorrer e Winnicott nos lembra da satisfação proporcionada pelo leite real em oposição ao impacto que a fantasia sem freios pode ocasionar. Porém Winnicott considera que “a fantasia não é algo criado pelo indivíduo para lidar com frustrações da realidade externa”; prossegue o autor, “a fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo dependem da experiência da ilusão” (1945d, p. 228). Neste ponto encontram-se as bases para trabalhos desenvolvidos posteriormente: “Objetos e Fenômenos Transicionais” (1953c [1951]-a) e “A criatividade e suas origens” (1971g).

No artigo “Aspectos da Delinquência Juvenil”, Winnicott afirma que no bebê existe uma capacidade de criar primitiva, ou seja, é o bebê quem cria a mãe e sua doçura, portanto, ele se sente no direito de roubar algo da mãe (seja

uma moeda, um doce, etc.); afinal, prossegue Winnicott “essa doçura é da criança, pois foi ela quem inventou a mãe e a sua doçura a partir de sua capacidade primitiva de criar, seja o que isso for” (1946b, p. 258). Essa ideia é reiterada no artigo “Mais ideias sobre os bebês como pessoas” (1947b) ao descrever com detalhes como poderia ser a primeira experiência de fome do bebê, o contato do bebê com o corpo e o seio da mãe e a sensação resultante: a capacidade de criar aquilo que foi encontrado.

Essa ideia é reforçada no artigo “Pediatria e Psiquiatria”. Neste trabalho Winnicott esclarece que o estágio de dependência absoluta é assim denominado porque o bebê não tem qualquer percepção de sua própria dependência, portanto se a adaptação materna for suficientemente boa, o bebê desenvolve a ilusão onipotente de ter criado aquilo que a mãe lhe ofereceu e ocorre uma perfeita sobreposição entre o que é subjetivamente concebido com o que é objetivamente percebido (o seio). Esses momentos de ilusão proporcionados pela mãe produzem “a experiência física de satisfação instintiva como também a ligação emocional, e o início de uma crença na realidade viva de um relacionamento entre a mãe e o bebê”; é somente tendo o bebê adquirido essa capacidade de ilusão inicial que a mãe poderá prosseguir com a tarefa de desadaptação gradativa e nesta o bebê “passa a usar os detalhes por ele percebidos na criação do objeto esperado” (1948b, pp. 240-241).

O desenvolvimento complexo da aceitação da realidade externa deve acontecer em conjunto com a capacidade de sentir-se vivendo em seu próprio corpo e com a integração da personalidade em um todo unitário. Esses três fenômenos: integração, personalização e realização (ou apresentação dos objetos) fornecem as bases saudáveis do desenvolvimento emocional do indivíduo e persistem durante toda a vida. Essa ideia é também desenvolvida no artigo “Introdução primária à realidade: estágios iniciais”. Esses vários processos procuram reunir os diversos fragmentos que constituem o ser humano na etapa inicial. Para isso, afirma Winnicott, é fundamental que a mãe “tenha a criança em sua mente como uma pessoa inteira” e é a partir disso que o bebê pode também “estar em pedaços” (1996o [1948], p. 47). Essa ideia é fundamental para a construção do conceito de criatividade visto que é nos momentos tranquilos, momentos em que “existe uma ausência de qualquer

necessidade de integração” ou seja, “não existe nenhuma linha entre o interno e o externo” (1996o [1948], p. 48), que favorece o estado de relaxamento e segurança e a sensação de unidade com pessoas e coisas. Outro desenvolvimento importante deste período é a ilusão de onipotência, já discutido e que resulta da capacidade adaptativa da mãe. Permitir ao bebê a sensação ou ilusão onipotente de ter criado aquilo que ele encontrou, estabelece as bases para um desenvolvimento saudável do *self*, assim como permite o prosseguimento do próprio desenvolvimento através da desadaptação gradual, ou melhor, da desilusão.

No artigo “Objetos e Fenômenos Transicionais” o tema criatividade é largamente exposto em concordância com temas como adaptação materna, preocupação materna primária, o valor da ilusão, onipotência. E nesse sentido afirma Winnicott que “*a área intermediária à qual estou me referindo é aquela que é liberada para o bebê entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade*” (1953c [1951]-a, p. 327).

Segundo Abram o conceito de criatividade primária tem seu desenvolvimento a partir da releitura feita por Winnicott e Khan do trabalho de Fairbairn *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Neste trabalho, Winnicott chama de criatividade (psíquica) primária os processos psíquicos que contemplam a primeiríssima infância e o “desenvolvimento do ego que não se achem basicamente associados ao conflito instintual” (1953i, p. 321).

Em outro importante trabalho de 1956, “A tendência antissocial”, Winnicott também utiliza o termo “criatividade primária” reforçando a ideia exposta no artigo de 1946 sobre a delinquência juvenil.

A criança que rouba um objeto não está em busca do *objeto roubado, mas da mãe sobre quem ela tem direitos*. Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada por ela. A mãe correspondeu à criatividade primária da criança, tornando-se assim o objeto que a criança estava pronta para encontrar (A criança não poderia ter criado a mãe, mas o significado da mãe para ela depende da sua criatividade). (D. W. Winnicott, 1958c [1956], p. 411)

A terceira fase de desenvolvimento teórico é denominada: O uso do objeto e compreende o período de 1960 a 1971. Segundo Abram (2008), nessa etapa Winnicott dedica-se a uma pesquisa filosófica questionando o valor da vida, o que possibilita (ou não) o sentimento de que a vida vale a pena, como também o que dá ao ser humano o sentimento de ser real.

Pertence a este período o desenvolvimento principal do tema da criatividade em vários artigos que formam o livro: *O Brincar e a Realidade* entre outros. Na palestra realizada diante da *Progressive League* em 1960, ao apresentar o caso de uma adolescente Winnicott faz uma importante associação: “As experiências construtivas e criativas estavam possibilitando à jovem chegar à experiência de sua destrutividade” (1984c [1960], p. 160). Em 1962, Winnicott escreve um ensaio pessoal sobre o conceito kleiniano de inveja, no qual o autor ressalta a qualidade real da mãe e a maternagem suficientemente boa, afirmando que a qualidade de ser um seio bom “é uma projeção de uma qualidade correspondente no bebê” (1989xf [1962], p. 346) o que vem a favorecer sua capacidade de identificação. Quando essa sintonia entre a mãe e seu bebê não ocorre, condições desfavoráveis ao desenvolvimento se estabelecem. A importância da capacidade de criar é ressaltada pela seguinte passagem: “É a mãe que cria o bebê ou o bebê que cria a mãe? (...) sustento que o bebê cria o seio, a mãe e o mundo” (1989xf [1962], p. 347).

No trabalho de 1963, intitulado “Moral e Educação” Winnicott desenvolve o tema da capacidade de ‘crer em’. Neste trabalho podem-se ver as ideias que foram lançadas no artigo de 1935, “A Defesa Maníaca” quando ele estimula o estudo dos objetos internos bons. O desenvolvimento da confiança e da crença em são facilitados pelas condições adaptativas do ambiente, assim como pelas tendências inatas. Winnicott estabelece uma correspondência entre a capacidade da criança de criar um Deus e as condições adaptativas criadas pela mãe suficientemente boa e adaptada, ou seja, aquelas condições que dão ao indivíduo o sentimento de que o mundo é um reflexo de sua bondade porque ele obteve no início o retorno de seus gestos criativos, o que resultam na criação de sentimentos como confiabilidade, segurança e na capacidade de sentir-se real. Neste ponto, o autor afirma que “a teologia, ao negar ao indivíduo em desenvolvimento a criação do que quer que esteja ligado ao

conceito de Deus, de bondade e de valores morais, esvazia o indivíduo de um importante aspecto da criatividade” (1963d, p. 90).

Em “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (1965j [1963]), há o relacionamento entre o tema da criatividade com a comunicação e a capacidade de comunicação, temas relacionados às relações objetais. A relação suficientemente adaptada entre a mãe e o bebê favorece o desenvolvimento de uma complexa capacidade de comunicação necessária ao bebê nas etapas iniciais do desenvolvimento, assim como fundamental para toda a existência do indivíduo. Nesta mesma linha de pensamento temos o trabalho intitulado “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências” de 1968; neste o autor explora o conceito de que uma relação saudável, ou seja, uma relação criativa representa o oposto da relação por submissão ou condescendência.

Indo além na consideração da comunicação do bebê com a mãe, sugiro que ela seja resumida em termos de criatividade e submissão. Sobre isso, deve-se dizer que, quando há saúde, a comunicação criativa tem prioridade sobre a submissão. A partir de uma percepção e de uma relação criativa com o mundo, o bebê pode se tornar capaz de sujeitar-se sem perder a dignidade. Quando predomina o padrão contrário, e a submissão prevalece, ocorre a doença, e se estabelece uma base muito insatisfatória para o desenvolvimento do indivíduo. (D. W. Winnicott, 1968d, pp. 91-92)

Em um artigo lido diante da SPB em dois de janeiro de 1966, Winnicott afirma que “ a criatividade é um dos denominadores comuns entre homens e mulheres. Em outra linguagem, contudo, a criatividade é prerrogativa das mulheres e, em outra linguagem ainda, constitui uma característica masculina”(1971va [1966], p. 134). Este trabalho será incluído posteriormente no artigo “A criatividade e suas origens” escrito em 1971.

Em 1968 Winnicott apresenta o trabalho “O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações”, no qual a capacidade criativa tem como sentido a busca pela externalidade e para tanto é necessário que o objeto sobreviva à destruição. O princípio da realidade afronta o ser, portanto

envolve sentimentos de raiva e destruição, e essa “destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto para fora do eu (*self*)” (1969i [1968], p. 127).

Chegamos a um importante trabalho sobre o tema da criatividade na obra de Winnicott: “Vivendo de modo criativo”. Aqui a criatividade relaciona-se ao sentimento de existência e ao sentimento de que a vida é algo que vale a pena. A criatividade é o fazer gerado pelo impulso, portanto a partir do verdadeiro *self*, algo diferente do fazer reativo, submisso, que inibe o ser. A origem da criatividade, afirma Winnicott “é própria do estar vivo”, é a própria expressão do SER que antecede qualquer FAZER e está associada à “tendência geneticamente determinada para estar e permanecer vivo e para se relacionar com os objetos que lhe surgem no caminho durante os momentos de obter algo” (1986h [1970], p. 26).

Em 1967, Winnicott escreve o artigo: “O Brincar: uma exposição teórica” e descreve a relação entre os temas: brincar, criatividade e busca do eu desenvolvidos em um trabalho de 1971: “O Brincar: a atividade criativa e a busca do eu”²⁹.

Também no ano de 1971 Winnicott escreve o artigo “A criatividade e suas origens”. Neste trabalho Winnicott expõe com clareza que o estudo sobre a criatividade que o interessa relaciona-se ao sentimento de estar vivo, à capacidade de viver e participar ativamente da vida. O autor expõe que mesmo diante de um total fracasso ambiental que leve o indivíduo à submissão ou mesmo ao estabelecimento de um falso *self*, continua a existir mesmo que “oculta em alguma parte, [...] uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano” (1971g, p. 99).

De maneira genérica apresentamos nesta seção o desenvolvimento das ideias de Winnicott sobre a criatividade. Nas seções posteriores buscaremos enfatizar alguns pontos que consideramos importantes para a compreensão da abrangência deste tema e sua utilização.

²⁹ Este tema será desenvolvido mais adiante, no item 3 deste capítulo: A criatividade e o brincar

4.2 A criatividade do bebê

O bebê não existe isoladamente. Para que a existência do bebê venha a se tornar um fato devemos considerar também a existência de um ambiente e principalmente de uma pessoa, a mãe, envolvida nos cuidados desse novo ser. O bebê, ao partir de um estado de não-integração primária vive uma relação que caracteriza-se pelo fato de seu objeto ser objeto subjetivo. O bebê e a mãe formam um todo indiferenciado. As necessidades que se originam no bebê são satisfeitas pela mãe, mas para o bebê, não há mãe, não há externalidade, portanto tudo o que surge é sentido como se fosse criação dele próprio.

Quando sustentado pelo ambiente suficientemente bom, o bebê vive entre estados tranquilos e estados excitados. Estes últimos permitem o aglutinar fugaz dos fragmentos que até então formam o ser humano. A necessidade no bebê vem na onda de um impulso instintivo, gerando o estado excitado e a expectativa de encontrar algo e, “se a mãe é capaz de se responsabilizar por sua tarefa, ela é capaz de fornecer um contexto para o início do relacionamento excitado, porque ela está biologicamente orientada para esta tarefa” (1988, p. 120). Este momento foi chamado por Winnicott de “a primeira mamada teórica” e vale seguir a descrição feita pelo autor deste importante conceito que está diretamente vinculado ao conceito de criatividade:

Em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo, que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em direção a um suposto objeto. Creio que não será inadequado dizer que o bebê está pronto para ser criativo. Haveria a alucinação de um objeto, se houvesse material mnemônico para ser usado nesse processo de criação, mas isso não pode ser postulado considerando-se que é a primeira mamada teórica, e aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade pessoal; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo. (D. W. Winnicott, 1988, p. 122)

O bebê encontra e cria a mãe, o seio, o mundo, mas somente se houver por parte da mãe essa capacidade acima mencionada de responsabilizar-se.

Nesse encontro a mãe pode se colocar de modo a ser descoberta e assim pode ser criada. A função da mãe de esperar ser descoberta e criada pelo seu bebê é fundamental para que o gesto espontâneo do bebê possa acontecer. Para que a mãe tenha a possibilidade de desenvolver essa capacidade de identificação, ela própria necessita ser cuidada, necessita que os outros criem em seu entorno uma atmosfera de segurança e tranquilidade para que ela possa se dedicar ao seu bebê.

As particularidades e complexidades dessa etapa deveriam ser observadas no início da vida dos bebês seja nas maternidades ou em outros locais que lidam com bebês nessa etapa inicial. Esses cuidados são profiláticos e criam as bases da saúde mental. Winnicott se mostra preocupado com esse tema, ao dirigir-se em muitos de seus artigos e palestras às enfermeiras e aos médicos, visto que esse momento inicial é gerador natural de ansiedade. O bebê não deve ser obrigado a mamar, ele precisa antes de tudo tempo para que, em conjunto com sua mãe, possa desenvolver a capacidade de criar o seio e a própria mãe. Winnicott atribui importância às funções e cuidados dos médicos e enfermeiras, mas enfatiza a importância de promover um estado de segurança na mãe para que ela tenha “a chance de ser natural e de encontrar o seu caminho junto com o bebê” (1988, p. 125).

4.3 A criatividade e o brincar

O que motiva o brincar infantil? As crianças brincam pelo prazer de inventar, de criar ou ainda para expressar sentimentos tais como agressão, ódio, raiva, e a expressão desses sentimentos através da brincadeira ajuda a criança a elaborá-los, ao invés de represá-los. A criança também brinca para lidar com situações e sentimentos desejados, temidos e até mesmo desconhecidos (não conscientes). As crianças brincam para dominar angústias como também para controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia, visto que o excesso desses sentimentos gera forte tensão e pode levar a brincadeiras compulsivas ou repetitivas, ou ainda a uma busca exagerada de prazer, tudo isso comprometendo a continuidade do ser. Uma angústia muito elevada pode levar a brincadeira para “uma pura exploração de gratificação sensual” (1942b, p. 162). Para Winnicott, a brincadeira por prazer pode ser interrompida, enquanto brincadeiras que lidam com sentimentos de angústia,

quando interrompidas, podem causar uma aflição ainda maior ou mesmo a criação de novas defesas. No brincar, a criança liga as ideias com a função corporal e por isso é uma “alternativa para a sensualidade, no esforço da criança manter-se íntegra”. Porém, reforça Winnicott, quando a “angústia é relativamente grande, a sensualidade torna-se compulsiva e o brincar torna-se impossível” (1942b, p. 164).

Por todos esses motivos é de fundamental importância que a mãe, os pais ou a família aceitem os sentimentos expostos no brincar sem represálias; quando, por exemplo, o sentimento exposto é de agressividade, o “bom ambiente deveria ser capaz de tolerar sentimentos agressivos se estes forem expressos de uma forma mais ou menos aceitável”, ou seja, “a criança aprecia concluir que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio para a criança” (1942b, p. 161).

Para a criança é importante poder, ao brincar, expressar aquilo que ela verdadeiramente é e sente, pois negar seus sentimentos seja eles agressivos ou amorosos, pode levá-la à falsidade ou desonestidade consigo própria por não expressar seu *self* verdadeiro. Ao brincar a criança adquire experiência e assim vai ampliando e enriquecendo sua personalidade. Através do brincar solitário ou com outras crianças ou ainda com adultos, a criança se prepara para os relacionamentos emocionais e os contatos sociais. “A brincadeira é a prova evidente da capacidade criadora que quer dizer vivência” (1942b, p. 163), como também favorece a integração da personalidade, visto que funciona como um elo que une e ao mesmo tempo separa a realidade interna e a realidade externa.

No brincar, a criança experimenta de forma natural as diversas formas de contato com o mundo e com a realidade ao seu redor; o brincar é uma comunicação assim como uma experiência criativa e, portanto, tem um caráter terapêutico, expressando a saúde da criança; o brincar é universal e conduz a criança ao relacionamento com os outros, com o grupo, com a sociedade e ao longo do processo de desenvolvimento relaciona-se às experiências culturais. Nesse sentido, Winnicott afirma que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (1971r, p. 79).

O brincar acontece em uma área intermediária, não acontece nem dentro, nem tampouco fora, ou seja, o lugar do brincar não pertence nem à realidade interna, nem tão pouco à realidade externa compartilhada. O brincar se dá inicialmente em uma área que se desenvolve, em condições suficientemente boas, entre a mãe e o bebê – o espaço potencial.

Winnicott entende o brincar como um desenvolvimento dos fenômenos transicionais e desta forma, o brincar deve ser estudado como um fenômeno em si. Neste sentido, ele apresenta no artigo “O Brincar: Uma exposição teórica”, uma ‘Teoria da Brincar’ (1968i [1967], p. 70) que, para ser descrita, deve-se ter em foco o tipo de relacionamento possível ao bebê e à criança em cada etapa do processo de desenvolvimento. Se ao iniciar sua jornada o bebê apresenta-se em um estado de fusão com a mãe, esta última representa um objeto subjetivo e em condições suficientemente boas, oferece ao bebê aquilo que ele está pronto para encontrar, fortalecendo a ilusão de onipotência e o sentimento de ter criado aquilo que foi gerado pela sua necessidade. Nos movimentos de idas e vindas amparados pela mãe, o bebê pode repudiar ou abandonar o objeto (seio) e aceitá-lo ou criá-lo mais uma vez. Esse movimento, suportado e amparado pela mãe desenvolve no bebê o sentimento de onipotência, de controle mágico do mundo ao seu redor. Todos os cuidados maternos nessa etapa produzem sentimentos de vital importância para o desenvolvimento do bebê: confiabilidade, segurança e previsibilidade. Segundo Winnicott, “a confiança na mãe cria aqui um playground intermediário... é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une mãe e bebê” (1968i [1967], p. 71). A criança pode agora começar a brincar sozinha e essa atividade solitária significa que ela pode agora esquecer e se afastar da mãe por um período de tempo, e isto somente é alcançado pelo desenvolvimento da confiança e da segurança proporcionadas pela presença da mãe. Em seguida a esse momento a criança encontra-se preparada para “permitir e fruir uma superposição de duas áreas do brincar” (1968i [1967], p. 71), ou seja, o brincar da criança e o brincar de outra pessoa. O brincar é, para Winnicott, “uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver” (1968i [1967], p. 75).

4.4 A criatividade no processo psicoterapêutico

Após a compreensão da abrangência do tema do brincar na teoria winnicottiana, podemos nos aproximar do relacionamento entre a criatividade e a prática clínica. Winnicott afirma:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é. (D. W. Winnicott, 1968i [1967], p. 59, os grifos são do autor)

Um longo percurso deve ser percorrido para que o indivíduo alcance a capacidade de brincar, e no encontro terapêutico o brincar do adulto pode se manifestar de várias formas: “na escolha de palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor” (1968i [1967], p. 61).

O brincar possibilita a comunicação, como também reforça o sentimento de criatividade e a capacidade para sentir-se real e desta forma é um importante instrumento para o trabalho clínico, mas para que possa ser utilizado de forma efetiva para aqueles pacientes que desejam ajuda na busca de seu *self*, torna-se necessário ao terapeuta conhecer a criatividade do paciente, a criatividade relacionada à vida e ao viver. Esse sentimento também pode ser expresso pelo sentimento de ser e continuidade do ser, próprios da saúde, e que necessitam, para sua manifestação, que esteja instaurado um sentimento de confiabilidade no ambiente.

A confiabilidade no setting terapêutico e na pessoa do analista conduz o paciente ao relaxamento, e neste estado ideias aparentemente desconexas podem emergir, ou seja, a associação livre³⁰. Nesse estado de relaxamento, a confusão ou caos mental do indivíduo pode emergir. Aqui podemos compreender, por analogia, que o paciente está se preparando para criar / encontrar algo em algum lugar. E, nesse sentido, Winnicott adverte ao

³⁰ A nova tradução da obra de Freud pela Companhia das Letras no artigo: “Recordar, repetir e elaborar” utiliza ao invés do termo associação livre, a expressão pensamentos espontâneos. Essa expressão aproxima-se à ideia aqui exposta.

terapeuta que promova um espaço em que a comunicação possa acontecer. A comunicação no estado de repouso pode ser caótica e caso o terapeuta queira colocar alguma ordem no absurdo comunicado, fará com que o paciente como consequência abandone “a área do absurdo, devido à desesperança em comunicá-lo” (1971r, p. 82).

A desesperança, causada pelo fracasso das provisões ambientais desfaz a confiabilidade do setting e da pessoa do analista. Visto que “o terapeuta teve de encontrar sentido onde este não existia”, nesse ponto, Winnicott afirma de forma enfática que “o terapeuta sem saber, abandonou seu papel profissional, e o fez desviando-se para pior, a fim de ser um analista arguto e encontrar ordem no caos” (1971r, p. 82). O gesto criativo do paciente foi perdido pela sagacidade do terapeuta. Essa situação pode ser comparada à ansiedade de enfermeiras ou familiares que não conseguem esperar que a criança encontre o seio e numa atitude impositiva, colocam o mamilo na boca do bebê como que forçando-o a mamar.

O paciente, assim como o bebê tem a possibilidade de reunir-se, integrar-se, quando o ambiente ou a mãe permitem e criam as condições necessárias. Estas condições proporcionam que estados de repouso e excitação se convertam em experiências que vão agregar à totalidade do indivíduo, enriquecendo-o. Esse enriquecimento ocorre na região intermediária que existe entre a realidade interna do indivíduo e o mundo exterior. Portanto, devido à importância de favorecer o contexto terapeuta-paciente, Winnicott faz um importante pedido:

{Faço} Um pedido a todo terapeuta para que permita o funcionamento da capacidade do paciente de brincar, isto é, de ser criativo no trabalho analítico. A criatividade do paciente pode ser facilmente frustrada por um terapeuta que saiba demais. Naturalmente não importa, de fato, o quanto o terapeuta sabe, desde que possa ocultar esse conhecimento ou abster-se de anunciar o que sabe. (D. W. Winnicott, 1971r, p. 83)

Ao compreender o tema da criatividade na relação terapêutica, pode-se ter um novo olhar sobre o trabalho interpretativo, ou seja, a interpretação que

vai ao encontro da necessidade de certos pacientes ao se assemelhar ao movimento da primeira mamada teórica. O terapeuta, pela identificação e interesse para com seu paciente, aguarda respeitosamente o momento do afrouxamento das defesas, assim como tem um aprofundado interesse pelas características centrais da personalidade de seu paciente, estando atento às exigências e necessidades deste. Nesse sentido, quando “o paciente se torna apto a trazer assuntos profundamente sepultados para o conteúdo da transferência” cria-se a “oportunidade para a interpretação mutativa”. Prossegue Winnicott: “O analista, pela interpretação, demonstra o grau de comunicação que é capaz de receber do paciente” (1971g, p. 104).

O trabalho terapêutico como observado por Winnicott se assemelha ao brincar, e a relação terapeuta-paciente tem como protótipo a relação entre a mãe e seu bebê. Se o rosto da mãe é o espelho que permite ao bebê ver a si mesmo, a relação terapêutica, ou melhor, a posição do terapeuta pode atentar para este importante detalhe do desenvolvimento. Assim, o desenvolvimento do processo terapêutico não deve se basear na realização de interpretações acuradas, mas principalmente, segundo Winnicott, “trata-se de devolver ao paciente, em longo prazo, aquilo que o paciente traz, um derivado complexo do rosto que reflete o que há ali para ser visto” (1967c, p. 161). Essa atitude não é considerada fácil pelo autor, mas sim “emocionalmente exaustiva”, mas é a construção de uma relação terapêutica que tem por base a confiabilidade e o exercício profissional suficientemente bom, que possibilitará ao paciente a descoberta de “seu próprio *self* e [com isto ele] será capaz de existir e sentir-se real” e “sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um *self* para o qual retirar-se e relaxar” (1967c, p. 161).

A partir dessa ótica, Winnicott faz uma objeção quanto às análises intermináveis - ele afirma que a “a psicanálise não é um modo de vida”. Assim como a criança que relega ao limbo seu objeto transicional, ele afirma: “Esperamos que nossos pacientes terminem a análise e nos esqueçam: e descubram que o próprio viver é a terapia que faz sentido” (1969i [1968], p. 123).

4.5 A criatividade do artista e a criatividade do homem comum

Como dito anteriormente, Winnicott não introduziu o tema da criatividade em sua obra com o intuito de discutir aquela relacionada a um talento especial que leva à produção de obras de artes, mas encontramos em seus trabalhos algumas passagens que trazem como tema as artes e os artistas. Nesse item trataremos de algumas dessas indicações entrelaçando-as com a criatividade do homem comum, mais especificamente com a capacidade para o viver criativo.

Sabemos que Winnicott tem, ao longo de sua vida, uma grande proximidade com as artes e a fim de mostrar essa proximidade entre seu estilo e a elaboração de seus conceitos, Clancier e Kalmonovitch (1995 [1990]) intitulam um trabalho sobre Winnicott de: “Um borrifo de tinta em seu estilo”, termo utilizado pelo próprio autor, em 1935, ao discutir o uso da palavra fantasia (1958k [1935]). As autoras mencionam que a família de origem de Winnicott era bastante artística; os instrumentos musicais faziam parte do cotidiano familiar, uma de suas irmãs tornou-se uma pintora de talento; seus amigos eram músicos, pintores, dançarinos, artistas, escultores e pintores. Elas ainda nos lembram de que Winnicott escreveu poemas, escreveu casos e relatos clínicos e acima de tudo desenhou; desenhou cartões de natal para seus amigos, enviava rabiscos para sua esposa (Clare) e principalmente desenhou com as crianças através de um jogo aparentemente simples – o jogo de rabiscos – utilizado como “um meio de entrar em contato com a criança” (1971vc, p. 11). No livro *Consultas Terapêuticas*, dedicado à exploração do seu trabalho utilizando o jogo do rabisco (*squiggle game*). Winnicott declara que a teoria que desenvolveu ao longo de sua carreira é o que lhe permite iluminar e explorar “o território desconhecido de um novo caso”. E descrevendo sua maneira de agir e trabalhar compara-se a um violoncelista “que primeiro trabalha a *técnica* e depois começa realmente a tocar *música*, usando a técnica, certamente... Nada se obtém senão um pouco de satisfação ao se extrair de um partitura uma *performance* virtuosa” (1971vc, p. 14, grifos do autor).

Em 1945, no artigo intitulado “Desenvolvimento Emocional Primitivo” encontra-se uma intrigante afirmação em uma nota de rodapé:

Através da expressão artística esperamos manter-nos em contato com nossos *se/ves* primitivos, de onde provêm os mais intensos sentimentos e as sensações mais intensamente assustadoras, e de fato, quando apenas são, somos decididamente pobres. (D. W. Winnicott, 1945d, p. 225, nota de rodapé)

Nesse artigo, Winnicott está apresentando a teoria que lhe permitiu explorar o território desconhecido de tantos casos e a frase que comporta essa nota de rodapé discute o contraponto entre sanidade e loucura. Ele afirma que a sanidade não deveria ser “um sintoma carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura”, como também “o medo ou a negação da capacidade inata de estar não-integrado, despersonalizado e sentindo que o mundo não é real” (1945d, p. 225). Então, qual o sentido da frase: “quando apenas são, somos decididamente pobres”? Como pode a arte ou a expressão artística auxiliar essa qualidade de contato com os *se/ves* primitivos, enriquecendo a personalidade ao manter contato com a intensidade primitiva dos sentimentos? Winnicott responde a essa questão em outro trabalho: “Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?”. Neste artigo ele afirma que “o artista tem a habilidade e a coragem de estar em contato com os processos primitivos aos quais o neurótico não tolera chegar, e que as pessoas sadias podem deixar passar para seu próprio empobrecimento” (1965h [1959], p. 121).

Phillips (2008 [2005]) afirma que aquilo que significa loucura no adulto, é considerado normal para a criança visto que “vivemos nos primórdios de nossas vidas num estado de loucura sã – de sentimentos intensos e sensações terrivelmente agudas” e que Winnicott está, nesta passagem, questionando “o que podemos fazer, se é que podemos fazer alguma coisa, para permitir aos adultos conservar a loucura sã de suas mentes jovens” (pp. 65-66). Nossos *se/ves* primitivos carregam a intensidade assustadora dos sentimentos próprios dos bebês, e é aqui que se encontra a “nossa força vital”. Prossegue Phillips: “Sem essa primeira loucura, sem sermos capazes de segurar essa corda salva-vidas emocional para nossas infâncias – para nossos *se/ves* mais apaixonados -, nossas vidas podem começar a parecer vãs” (Phillips, 2008 [2005], p. 73).

Aquilo que expressa sanidade para Winnicott está associado com a capacidade para o viver criativo e esta provém do sentimento de estar vivo, de estar vivendo uma vida que vale a pena e inclui a capacidade de sentir-se real. Isso tudo não exclui sentimentos como medo, dúvidas, frustrações que denotam o quanto a vida é difícil; “o essencial”, aponta Winnicott “é que o homem ou a mulher se sintam vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso” ou seja, a jornada que teve início na dependência absoluta pôde ter prosseguimento e o “indivíduo saiu da dependência para entrar na independência ou autonomia” (1971f [1967], p. 30).

Sobre a difícil e vital tarefa de manter o contato com a realidade externa, Winnicott afirma que esta tarefa pode ser mais tranquila ou assustadoramente difícil dependendo de como essa realidade nos foi apresentada nos estágios iniciais e questiona se “não é (...) através da criação artística e da experiência artística que mantemos as necessárias pontes entre o subjetivo e o objetivo?” e prossegue: “O artista está sempre vencendo brilhantes batalhas, numa guerra que, na verdade, não tem fim”, sendo que “o fim consistiria em descobrir algo que não é verdade, ou seja, que o que o mundo oferece é igual ao que o indivíduo cria” (1948b, p. 251).

O contato com a realidade externa é uma aquisição fundamental e complexa no desenvolvimento emocional e, nesse sentido, os artistas e as crianças parecem manter, na saúde, desobstruídas as pontes que liga e que ao mesmo tempo mantém separadas a realidade subjetiva e a realidade compartilhada. Por outro lado, o mergulho nas profundidades do mundo interno ou do inconsciente pode ser alcançado pela atividade artística ou pelos sonhos:

Volta e meia ocorre de um artista que pinta um quadro qualquer nos dar uma ideia de seu mundo interno na forma de entranhas. O resultado é horrível para a maioria das pessoas. Eles veem nacos e pedaços por toda parte, fazendo com que um açougue pareça um alívio. É admirável a coragem de um artista deste tipo, mesmo quando nos incomoda a sua fuga para a fantasia e para a anatomia. (D. W. Winnicott, 1958e [1936], p. 94)

Da mesma forma, o desconhecimento das imagens do mundo interno podem levar o artista ou o sonhador a uma séria dificuldade em reconhecer sua responsabilidade em sua criação; nesse sentido, Winnicott afirma que “Na pintura, um artista pode chegar a sentimentos dos quais ele estava inconsciente antes de começar, e que podem vir de tão fundo em sua natureza, que ele tem grande dificuldade em reconhecer a total responsabilidade por seu quadro” (1945h, p. 35).

Responsabilizar-se pelas próprias produções sejam elas artísticas ou relacionadas ao cotidiano é algo que somente se alcança com a maturidade de um verdadeiro sentimento de *self*. A teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott relaciona as aquisições naturais conquistadas na saúde, no processo de crescimento com o desenvolvimento da capacidade de viver com os semelhantes de forma democrática. E, analisando a evolução dos desenhos infantis, o autor afirma:

Por breve tempo, a criança transforma-se num artista. E o que é mais importante, demonstra uma capacidade crescente de conservar a espontaneidade ao mesmo tempo em que se submete à forma e demais fatores de controle. Esta é a ideia democrática em miniatura. Sua base por enquanto é pouco sólida, pois depende da presença de uma pessoa que se relaciona com a criança que desenha. Mais tarde esse vínculo muito pessoal é quebrado e deve ser quebrado e diluído; antes de a criança transformar-se num artista ou, com mais probabilidade, num cidadão comum, ela deve ser capaz de construir *internamente* essa pessoa em relação a quem, no exterior, a arte infantil se expressava de modo tão rico. (D. W. Winnicott, 1965t [1950], p. 32)

Winnicott argumenta que a criatividade é uma condição necessária para que o indivíduo alcance sucesso na busca do eu (*self*), porém não é exato afirmar que todo artista é bem sucedido nessa busca. Nesse sentido ele afirma que:

O *self* não pode ser realmente encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções

sejam em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista (seja no campo que for) está buscando o *self*, pode-se então dizer que com toda a probabilidade já existe certo fracasso para esse artista em termos do viver criativo em geral. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do *self*. (D. W. Winnicott, 1971r, p. 81)

Para ser, existir e viver criativamente não é necessário que tenhamos algum talento especial afirma Winnicott. Para ele, o viver criativo refere-se àquilo que fazemos e ao fazermos, sentirmo-nos vivos, sentirmos que estamos expressando nosso verdadeiro *self*, e é isso que nos fortalece.

4.6 A vida sem criatividade

Diante daquilo que foi exposto quanto à criatividade e ao viver criativo, pensar sobre a vida sem criatividade é falar sobre aquilo que faz com que não nos sintamos reais ou ainda com sintomas relacionados à desintegração ou à despersonalização e para isso é necessário um estudo à parte³¹.

Na vida sem criatividade o sentimento de futilidade é expressivo, um viver sem sentido, um viver que não vale a pena. Um viver não-criativo é uma vida sem liberdade, sem a possibilidade de expressar o si mesmo, uma vida em que impera a submissão, uma vida falsa.

O contrário de criatividade, que é contato vivo com a realidade externa, é o que Winnicott chamou de relacionamento submisso com a realidade externa e constitui “a base doentia para a vida” (1971g, p. 95). Nesse tipo de relacionamento é o indivíduo que deve se adaptar ao ambiente exigente. Retomando o exemplo da bolha (vide p.68), quando o ambiente apresenta uma adaptação falha, o resultado é a intrusão ou, podemos dizer, a deformação do indivíduo, visto que a intrusão exige uma resposta, e com isso tira o indivíduo de seu estado de isolamento (primário) e o força a desenvolver uma resposta reativa. Nesse contexto o indivíduo perde a sensação de continuidade do ser, ou seja, distorções psicóticas são produzidas e uma vida falsa pode entrar em cena (vide p. 79).

³¹ Remeto o leitor à tese de doutorado de Dias: “A teoria das Psicoses em D. W. Winnicott” (Dias, 1998)

Se a falha e a intrusão ambiental torna-se um padrão, o indivíduo passa a reagir, e os processos de desenvolvimento do eu são interrompidos e se esse estado de coisas persiste ocorre uma paralisação na qual o eu é impedido de novos progressos, permanecendo congelado e aguardando uma situação em que as falhas possam ser corrigidas. O falso eu entra em cena para proteger do aniquilamento o núcleo do eu verdadeiro, e este eu falso é construído “sobre a base da submissão defensiva, a aceitação da reação à intrusão”. A sensação de inutilidade envolve o indivíduo que precisa sobreviver nessa configuração, e podemos presenciar a dificuldade em sentir-se real e de estar vivendo uma vida que é própria. Nas palavras de Winnicott: “tudo aquilo que acontece ao indivíduo enquanto reação à intrusão ambiental é sentido como irreal, inútil (ruim), independente do quão gratificante seja do ponto de vista sensorial” (1955d [1954], p. 389).

Quando presenciamos numa criança, ou mesmo adulto, um viver sem criatividade, podemos supor que falhas ocorreram na adaptação materna e ao indivíduo não foi possível encontrar os objetos de modo criativo. Se ocorrer uma falha nessas etapas iniciais “a criança perde o contato com os objetos; perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente”. Essa perda a leva a buscar na realidade o objeto perdido e, “no momento de esperança, a criança alcança o objeto - e o rouba”. A criança nem sempre está ciente daquilo que fez e sente-se “louca por ter tido uma compulsão de fazer algo sem saber por que”; na verdade, afirma Winnicott, “a criança está procurando a capacidade de encontrar, e não buscando o objeto. No entanto, pode haver alguma satisfação naquilo que ela faz durante um momento de esperança” (1968e [1967], p. 84). Ou ainda, quando o sentimento de perda está associado à imaturidade egóica, ou seja, aquela perda que ocorre numa fase precoce do desenvolvimento no qual a criança não tem suficiente maturidade para reagir à perda, Winnicott afirma:

A perda do seio e da mãe ao mesmo tempo pode resultar num estado de coisas em que a criança perde não só o objeto mas também o aparelho para usar esse objeto, a boca. A perda pode ir mais fundo e envolver toda a capacidade criativa do indivíduo, de modo que ocorre não tanto uma desesperança quanto à

redescoberta do objeto, mas uma desesperança baseada na incapacidade de sair em busca de um objeto. (D. W. Winnicott, 1984f [1958], p. 151)

A perda de contato entre o indivíduo e a realidade externa e as consequências da perda do objeto são relacionadas ao conceito de objeto transicional e à perda da criatividade, segundo Winnicott “O bebê que perde o objeto transicional perde ao mesmo tempo a boca, o seio, a mão e a pele da mãe, a criatividade e a percepção objetiva” (1965s [1955], p. 219).

Várias são as consequências relativas à inibição do viver criativo do indivíduo, o que merece um estudo particular e, nesse sentido Winnicott nos alerta que “experimentar o viver criativo é sempre mais importante do que se sair bem” (1986h [1970], p. 38).

Considerações Finais

Contando com as condições ambientais adequadas para o momento vivenciado pelo indivíduo, pode-se entender a criatividade como a capacidade de criar na realidade objetiva aquilo que existe em fantasia. O gesto criativo descreve as primeiras incursões do bebê no mundo da realidade compartilhada, ou seja, a criatividade expressa a capacidade de fazer emergir algo ditado primariamente por uma necessidade do ego em formação; algo que se dirige a uma fonte que pertence (e não pertence) ao indivíduo. Nesse momento criativo, é fundamental que a fonte (externa aos olhos do observador) seja doada ao bebê através da sintonia existente entre a mãe e o bebê, e esse encontro facilita o processo de apercepção que por sua vez, possibilita a criação daquilo que, na realidade, foi encontrado.

Desta forma, ao fazer emergir algo do mundo interno, o indivíduo pode transpô-lo para a realidade compartilhada; nesta, as características primordiais da criação não são desfeitas, mas transformadas e aproximadas à sua percepção, para que aconteça uma real comunicação entre a realidade interna e a realidade externa e compartilhada. Essa possibilidade de comunicação fluída, que acontece de forma semelhante repetidas vezes, entre o ser mais central em nós e o mundo circundante, uma comunicação que se sabe compreendida, enriquecida e compartilhada, trará a sensação de viver uma vida plena de valor e significado; e que, apesar das dificuldades inerentes do viver, há a possibilidade de criar e encontrar algo que reverbere e sintonize com as necessidades mais internas nas relações exteriores.

O ser em constituição é reiteradamente fortalecido pelo sentimento inicial de onipotência que lhe permite colorir o mundo com as características mais essenciais e iniciais de sua formação. Encontrar na realidade compartilhada aquilo que foi criado primariamente pela necessidade, favorece a sensação de *holding*, de estar amparado em um mundo conhecido, e que desta forma não se apresenta como uma real afronta. Essa vivência permite ao indivíduo em formação experimentar a desilusão gradual, não como uma

interrupção em sua continuidade de ser, mas como um desenvolvimento natural ditado pela tendência inata ao crescimento e desenvolvimento emocional.

Se, o mundo em que se vive contém tons, cheiros, cores e sabores criados primariamente pelo indivíduo, esse mesmo mundo pode gradativamente receber o enriquecimento que provém do contato com a realidade externa. Esse mundo não induz o indivíduo à submissão e sim o coloca como um partícipe criativo.

Nesse sentido o estudo da criatividade tal como proposto por Winnicott relaciona-se diretamente com os temas: o ser e a continuidade do ser, o gesto espontâneo, o verdadeiro *self* e o brincar, que são importantes instrumentos não só para os terapeutas, como também para os pais e educadores. A capacidade de sentir-se real e de viver a própria vida é uma importante aquisição que advém da relação subjetiva com os objetos até alcançar uma relação objetiva, sem que haja, contudo uma perda da espontaneidade. Viver de forma criativa é viver e expressar o sentimento de que se é e de que só a partir desse sentimento de existência possa se dar de modo legítimo.

Ao longo da obra de Winnicott podemos perceber que o conceito de criatividade foi sendo construído e ampliado, sendo associado à ideia de que os objetos bons internos necessitam de um estudo mais aprofundado para que a capacidade criativa, da vida ou das artes, possa ser sentida como algo intimamente pessoal.

Criar o mundo inicialmente, nos possibilita não só um relacionamento com esse mesmo mundo que já estava lá antes mesmo de nossa chegada, mas também um sentimento de identificação com esse desconhecido. Ter garantida a liberdade de criar favorece a sensação de pertencimento, segurança e confiança, essenciais ao ser humano em todas as etapas de sua vida. Afinal, os cuidados suficientemente bons indicam que o mundo dá as boas vindas ao bebê, acolhendo seus gestos e se permitindo ser transformado por eles.

Ao chegar ao mundo, o bebê precisa de cuidados perfeitamente adaptados às suas necessidades, esses cuidados fortalecem a formação de um eu que pouco a pouco vai se diferenciando, saindo da unidade mãe-bebê para um momento de transicionalidade. Nessa etapa, a criação se dá com os

objetos encontrados nessa mesma realidade, mas a eles é dado um colorido pessoal, um colorido especial. E essa mesma possibilidade de colorir a vida deve persistir para que a vida seja significativa. Ao criar o mundo que encontramos podemos nos apropriar de nossa vida, de nosso mundo – isso é uma necessidade do ego – uma apropriação criativa das experiências vividas.

Como Winnicott afirma a criatividade é uma expressão do verdadeiro *self* que, em contato com a realidade externa, tem sua existência fortalecida e não aniquilada. No viver criativo, nossas percepções são ampliadas pela apercepção. Esse é a cor ou o tom que podemos dar às nossas vidas, um colorido que pede que mantenhamos viva a loucura sã da infância.

Referências Bibliográficas

- Abram, J. (2000 [1996]). *A Linguagem de Winnicott. Dicionário das Palavras e expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott. [The Language of Winnicott: A Dictionary of Winnicott's Use of Words]* (M. D. G. d. Silva, Trans.). Rio de Janeiro: Revinter.
- Abram, J. (2008). Education Section - Donald Woods Winnicott (1896–1971): A brief introduction. *Int J Psychoanal*, v. 89, pp. 1189 - 1217.
- Alencar, E. M. L. S. (2007). Criatividade no contexto educacional: três décadas de pesquisa. *Psicologia: Teor. e Pesq. [online]*, vol. 23, n. especial, pp. 45-49.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. d. S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teor. e Pesq. [online]*, v. 19, n.1, pp 001-008. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722003000100002&lng=en&nrm=iso.
- Andrade, V. M. (1997). Criatividade, Cultura e Estrutura Psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. XXXI, n.º 3, 565-579.
- Birman, J. (2007). Prefácio: Sublime Ação In S. V. Castiel (Ed.), *Sublimação: Clínica e Metapsicologia*. São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2008). Criatividade e Sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, 20 (1), 11 - 26. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100001&lng=pt&nrm=iso
- Bleichmar, N. M., & Bleichmar, C. L. (1989). *A Psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica [El Psicoanálisis Después de Freud]* (F. F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- Bleichmar, N. M., & Bleichmar, C. L. (1992 [1989]). *A Psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica [El Psicoanálisis Después de Freud]* (F. F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bonfim, V. S. (2010). Gadamer e a Experiência Hermenêutica. *Revista CEJ*, Ano XIV, n.49, p.76-82, abr-jun. 2010. Retrieved from <http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/cej/article/view/1152/1341>
- Brandão, A. R. P. (2008). A importância da história na abordagem das Ciências Humanas: um olhar a partir de Wilhelm Dilthey. *Cadernos UFS- Filosofia*, 3 (X), 71-78. Retrieved from http://200.17.141.110/periodicos/cadernos_ufs_filosofia/revistas/ARQ_cadernos_3/a_narute.pdf
- Brito, E. O. d. (2005). Consciência histórica e hermenêutica: Considerações de Gadamer acerca da Teoria da História de Dilthey. *Trans/Form/Ação*, 28(2): 149-160, 149-160. Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732005000200010&lng=pt&nrm=iso
- Caldwell, L., & Joyce, A. (2011a). Editor' Introduction: Creativity and its origins (1971). In L. Caldwell & A. Joyce (Eds.), *Reading Winnicott* (pp. 261 - 264). London: Routledge.
- Caldwell, L., & Joyce, A. (2011b). *Reading Winnicott*. London: Routledge.
- Castiel, S. V. (2006). Implicações metapsicológicas e clínicas da conceituação da sublimação na obra de Freud. *Revista Psico*, PUCRS, 37, 91-97, jan/abr. Retrieved from <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/%20article/viewFile/1416/1115>
- Castiel, S. V. (2007). *Sublimação: Clínica e Metapsicologia*. São Paulo: Escuta.
- Clancier, A., & Kalmanovitch, J. (1984). *Le paradoxe de Winnicott. De la naissance à la creation*. Paris: In Press Éditions.
- Clancier, A., & Kalmanovithc, J. (1995 [1990]). Um borrifo de tinta em seu estilo (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In P. L. Giovacchini (Ed.), *Táticas e Técnicas Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 42-55). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Cropley, A. J. (1990). Creativity and mental health in everyday life. *Creativity Research Journal*, 3:3, 167-178. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1080/10400419009534351>
- Davis, M., & Wallbridge, D. (1982 [1981]). *Limite e Espaço: Uma introdução à obra de D. W. Winnicott [Boundary and Space: An Introduction to the Work of D. W. Winnicott]* (E. Nick, Trans.). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- De Pereira, A. M., Ragau, M. R., De Weinstein, L. V., & Jadur, S. G. (2007). Authors who have an impact on candidates' training: cultural differences and theoretical languages. *International Journal of Psychoanalysis*, 88, 1245-1261.
- Dias, E. O. (1998). *A teoria das psicoses em D. W. Winnicott*. Doutorado, PUCSP, São Paulo.
- Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, 2(1), 9-48.
- Dias, E. O. (2002). A trajetória teórica de Winnicott *Nat. hum. [online]*, 4(1), 111-156. Retrieved from <http://www.centrowinnicott.com.br/saopaulo/uploads/c93f7194-434a-1081.pdf>
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Drapeau, P. (2002). From Freud to Winnicott: an encounter between mythical children. In L. Caldwell (Ed.), *The Elusive Child* (pp. 15-44). New York: Jason Aronson.
- Franco, S. d. G. (1995). *Hermenêutica e a psicanálise na obra de Paul Ricouer*. São Paulo: Loyola.
- Franco, S. d. G. (2003). Psicopatologia e o viver criativo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. VI, nº2 pp. 36-50. Retrieved from <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=233018066003>.
- Frayse-Pereira, J. A. (2010 [2006]). *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise* (2ª ed.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Freud, S. (1900a). A Interpretação dos Sonhos (I) [*The Interpretation of Dreams*] (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905d). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (J. Salomão, Trans.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 119-217). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905e). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria [*Fragment of an Analysis of a Case of a Hysteria*] (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1908d). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 167-188). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1908e [1907]). Escritores Criativos e Devaneio (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 133-146). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1910a). Cinco Lições de Psicanálise (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 17-65). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1910c). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1911b). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1913f). O Interesse Científico da Psicanálise (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 169-192). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1914). Introdução ao Narcisismo (P. C. Souza, Trans.) *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros temas [1914-1416]* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1914b). O Moisés de Michelangelo (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1916-17). Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (Partes I e II) (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1930a). O Mal Estar da Civilização (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1950 [1892-1899]). Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess - Rascunho L. Notas I (2 de maio de 1897) (J. Salomão, Trans.). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Fulgencio, L. *Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D. W. Winnicott*. Centro de Ciências da Vida, PUC-Campinas. Campinas, SP.
- Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza Humana [on line]*, 5(1), 127-164. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000100005
- Fulgencio, L. (2005). *Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade*. Centro de Ciências da Vida, PUC-Campinas (Trabalho não publicado). Campinas, SP.
- Fulgencio, L. (2006). *Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D. W. Winnicott*. Programa de Pós-Graduação. Centro de Ciências da Vida, PUC-Campinas (Trabalho não publicado). Campinas, SP.
- Fulgencio, L. (2007a). Paradigmas na história da psicanálise. *Natureza Humana [on line]*, 9(1), 97-128.
- Fulgencio, L. (2007b). *Winnicott e Freud: redescrição dos pilares empíricos da psicanálise*. Centro de Ciências da Vida, PUC-Campinas (Trabalho não publicado). Campinas, SP.
- Fulgencio, L. (2010). Aspectos gerais da redescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 21(1), 99-125.
- Fulgencio, L. (2011a). *A necessidade de ser como fundamento da teoria psicanalítica do desenvolvimento para D. W. Winnicott*. Centro de Ciências da Vida, PUCCampinas (Trabalho não publicado). Campinas, SP.
- Fulgencio, L. (2011b). [Winnicott: continuidades e rupturas em relação a Freud].
- Gadamer, H.-G. (2005 [1986]). *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma hermenêutica filosófica [Wahrheit und Methode]* (F. P. Meurer, Trans. 7ª ed.). Petrópolis: EDUSF
- Goldman, D. (1993). *In Search of the Real: The Origins and Originality of D. W. Winnicott*. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson Inc.
- Gombrich, E. H. (1993). *A História da Arte* (Á. Cabral, Trans. 15ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan (Trabalho original publicado em 1972).
- Green, A. (1984). Winnicott et le modèle du cadré. In A. Clancier & J. Kalmanovitch (Eds.), *Le paradoxe de Winnicott. De la naissance à la création*. Paris: In Press Éditions.
- Green, A. (1994 [1992]). *Revelações do Inacabado: sobre o cartão de Londres de Leonardo Da Vinci [Révélations de l'Inachèvement]* (C. A. Rodrigues, Trans.). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Grolnick, S. (1993 [1990]). *Winnicott o Trabalho e o Brinquedo: Uma Leitura Introdutória [The Work & Play of Winnicott]* (R. M. Garcez, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hjulmand, K. (1999). Lista completa das publicações de D. W. Winnicott *Nat. hum. [online]*, vol.1, n.2, pp. 459-517. Retrieved from

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24301999000200012&script=sci_arttext

- Houaiss, A., & Villar, M. d. S. (Eds.). (2009) Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kahr, B. (1997 [1996]). *A Vida e Obra de D. W. Winnicott: Um Retrato Biográfico [D. W. Winnicott: A Biographical Portrait]*. (C. Alfaro, Trans.). Rio de Janeiro: Exodus Editora.
- Khan, M. M. R. (1958a). Introdução (D. L. Bogomoletz, Trans.). In D. W. Winnicott (Ed.), *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 11-54). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Kon, N. M. (1997). Arte e Psicanálise: Winnicott e Freud. In I. F. M. Catafesta (Ed.), *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade* (pp. 185 - 192). São Paulo: Lemos.
- Kuhn, T. S. (1989). *A estrutura das revoluções científicas [The Structure of Scientific Revolutions]* (B. V. Boeira & N. Boeira, Trans. 5ª ed.). São Paulo: Perspectiva (Trabalho original publicado em 1970).
- Kupermann, D. (2003). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Laplanche, J., & Pontalis. (1996). *Vocabulário de Psicanálise [Vocabulaire de la Psychanalyse]* (P. Tamen, Trans.). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1987).
- Lawn, C. (2007). *Compreender Gadamer* (1ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Loparic, Z. (1997). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 4 (2), 375-387.
- Loparic, Z. (2001). Esboço do Paradigma Winnicottiano. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 11(2), 7-58. Retrieved from <http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/Zeljko%20Loparic.pdf>
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Revista Natureza Humana*, 8 (Especial 1), 21-47.
- Loparic, Z. (2010). Winnicott Clínico. *Nat. hum. [online]*, 12(2), 1 - 26. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302010000200008&script=sci_arttext
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da Criatividade [Psychologie de la créativité]* (M. C. M. Moraes, Trans.). Porto Alegre: Artmed (Trabalho original publicado em 2003).
- May, R. (1982 [1975]). *A coragem de criar* (A. S. Rodrigues, Trans. 2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Mello Filho, J. d. (2001). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott* (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Micheli-Rechtman, V. (2007). L'approche herméneutique du sens dans l'herméneutique allemande: la compréhension contre la déperdition du sens. In *La Psychanalyse face à ses détracteurs* (Vol. p.85-114). Paris: Editions Flammarion.
- Modell, A. H. (1995 [1990]). As raízes da Criatividade e o Uso do Objeto (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In P. L. Giovacchini (Ed.), *Táticas e Técnicas Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 96-106). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morel, D. (1990). Ter um Talento, Ter um Sintoma: As Famílias Criadoras (A. M. Leandro & L. Aratangy, Trans.). São Paulo: Escuta (Trabalho original publicado em 1988).
- Nakano, T. d. C., & Weschsler, S. M. (2007). Criatividade: Características da Produção Científica Brasileira. *Avaliação Psicológica*, V.6; n.2, pp. 261-270. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712007000200015&lng=pt&nrm=iso website:
- Nasio, J. D. (1997 [1988]). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise [Enseignement de 7 concepts cruciaux de la psychanalyse]* (V. Ribeiro, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Newman, A. (2003 [1995]). *As Ideias de Winnicott: Um Guia [Non-compliance in Winnicott's Words]* (D. L. Bogomoletz, Trans.). Rio de Janeiro: Imago.

- Ogden, T. (1996). *Os Sujeitos da Psicanálise [Subjects of Analysis]*. (C. Berliner, Trans.). São Paulo: Casa do Psicólogo (Trabalho original publicado em 1994).
- Outeiral, J. A. (2010). Transicionalidade e Criatividade: Rabiscos sobre o viver criativo. *Jornal de Psicanálise*, V.43 (78), pp. 91-98.
- Perestrello, M. (1997). O Artista e a Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. XXXI, n.º 3, 565-579.
- Pessoa, F. (1995). Navegar é preciso *Fernando Pessoa - Obra Poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar.
- Phillips, A. (2006 [1988]). *Winnicott* (A. Siedschlag, Trans.). Aparecida, SP: Ideias & Letras (Trabalho original publicado em 1988).
- Phillips, A. (2008 [2005]). *Louco para ser normal [Going Sane]* (M. L. X. d. A. Borges, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rodman, F. R. (1995 [1990]). A Insistência em Ser Ele Próprio (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In P. L. Giovacchini (Ed.), *Táticas e Técnicas Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 27-41). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise [Dictionnaire de la psychanalyse]* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1997).
- Roussillon, R. (1999). l'introduction. *Le paradoxe de Winnicott. De la naissance à la creation*. Paris: In Press Éditions.
- Roussillon, R. (2009). Transitionnel et réflexivité. *Les Lettres de La Société de Psychanalyse Freudienne, Winnicott, un psychanalyste dans notre temps*(21), 123-140.
- Santos, M. A. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicol. Reflex. Crit.*, 12, nº3. Retrieved from 21.ago.2011 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300005&lng=pt&nrm=iso
- Segal, H. (1993). *Sonho, Fantasia e Arte [Dream, Phantasy and Art]* (B. H. Mandelbaum, Trans.). Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original publicado em 1991).
- Simonton, D. K. (2002). *A Origem do Gênio. Perspectivas Darwinianas sobre a Criatividade [Origins of genius]*. (C. H. P. D. d. Fonseca & L. G. B. Chaves, Trans.). Rio de Janeiro: Editora Record (Trabalho original publicado em 1999).
- Strachey, J. (1915). Introdução do Editor Inglês - Artigos sobre Metapsicologia (J. Salomão, Trans.) *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 111-113). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Wechsler, S. M., & Nakano, T. d. C. (2002). Caminhos para a avaliação da criatividade: Perspectiva Brasileira. In R. Primi (Ed.), *Temas em Avaliação Psicológica* (pp. 103-115). Campinas: IDB.
- Winnicott, C. (1989a). D.W.W.: Uma Reflexão (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 1-13). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1931p). Notas sobre Normalidade e Ansiedade [A note on normality and anxiety] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 57-76). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1942b). Por que as Crianças Brincam [Why children play] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 161-165). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1943c). Leucotomia Pré-Frontal (Parte I, cap. 64) [Prefrontal leucotomy] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 412). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1945d). Desenvolvimento Emocional Primitivo [Primitive emotional development] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

- Winnicott, D. W. (1945h). Para um estudo objetivo da natureza humana [*Towards an objective study of human nature*] (M. A. V. Veronese, Trans.). In R. Shepherd, J. Johns & H. T. Robinson (Eds.), *D. W. Winnicott. Pensando Sobre Crianças* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Winnicott, D. W. (1946b). Aspectos da Delinquência Juvenil [*Some psychological aspects of juvenile delinquency*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 256 - 261). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1947b). Mais Ideias Sobre os Bebês como Pessoas [*Further thoughts on babies as persons*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 95-103). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1948b). Pediatria e Psiquiatria [*Paediatrics and psychiatry*] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 233-253). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1949b). O Bebê como Organização em Marcha [*The baby as a going concern*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 26-30). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1949m). O Mundo em Pequenas Doses [*The world in small doses*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 76-82). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1949n). As crianças e as outras pessoas [*Young children and other people*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 116-124). São Paulo: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1953a [1952]). Psicoses e Cuidados Maternos [*Psychoses and child care*] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1953c [1951]-a). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais (1ª versão) [*Transitional objects and transitional phenomena*] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1953c [1951]-b). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais (2ª versão) [*Transitional objects and transitional phenomena*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1954a [1949]). A Mente e sua Relação com o Psicossoma [*Mind and its relation to the psycho-soma*] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 332-346). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1955d [1954]). Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Psicanalítico [*Metapsychological and clinical aspects of regression within the psychoanalytical set-up*] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1957d [1939]). Agressão (Parte de Agressão e suas Raízes) [*Aggression*] (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 93-102). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1957h [1955]). Primeiras Experiências de Independência [*First experiments in independence*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 189-195). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1957j [1945]). De novo em casa (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 53-58). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1957o). A contribuição da mãe para a sociedade [*The mother's contribution to society*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 117-122). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1957p [1945/1928]). O Filho Único [*The only child*] (Á. Cabral, Trans.) *A criança e seu mundo* (6ª ed., pp. 148-153). Zahar Editores, 1982.

- Winnicott, D. W. (1958c [1956]). A Tendência Anti-Social [The antisocial tendency] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 406-416). Rio de Janeiro: Imago ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1958d [1952]). Ansiedade Associada à Insegurança [Anxiety associated with insecurity] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 163-167). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1958e [1936]). O Apetite e os Problemas Emocionais [Appetite and emotional disorder] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 91-111). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1958f [1949]). Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade [Birth memories, birth trauma, and anxiety] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 254-276). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1958g [1957]). A capacidade para estar só [The capacity to be alone] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1958k [1935]). A Defesa Maníaca [The Manic Defense] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 199-217). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1958n [1956]). A Preocupação Materna Primária [Primary maternal preoccupation] (D. L. Bogomoletz, Trans.) *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.
- Winnicott, D. W. (1960c). Teoria do relacionamento paterno-infantil [The theory of the parent-infant relationship] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1963d). Moral e educação [Morals and education] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 88-98). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965h [1959]). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? [Classification: Is there a psycho-analytic contribution to psychiatric classification] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 114-127). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965j [1963]). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos [Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 163-174). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965k [1950]). A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar [The deprived child and how he can be compensated for loss of family life] (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 195-213). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1965m [1960]). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self [Ego distortion in terms of true and false self] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965n [1962]). A integração do ego no desenvolvimento da criança [Ego integration in child development. In *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed, 1983.

- Winnicott, D. W. (1965r [1963]). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo [*From dependence towards independence in the development of the individual*] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 79-87). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965s [1955]). Influências de grupo e a criança desajustada: O aspecto escolar [*Group influences and the maladjusted child: The school aspect*] (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 215-226). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1965t [1950]). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura [*Growth and development in immaturity*] (M. B. Cipolla, Trans.) *A Família e o Desenvolvimento Individual* (2ª ed., pp. 29-41). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Winnicott, D. W. (1965vc [1962]). Provisão para a criança na saúde e na crise [*Providing for the child in health and crisis*] (I. C. S. Ortiz, Trans.) *O Ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 62-69). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1965vf [1960]). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê [*The relationship of a mother to her baby at the beginning*] (M. B. Cipolla, Trans.) *A Família e o Desenvolvimento Individual* (2ª ed., pp. 21-28). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Winnicott, D. W. (1967b). A Localização da Experiência Cultural [*The location of cultural experience*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 133-144). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1967c). O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil [*Mirror-role of mother and family in child development*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1968b). O aprendizado infantil [*Children learning*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 137-144). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1968d). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências [*Communication between infant and mother, and mother and infant, compared and contrasted*] (J. L. Camargo & M. H. S. Patto, Trans.) *Os bebês e suas mães* (3ª ed., pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1968e [1967]). A delinquência como sinal de esperança [*Delinquency as a sign of hope*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 81-91). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1968i [1967]). O Brincar: uma exposição teórica [*Playing: A theoretical statement*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 59-77). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1969i [1968]). O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações [*The use of an object and relating through identifications*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 121-131). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1971a). *O Brincar & a Realidade* (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1971f [1967]). O conceito de indivíduo saudável [*The concept of a healthy individual*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1971g). A criatividade e suas origens [*Creativity and its origins*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- Winnicott, D. W. (1971r). O Brincar: A Atividade Criativa e a Busca do Eu (Self) [*Playing: Creative activity and the search for the Self*] (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.) *O Brincar & a Realidade* (pp. 79-93). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

- Winnicott, D. W. (1971va [1966]). Os Elementos Masculinos e Femininos Ex-cindidos Encontrados em Homens e Mulheres [*The split-off male and female elements to be found in men and women*] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 134-144). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1971vc). Introdução (Parte I) [Introduction (Part One)] (J. M. X. Cunha, Trans.) *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil* (pp. 9 - 19). Rio de Janeiro: ImagoEd., 1984.
- Winnicott, D. W. (1984c [1960]). Agressão, culpa e reparação [*Aggression, guilt and reparation*] (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 153-162). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1984f [1958]). A Psicologia da Separação [*The psychology of separation*] (Á. Cabral, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Privação e Delinquência* (3ª ed., pp. 149-152). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1986h [1970]). Vivendo de modo criativo [*Living creatively*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 23-39). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1987b [1919]). Carta 1, Para Violet Winnicott, de 15 de novembro de 1919. (L. C. Borges, Trans.). In F. R. Rodman (Ed.), *O Gesto Espontâneo* (1ª ed., pp. 1-3). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Winnicott, D. W. (1987b [1954]). Carta 36, Para Anna Freud, de 18 de março de 1954. (L. C. Borges, Trans.). In F. R. Rodman (Ed.), *O Gesto Espontâneo* (pp. 51). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Winnicott, D. W. (1987c [1996]). As origens do indivíduo [*The beginning of the individual*] (J. L. Camargo & M. H. S. Patto, Trans.) *Os bebês e suas mães* (3ª ed., pp. 43-49). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Winnicott, D. W. (1987e [1966]). A mãe dedicada comum [*The ordinary devoted mother*] (J. L. Camargo & M. H. S. Patto, Trans.) *Os bebês e suas mães* (3ª ed., pp. 1-11). São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana [Human Nature]* (D. L. Bogomoletz, Trans.). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.
- Winnicott, D. W. (1989f [1967]). Pós-escrito: D.W.W. sobre D.W.W [*Postscript: D.W.W. on D.W.W*] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 433-443). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1989vh [1968]). O Brincar e a Cultura [*Playing and culture*] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 160-162). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1989xf [1962]). Primórdios de uma Formulação de uma Apreciação e Crítica de Enunciado Kleiniano da Inveja (Parte II, cap. 53). [*The beginnings of a formulation of an appreciation and criticism of Klein's envy statement*] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 340 - 347). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1996k [1948]). Necessidades ambientais; os estágios iniciais; dependência total e independência essencial [*Environmental needs. The early stages: Total dependence and essential independence*] (M. A. V. Veronese, Trans.). In R. Shepherd, J. Johns & H. T. Robinson (Eds.), *D. W. Winnicott. Pensando Sobre Crianças* (pp. 51-56). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Winnicott, D. W. (1996o [1948]). Introdução primária à realidade externa: os estágios iniciais [*Primary introduction to external reality: The early stages*] (M. A. V. Veronese, Trans.). In R. Shepherd, J. Johns & H. T. Robinson (Eds.), *D. W. Winnicott: Pensando Sobre Crianças* (pp. 45-50). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Winnicott, D. W., & Khan, M. M. R. (1953i). W. R. D. Fairbairn: Resenha de Psychoanalytic *Studies of the Personality* [Book review. Fairbairn, W.R.D.: *Psychoanalytic Studies of the Personality*] (J. O. d. A. Abreu, Trans.). In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.), *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 316 - 323). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.